

IURI KOSVALINSKY



IURI x IURI

SOMBRAS RUSSAS

Ontem amanheci com uma dor incrível em meu peito, isto após não ter novamente conseguido dormir como sempre costumo dormir. Sei o que estou sentindo? Não posso afirmar. Apesar de ser algo estranho e perigoso, como os amantes designam “amor”. Mas eu não posso afirmar, afinal sou um conceituado e renomado profissional de uma das maiores universidades de nosso planeta e além do mais casado, pai de Igor, um menino fantástico que acredito possui todos os motivos para ser alguém muito mais importante na vida que eu.

Tirei minhas curtas férias após seis anos sem poder imaginar nelas, para tentar esquecer um novo amor que surgiu em meu caminho. Veja só. Me apaixonar por uma inspiração. Somente eu mesmo. Somente eu. Mas a vida é tão fantástica que aqui, tão longo de Moscou e da vida corrida da Universidade de Lomonossov não parei de pensar um só instante em Raissa. Então você acha que estou bem. O que você pode me dizer a respeito Yorbalenko.

Então amigo Yorbalenko, você com toda sua experiência pode me julgar, talvez eu seja um fraco, apesar de tantos conhecimentos do mundo, tantas teses defendidas, tantos sonhos, tantas metas, tudo o que imaginei nesta minha vida se tornaram realidade, ou então estão sendo. Bem, você sabe de tantas coisas a meu respeito que seria um descaso eu ficar aqui lembrando para você, porém, isto faz bem para meu triste coração. Me desculpe. Talvez eu precise me desculpar com muitas pessoas, talvez não. Talvez eu seja culpado por tudo que acontece em meu caminho, talvez não. Talvez as coisas se encaixem definitivamente, talvez não. Talvez então eu desista de tudo e volte para Privolnoye e continue vivendo no campo. Calmamente. Já lhe falei que se alguém fosse escrever minha biografia talvez devesse começar assim: “Iuri foi a contradição em vida dos conceitos que conhecemos como correto e errado, religioso e ateu, simples e complexo. Iuri para simplificar jamais deixou alguém saber ao certo o que se passava em seu coração, talvez nem mesmo ele soubesse, entretanto...”.

Então porque minha vida tem que ser desta forma, calma... conturbada, alegre... triste, aberta... completamente enigmática?

(Senti neste momento algumas lágrimas se formando em meus olhos). E, milhares de imagens se formaram diante de mim. Tantas ao mesmo tempo que transtornaram meu ser.

Após alguns minutos em silêncio, com pensamentos em branco voltei a raciocinar. Já lhe disse que estou economizando tanto quanto possível para que eu realize um dos meus últimos sonhos, visitar o Brasil em 2008. Sei que falta muito tempo (talvez, quando estivermos lá por volta de 2007, Dezembro, vamos olhar para trás e então diremos “parece que foi ontem que...”). Por outro lado talvez nem mesmo estejamos aqui neste nosso mundo, que a cada dia se torna mais preocupante e perigoso, afinal nunca sabemos o que se passa na mente destes políticos que num golpe do acaso, ajudamos a “subir ao trono” e comandar nossas vidas. Me desculpe mais uma vez, sei que você admira os “encantos políticos” deste burocrata cínico que é Boris Nikolayevitch Yeltsin, oriundo da região de Yekaterimburg, onde drasticamente foi aniquilada a última família de czares do Império Russo, mas este bêbado não consegue e imagino que nunca

conseguirá me convencer que é a solução da Rússia. Amigo, lhe faço uma pergunta como podemos nos enganar facilmente. Somos intelectuais e acima de tudo patriotas, entretanto, um simples bêbado nos levou a esquecer tudo o que Gorbachev havia feito pelo MUNDO e iludirmos que ele poderia ser melhor que Gorbachev. Ainda me lembro das imagens basicamente propagandísticas onde Yeltsin sobe em um carro blindado nas ruas de Moscou para protestar contra o putsch que derrubara Gorbachev, valendo-se da fraqueza de um povo que nunca soube o que era uma democracia. Yeltsin aproveitou um momento de dor, angústia e sofrimento deste maravilhoso povo para dismantlar a já enfraquecida União Soviética e tornar-se o todo poderoso da atual Rússia que imaginávamos estaríamos no caminho de todas as soluções. Hoje, porém, já passados oito anos nada mudou... muito. Só aumentou a influência da máfia russa em todos os cantos de nosso país, como também aumentou as jogadas políticas para os escândalos do poder russo... Opa!, já ia me esquecendo, também aumentou as internações deste maníaco bêbado em hospitais para tentativas infrutíferas de desintoxicá-lo da bebida.

Agora pouco, as 02:45 da manhã, eu estava sentado perto da cama de minha esposa, Svetlana, e então fico imaginando tudo o que passamos juntos. Quando nasci, aqui mesmo nesta região eu não imaginava que estaria um dia lhe escrevendo para reclamar de políticos que são uma piada, ou ainda escrevendo-lhe para desabafar de algum sentimento complexo que me atormenta. Passei uma infância comum, como todo garoto de Privolnoye. Mas isto já faz muitos anos e não consigo me recordar abertamente. Depois estudei como todo mundo. Frequentei a universidade e arrumei vários problemas tanto com “amigos”, diretores e também com garotas. Você se lembra, afinal você também estava lá. Então fomos para a capital, Moscou, nem acreditei quando cheguei, aquela imensidão de construções, pessoas, mundos unidos num só local. Você se lembra da cara que fiz quando conhecemos a Praça Vermelha (Krasnaya Proshda). Foi um riso total, ver a Catedral de São Basílio, o Mausoléu de Lênin. E... dentro do Kremlin, as fantásticas construções das Catedrais da Anunciação, da Dormição, de São Miguel Arcanjo... do Palácio do Kremlin, as Câmaras Facetada e a Armaria... o Palácio do Patriarca... São tantas construções fabulosas que o mundo só abriu os olhos para vê-los agora, após tantos séculos escondidos. Também culpa de nossos líderes que pensavam de uma forma equivocada sobre o turismo que hoje é uma das principais fontes de renda de nossa nação. Mas nada se comparou com o encontro de intelectuais que tivemos com Mikhail S. Gorbachev em 1986. Aquilo foi fantástico e sem dúvida jamais esquecerei. Tudo nesta vida, caro Yorbalenko, é consequência do que pensamos, planejamos e entendemos – na maioria das vezes – como correto. Assim caminha a humanidade desde seus primórdios até o momento em que estou aqui sentado em frente a este Pentium digitando esta pequena mensagem e, suponho tende a continuar assim por muitos séculos ainda. (Pelo menos é o que eu penso).

Desculpe-me mas já estou cansado, amanhã continuo...

Novamente madrugada, parece que só encontro forças para escrever nestes momentos desolados que batem à minha porta. Nestas madrugadas frias de Privolnoye, 03:39 da Manhã de 12 de Junho de 1.999, ohhhh, dia dos namorados em seu país, meu amigo. Aqui, entretanto, será mais um Sábado sem muitos afazeres, afinal estou de férias, porém não consigo me desligar dos fatos da Universidade, afinal já estou lá há doze anos. Como passaram rápido.

Acordei em meio a noite e não consigo mais dormir, estou novamente sendo atormentado por aqueles pensamentos dos quais lhe contei em e-mail datado de 08/06/99. Raissa não me sai da cabeça. Não tenho forças para esquecê-la. Quando poderia imaginar que estaria sofrendo destes males que assolam os corações humanos por toda eternidade. Como são raros os momentos de alegria que possuo, talvez seja por isso que sempre caio nestas armadilhas da vida. Motivo de fuga das responsabilidades que adquiri durante a vida. Desta vez, porém, os acontecimentos mais e mais atormentam meu ser. Eu poderia dizer Nyet, Nyet e acabar com tudo, mas as coisas desta vida não são tão fáceis assim.

Olho para trás e vejo Svetlana dormindo. Parece até mesmo um anjo, minha companheira de longa data, e me culpo novamente por pensar em outra. Como posso? Talvez eu nem saiba que sou um canalha, sendo que fui formado para ser um espelho, um exemplo. Será que não esqueci durante todos estes anos de que além das responsabilidades da vida, o velho coração é uma armadilha diária. Como sou tolo. Como. Apesar de tantas realizações possuo uma carência complexa neste universo. Será que consigo superar?

Questões futuras a parte o importante agora é que este sofrimento me leva a crer que existe algo além da compreensão humana, além da ciência, algo superior, completamente desconhecido que joga com nossos sentimentos e que vença o mais forte. Porque isso? São tantas as questões que apareceram em minha vida e que ficaram sem respostas que nem ao menos consigo enumerá-las.

Yorbalenko, não agüentava mais, então ontem fui para Moscou e convidei Raissa para jantar-mos. Foi tudo fantástico. (Jantamos naquele velho restaurante na famosa Rua Arbat). Eu estava completamente nervoso, com todo meu corpo estranho, até parecia aqueles meninos tremendo na cadeira de um dentista. Mas aos poucos superei meu nervosismo e conversamos como adultos. Raissa, antes que eu me esqueça, é uma pessoa fantástica, fabulosa. Claro Yorbalenko, você sabe que sou exigente, eu não poderia ter como inspiração alguém que não fosse assim. Tenho que lhe dizer que apesar de tantas coisas complicadas que aconteceram e ainda continuam a acontecer na vida de Raissa ela se mantém de cabeça firme... Preciso enxugar minhas lágrimas... Caro amigo, prefiro não lhe mencionar os problemas, senão nem mesmo poderei continuar a lhe contar sobre o encontro.

Foi assim: Levei-a àquela mesa que costumávamos ir quando você vinha à Moscou. A não ser os garçons ninguém nos incomodou. Após ter superado os traumas iniciais e uma conversa de aproximadamente duas horas tantas coisas foram reveladas entre ambos, que agora estou mais motivado para prosseguir minha jornada. Agora sinto que minha amizade é mais forte que tudo. Mais forte que reles pensamentos selvagens de nossa raça. Mais forte que simples interesses ou decepções... Desculpe, mas não vou conseguir lhe contar amigo. Porque somos tão fracos nestas horas?

Pensei muito no caminho de volta para Privolnoye. Pensei tanto a ponto de em muitos instantes nem saber onde estava. Entretanto, por tantas coisas que acontecem em nosso coração sinto que jamais se apagará esta chama que aqui tenho guardada. Nem mesmo o frio da Sibéria onde já estive por algum tempo, conseguirá apagar. Gostaria que Raissa jamais se esquecesse que em nenhum instante, desde longa data, fiz vista grossa aos

seus problemas. Não podendo ajudar diretamente, estava eu sofrendo às escuras, em algum lugar daqueles corredores frios da Universidade Lomonossov.

Tudo que amamos devemos preservar.

Ou tudo pode acabar como num simples raio.

Mas a vida é tão bela, tão apaixonante que a todo momento nos reserva um espetáculo.

**Espero que Raissa um dia
compreenda a importância deste
sentimento maior que a humanidade
que por ela sinto e que jamais se
apagará.**

Talvez eu precise me desculpar com muitas pessoas, talvez não. Talvez eu seja culpado por tudo que acontece em meu caminho, talvez não. Talvez as coisas se encaixem definitivamente, talvez não. Não sei. Talvez então eu desista de tudo, abandone a Universidade, minha vida em Moscou e volte para Privolnoye e continue vivendo no campo. Calmamente.

Será que conseguirei?

Iuri Kosvalinsky
12/06/99

REFLEXOES

Hoje são 07 de Julho de 1.999, amanhã estarei me despedindo de Privolnoye. Nestas últimas semanas que estive, teoricamente, afastado da Universidade de Lemonossov não consegui, na verdade descansar. Porquê? Bem, primeiramente não consigo, após vários anos de vida contínua naquela instituição, afastar-me realmente, desligar-me dos problemas que cercam toda e qualquer instituição. Depois alguns problemas, corriqueiros, surgiram na dacha¹ de meus pais, problemas estes com alguns funcionários que cuidam das plantações para minha mãe. Afinal meu pai encontra-se em atividade pelo exército na distante Vladivostok. Entretanto, estes acontecimentos não merecem certas referências. Não tenho certeza, mas acredito que nunca falei sobre meu pai, que trabalhou por tantos anos a serviço do Exército Vermelho na região da Alemanha Oriental que hoje é “história”, e agora que acreditava que ele estaria com minha mãe em Privolnoye, a antiga K.G.B. - Komiter Gosudarstvennoi Bezopasnosti, atual S.V.R., localizado na Yasenevo, 11 Kolpachny, Moscou, achou uma forma de enviá-lo para a distante região de Vladivostok, e assim, prolongar mais alguns anos em seus “serviços pela pátria”. Dificilmente temos alguma notícia dele naquela região. Fico pensando em minha mãe, que agora poderia “curtir” sua vida juntamente com meu pai e ainda não se pode. Estou tentando através de alguns amigos poderosos aqui na bela Moscou, conseguir cancelar o trabalho de meu pai naquela região. Entretanto, não sou muito bem aceito pelo Deputado Diretor, General Ivan Gorelovsky, um dos principais homens do SVR atualmente na Federação Russa.

Gostaria de dizer que não tenho grandes críticas a fazer com relação ao antigo sistema comunista que tínhamos aqui, afinal sempre pude, com certo cuidado, usufruir dos meios mais modernos para minha pesquisa e também para meu divertimento que o ocidente possuía. Entretanto (tudo na vida tem esse “entretanto”) muitos amigos que não souberam utilizar-se dos meios para conseguir isto foram, em anos passados, enviados para a longínqua Sibéria, ou então que fugiram para outras nações não tão belas quanto a nossa. Hoje, estão de volta, após Gorbachev assinar um decreto e anistiar todos os presos políticos daquela região. Mas eles guardam em suas mentes até hoje os sofrimentos que suportaram a duras penas.

Yorbalenko, você está muito longe daqui. Vivendo um casamento que acredito, por seus e-mails, estar encaminhando-se muito bem. Fico feliz por você. Você merece. Lutou por isto. Ainda me lembro de quando você estava aqui e vivia se envolvendo com diversas mulheres. Realmente você soube viver, aproveitou cada momento e não fez como eu que fiquei apenas imaginando as aventuras da vida e nunca tive coragem de ousar. Antes não tive oportunidade para lhe parabenizar por seu casamento², mas aproveite a oportunidade para desejar-lhe sorte. Vá em frente!

Em certas horas da tarde afastei-me um pouco campo adentro e ouvi ao longe uma canção. Inicialmente não pude compreender ao certo mas à medida que me aproximava da fonte do som foi compreendendo que era trechos da música “Mother” de Pink Floyd...

¹ Pequena casa de campo russa.

² O casamento ocorreu em 23 de Janeiro de 1999, na cidade de Dourados-MS, Brasil.

Mother / Mother, do you think they'll drop the bomb? / Mother, do you think they'll like this song? / Mother, do you think they'll try to break my balls? / Ooooowaa Mother, should I build a wall?

... era muito bonita, eu sempre que precisava concentrar-me em trabalhos da universidade, ficava por horas ouvindo músicas deste grupo inglês que para mim soube cativar gerações. “Mother” está entre algumas das músicas mais fantásticas que eles compuseram...

Mother, should I run for President? / Mother, should I trust the government? / Mother, will they put me in the firing line? / Ooooowaa Is it just a waste of time?

... outras são “Another Brick in the Wall”, “Lost for Words”, “Wish You Were Here”, “Learning to Fly” , “Run Like Hell” e também “Sorrow”, esta última com destaque especial.

Hush, my baby. Baby, don't you cry. / Momma's gonna make all of your nightmares come true. / Momma's gonna put all of her fears into you. / Momma's gonna keep you right here under her wing. / She won't let you fly, but she right let you sing. / Momma's gonna keep Baby cozy and warm. / Oooo Babe./ Oooo Babe. / Ooo Babe, of course Momma's gonna help build a wall. / Mother, do you think she's good enough, / For me? / Mother, do you think she's dangerous, / To me? / Mother will she tear your little boy apart? / Ooooowaa Mother, will she break my heart? / Hush, my baby. Baby, don't you cry. / Momma's gonna check out all your girlfriends for you. / Momma won't let anyone dirty get through./ Momma's gonna wait up until you get in. / Momma will always find out where you've been. / Momma's gonna keep Baby healthy and clean. / Oooo Babe. / Oooo Babe. / Ooo Babe, you'll always be Baby to me. / Mother, did it need to be so high?

A vida aqui tem se encaminhado muito lentamente, pude nestes poucos dias, passar alguns momentos de intensa alegria com meu filho Igor que agora está completando dezoito meses, outros tantos momentos com a fantástica Svetlana que sempre esteve ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis. Também fiquei momentos pensando em como somos fascinados por nossas crianças, tudo que fazem é motivo de admiração por nossa parte.

Passei todo o dia andando pelo campo a procura de paz interior, tentando esquecer os pensamentos complexos e indevidos que me vinham a mente. Acredito que agora já estou um pouco melhor, com a cabeça no lugar. Imaginei algumas coisas sobre Raisa (aquela pessoa que já lhe disse está confundindo minha cabeça) que são impróprias para minha situação de esposo e companheiro. Outros pensamentos não menos indevidos foram com relação aos enfrentados alguns dias antes com a reitoria da Universidade, onde houve alguns problemas mais sérios na Faculdade de História onde Raisa trabalhava. Esta faculdade está localizada sob o seguinte endereço; 1-st training building, MSU³, Vorobjovy Gory, Moscou, 119899, e está sob a tutela de Sergei

³ Moscow State University

Pavlovich Karpov, que pessoalmente tenho certas divergências, tanto profissionais quanto políticas. Simplesmente após esta reunião com o conselho da universidade as mudanças foram realizadas e Raisa passou a trabalhar para a Faculdade de Economia, localizada no edifício dois no mesmo endereço e que está sob a tutela de Vassily Petrovich Kolesov, faculdade esta que tenho o controle. Resumindo, Raisa passou a trabalhar diretamente comigo. Mais um complicador. Yorbalenko, foram muito os momentos de grande amargura e tristeza por que passei, entretanto, estes momentos após serem superados me tornaram muito mais preparado para a vida. Apesar de tantas provações nunca perdi meu humor e minha meta de vida. Jamais deixei de ser este “cara humano”. Até parece piada uma pessoa assim nesta metrópole mundial e fria. Lembrei-me, aqui tão longe de Moscou, de alguns momentos que eu passava observando Raisa andando pelos imensos corredores da faculdade ou mesmo deslocando-se por entre as mesas que compunham nossa sala de trabalho. Em certas ocasiões ela utilizava alguns “modelitos” um tanto provocantes que – infelizmente – meus olhos não tinham a decência de ignorar. Entretanto, culpada é minha mente. Sempre imaginando fatos impróprios. Nestes dias pude observar, ao acaso, um e-mail que Raisa enviou para outrem de nome Josef C. Meldshinykov (pessoa esta que nunca tivemos um bom relacionamento) propondo encontrarem-se na cidade de Karyakula perto de Talin capital da República da Estônia. Neste e-mail ela propunha que ele tivesse à mão um vinho rose suave. Você não acha que isso me deixou um pouco confuso. Mas acredito que isto não tem fundamento, pois, conheço toda esta história desde seu começo. Sempre que estes momentos delicados tocavam minha alma eu buscava seus conselhos, amigo. Entretanto agora você está muito longe e não é sempre que podemos nos falar. Assim pude encontrar – alguns dias antes de viajar para Privolnoye – um novo companheiro para que possamos trocar estes acontecimentos... Seu nome...Sukhanov. Dimitri Vasilyevich Sukhanov.

Outra importante fase de minha vida foi quando eu compunha a sociedade do Komsomol, a Juventude Comunista. Nesta entidade pude aprender fatos importantes e conhecer os lados humano e ao mesmo tempo imponente da meta socialista. Pude conhecer mais a fundo os ideais do tão famigerado Stálin. Fui amigo íntimo de Pavel Bylevskiy, atualmente integrante do novo Komsomol o RYCL(b) - *Revolutionary Young Communist League*. Pude conhecer Gorbachev quando ele ainda trabalhava na região de Privolnoye. Foram tempos realmente fabulosos, mas hoje isso acabou e o contato com Gorbachev é mínimo. Quase nenhum.

17:40 horas, estou retornando para a dacha de meus pais e posso dizer que foi um dos dias mais pensativos que tive. Prepararei-me para deixar, juntamente com minha esposa e meu filho Igor, Privolnoye com destino à Moscou. Entretanto isto só se tornará realidade amanhã, hoje ainda posso jantar com tranqüilidade com minha família e minha mãe e aproveitando cada momento que ainda me resta, afinal não sei quando poderei retornar. Em doze anos de trabalhos na Universidade, consegui visitar meus pais apenas duas vezes. As coisas pioraram com o tumulto acontecido com o desmoronamento do império soviético. Éhhhhh, as coisas ficaram difíceis até pouco tempo atrás. Durante o período de 5 anos, viajei por quase todas as universidades das ex-repúblicas soviéticas, palestrando sobre as conseqüências da atual situação russa, bem como questionamentos sobre os poderes de Stálin e também do reformador do império, Gorbachev.

Posso citar as mais famosas universidades de três repúblicas onde fui mais aclamado. Na Ucrânia, as universidades de Odessa State Politechnic University e também na State

University Lvivska Polytechnic, na república do Uzbequistão fui muito bem recebido na universidade da capital Tashkent, Termez State University, e na Geórgia, pude encontrar-me com Eduard Amvrosiyevich Shevardnadze⁴, antigo assessor de Mikhail S. Gorbachev, durante o período de 1985 a Dezembro de 1990, e um dos criadores do projeto da “*perestroika*”⁵. Houve grande receptividade de sua parte o que me deixou muito satisfeito. Shevardnadze abandonou a política externa soviética e sua ajuda à Gorbachev em dezembro de 1990 alegando um futuro golpe de estado por parte da linha conservacionista soviética.

Em poucos momentos livres que tive estava sempre acompanhado de alguma obra da farta literatura russa, “Anna Karenina”, “Os Irmãos Karamazovi”, “Crime e Castigo”, “Almas Mortas”, entre vários, além – é claro – de farta informação diária sobre os acontecimentos mundiais. Caro camarada, as obras da literatura brasileira estão sendo traduzidas com grande interesse pelas editoras, alguns dos escritores brasileiros que posso mencionar são, Tomás Aquino Gonzaga, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Monteiro Lobato, Jorge Amado, Lima Barreto, Manoel Antonio de Almeida, Aluísio de Azevedo, Joaquim Machado de Assis, Castro Alves, Guilherme de Figueiredo e Afonso Schmidt.

Hoje, 14 de Julho de 1999, consegui um tempo livre, e fui juntamente com Sukhanov ao estádio do Spartak Moscou assistir à partida de futebol desta equipe com o Uralan Elista. A equipe do Spartak Moscou venceu, perante 13000 espectadores, pelo placar de 3x0 com gols de Gryazin aos 4 minutos, Kovtun aos 68 e Titov aos 74. A partida foi arbitrada por Yarygin da região de Yoshkar-Ola. Partida válida pela 16ª rodada do Campeonato Russo Pepsi de 1999, sendo que o Spartak está liderando o campeonato com 46 pontos contra 35 do segundo colocado o Lokomotiv também da região de Moscou. Esta foi a primeira oportunidade que tive de ir à um estádio de futebol. Sei que você já ouviu falar que Yashin, o famoso “aranha-negra”, um mito do futebol mundial e que este ano estaria fazendo 70 anos de idade. Lev Ivanovich Yashin jogou durante anos no Dínamo de Moscou e na Seleção nacional. Foi considerado o maior goleiro de todos os tempos.

Após a partida do Spartak nos despedimos de frente ao estádio e seguimos nossos destinos, afinal na manhã seguinte eu teria muito trabalho na universidade e não poderia faltar, afinal estava apenas retornando da tão suada “férias”.

Iuri Kosvalinsky
23/07/99

⁴ Shevardnadze anunciou sua retirada do governo soviético apontando para um futuro golpe de estado. Foi substituído no posto de chanceler soviético por Viktor Chernomyrdin. Shevardnadze tornou-se posteriormente, com a queda do império soviético Presidente da República da Geórgia.

⁵ Linha de política implementado pelo líder Gorbachev para iniciar uma nova retomada na política soviética.

RAISSA

Estes dias estive muito preocupado com algo, mas vou falar de duas Raissa, a minha e a outra.

Até então não sabia o que era, mas com o passar das horas fiquei sabendo e ao mesmo tempo chocado. Raissa tinha falecido. Não a minha Raissa, mas a Raissa de Gorbachev, a famosa Raissa, aquela que sempre esteve ao lado de Mikhail.

A minha Raissa anda um pouco “longe” de meu coração, mas ainda anda lá. Apesar de todos os meus olhares indiscretos para seus “modelitos”, consigo me controlar e manter minha posição social devidamente equilibrada. Não é por acaso que mantenho o controle da Faculdade de Economia da Universidade de Lemonossov.

A Raissa de Mikhail estava lá naquele inferno que foi o presídio residencial em Yalta durante o putsch de Agosto de 1991 e apesar de tudo segurou e apoiou Mikhail nestes momentos que pareciam seriam os últimos de suas vidas. No fim de tudo, Raissa estava abalada psicologicamente.

A minha Raissa tem – assim como eu – sua vida particular. Certo que talvez não seja tão alegre quanto a minha, mas alegrias e tristezas são relevantes, importante sim é o momento em que vivemos, tornando-o melhor a cada instante. Vivendo...

A Raissa de Mikhail estava lá junto de Gorbachev quando este voltou para Moscou, todo abalado para encontrar uma “bagunça política” incomum em sua gestão e tentar a todo custo reassumir o comando. Mas conseguiu?

A minha Raissa não esteve comigo em nenhum destes momentos, pois em todos eles eu estava em algum outro lugar trabalhando... ou ainda aproveitando os poucos momentos disponíveis com minha amada Svetlana e Igor. Ou então, sozinho em algum lugar desolado da imensa Rússia.

A Raissa de Mikhail esteve ao seu lado desde os longínquos anos de 1950 naquela Universidade Estatal de Moscou, aqueles anos de estudantes, enquanto ela fazia filosofia, ele fazia Direito. Nunca mais se separaram.

A minha Raissa ainda nem tinha nascido nesta época, nem mesmo eu. Só apareceríamos cerca de vinte anos depois. Então nos encontraríamos cerca de mais dezenove depois. Mas nunca estivemos muito ligados.

A Raissa de Mikhail estava naquele hospital estatal. Mikhail estava lá, ao seu lado, aguardando a chegada de Irina – a única filha.

A minha Raissa estava cursando, em seu devido tempo, os cursos primário e secundário, eu fazia o mesmo (em outro lugar) nem ainda sabia que existia um fantástico Mikhail e uma tão amada e imponente Raissa. Só conheceria alguns anos mais tarde.

A Raissa de Mikhail esteve mais uma vez ao seu lado naquele desastroso 25 de Dezembro de 1991. Gorbachev renuncia e a então União Soviética deixa a história, entra em seu lugar.... a Rússia ou a CEI? Mas não existirá nenhuma outra União

Soviética; desapareceram seus encantos, seus mistérios, suas fantasias... Entrou Boris Yeltsin.

Neste dia entretanto a História chamou novamente Gorbachev para o mundo. Faleceu Raissa e faleceu de leucemia. Num hospital da Alemanha, longe de minha terra. Longe de nossa casa. Então, conhecendo como eu conhecia os Gorbachev enviei uma nota aos jornais Pravda, New Siberia, Vladivostok News e ao St. Petersburg Times, que dizia:

“Não sou nenhum chefe de estado, político ou personalidade mundial famosa, entretanto, não poderia deixar passar em branco este momento tão doloroso que atingiu o Sr. Gorbachev, e tantas pessoas apaixonadas no mundo todo. Pessoas que sempre lutaram por ideais tão difíceis de serem conquistados e ao mesmo tempo tão simples: Solidariedade e Paixão pelo Próximo. Estas características sempre acompanharam esta tão elegante personalidade que foi Raissa Maximovna (Titarenko) Gorbachev. Gorbachev sim por Mikhail, mas muito mais Raissa que Gorbachev, por sua capacidade, inteligência e elegância.

Fica neste momento registrada as condolências de pessoas que como eu sentem este momento doloroso (falecimento 20/09/99, sepultamento 23/09/99).

Iuri Kosvalinsky
28/10/99

SONHOS

Interessante a forma que damos aos nossos sentimentos. Todos eles. Medo, raiva.... paixão. Todos eles nos consomem. Porque? Avançamos tanto na ciência e ainda não sabemos controlar nossos sentimentos. Incrível.

Caro Yorbalenko, sei que ainda posso contar contigo para meus desabafos. Está completando dezoito anos que trabalho na Universidade de Lomonossov. Experimentei muitas coisas nestes anos, conferências, viagens, tratados, até mesmo a experiência de ter nascido em um país e hoje morar em outro sem nunca ter saído do lugar. Mas os sentimentos sempre me consumiram.

Você, tenho certeza, ainda se lembra de Raissa. Ela se foi. Outras ficaram. A vida é cheia de surpresas.

Não posso falar se é destino, não posso falar nada sobre ele. Mas tenho uma facilidade incrível em ser “ombro para desabafos”. Aconteceu outro dia, Yorbalenko, eu e Visna precisamos fazer uma série de trabalhos, e por incrível que pareça, tocamos em assuntos pessoais. Por horas conversamos. Geralmente as pessoas me vêem como “centrado e inteligente”. Estas características me deixa, muitas vezes, encrencado. Não tenho qualquer experiência em lidar com eles (sentimentos) sempre sofro demais pelos outros. Prefiro meu trabalho na universidade.

Caro Yorbalenko, geralmente as pessoas buscam apoio quando estão solitárias, envolvidas na escuridão. A referência é a luz que está distante. Sonhos são sonhos. Eles motivam as pessoas buscarem realizações. Eles também destroem carreiras. Cuidado. Eles cumprem um papel social; o da seleção. São importantes.

Visna possui sonhos. Sonhos perigosos. Sonhos traiçoeiros. Que sonhos? Outro dia lhe falo amigo. Outro dia.

Yuri Kosvalinski
26/03/2005.

SURPRESA

Hoje é sexta-feira dia das paixões. Dia para enamorados aproveitarem os belos momentos da vida.

Sexta-feira à tarde dia de surpresa.

Surpresa = Algo que não esperamos.

Esperar = O que não é previsto.

Artes da paixão.

Sexta-feira. Tarde. Tarde de surpresa.

Não estarei aqui.

Mas, surpresa. Boa surpresa.

Aguarde.

Iuri Kosvalinsky

15/04/05.

VISNA MARIOKOVA

Boa Noite!

Em Moscou, 1:32 da manhã de 23 de junho de 2005.

A noite está bonita, silenciosa (dentro dos padrões de nossa cidade).

Este horário sempre é mais sensível, é um bom momento para refletirmos, colocarmos nossos pensamentos em ordem e conseguir energias extras para os próximos dias, ou os próximos problemas.

Ah!!!! Sou Iuri Kosvalinsky.

Tenho esse estranho hábito de sentar na sacada de meu apartamento quando não fico horas e horas no escritório da universidade de Lemonossov, para escrever sobre minhas lembranças.

Hoje vou falar de Visna Mariokova.

Vou falar porque passei momentos incríveis com ela. Momentos gratificantes. Mas se foram. Talvez voltem.

Vou contar...

Alguns encontros aconteceram e foram marcantes. Mas não posso deixar isso tomar minha mente. Tenho muitos interesses e objetivos a realizar com minha função na universidade e responsabilidades com minha família.

Mas continuo dizendo, foram encontros maravilhosos.

Entretanto, objetivamente acredito ter conseguido colocar alguns conselhos importantes para Visna.

Visna ainda é muito jovem e pode ter um futuro interessante, otimizando seus conhecimentos e sabendo usufruir nos momentos certos. Acredito em Visna e espero, profissionalmente, não me decepcionar.

Também espero que o lado negro da força não faça sua cabeça. Ela sabe o que quero dizer. Visna tem consciência das disputas profissionais na universidade.

Muitas vezes nosso coração já cansado se ilude com alguns acontecimentos que só nos trazem sofrimento. Mas sabemos que a reflexão e os conselhos dos Dalai Lamas sempre conseguem colocar nossa mente em harmonia.

Volto a dizer, ainda me lembro dos encontros fantásticos. Corpo a corpo... corpo... lingerie... boca.

Visna... Visna.

Sempre superei as dificuldades na universidade e nestes dezoito anos não foram poucas, mas continuo sempre firme e defendendo os interesses da força branca.

Mas vou falar de Visna.

Visna experimentou a liberdade doce e romântica, mas ao mesmo tempo perigosa e traiçoeira.

Ahhhh!! Visna como foi bom, momentos incríveis... saborosos... sexy. Mas agora acabou. Visna precisa continuar sua vida ao lado de seu “amor”. Acredito que será feliz (na medida do possível), mas não terá a felicidade que nós humanos buscamos nas coisas e nos outros. Terá a felicidade conveniente.

Rogo pelas forças dos xamãs que Visna compreenda certas situações na vida, ela só terá a crescer.

Visna sabe que torço por isso.

Ahhhh!!! Visna.

Lembra da liberdade. Agora se foi...

Será que haverá alguém esperando?

Será que haverá alguém?

Haverá alguém?

Agora estou indo, preciso descansar, outro dia – desculpe-me – noutra madrugada continuo outras reflexões.

Iuri Kosvalinsky

23/06/2005

ELA

Ela

Um corpo maravilhoso, sensual,
Conheço. Não conheço.

Preciso.

Seios do tamanho de.... perfeitos.

Olhos penetrantes, petrificantes.

Movimentos característicos.

Numa lingerie branca, inesquecível

Correndo a noite, perdida.... imóvel. Solitária.

Surgiu. Aconteceu. Carinhos.

Preciso.

Onde foi a consciência

Perdida. Desiludida.

Preciso.

Sonho.

Amor preciso sentir, fazer.

Amor fiz? Não sei. Preciso.

Amor preciso.

Este corpo,

Preciso. Sonho.

O que tenho?

Yuri Kosvalinsky

15-07-05

CASULO

Forma de vida
Segurança... apoio
... prisão.

Forma de renovação
Esconderijo.
Escuridão.
Dor... fadiga.

Onde está a dor?
O casulo não se rompe.

Negro... escuro... úmido.
Perdido no esconderijo
Resistente a dor.

A dor no peito
... continua...

Enganosa segurança
Perdida em trevas poderosas
Uma vida se foi
O casulo se perdeu...
... rompeu?... não.

Iuri Kosvalinsky
26/07/2005

DESILUSAO

Cara, eu fui para um país distante motivado pelo contágio de ... vamos dizer... “amigos”.

Não me agüentava mais, eu precisava ir. Não tinha jeito. Fui. Parecia que estavam bem, mas, as pessoas não admitem errar.

Antigamente eu não tinha expectativa. Minha vida era difícil. Trabalho, estudo, trabalho, estudo, mais trabalho, mais estudo... ainda mais e mais e... um namorado que eu não gostava mas precisava.

As contas difíceis de eliminar no fim do mês. Todo mês.

Mas a convivência em meu país era admirável apesar de tantas dificuldades, as amizades escorregavam por meus dedos.

Agora me lembro com eu era “querida” entre todos e deixei tudo para trás.

Ah! Sim como as coisas estão difíceis aqui. Na verdade não é como me disseram. Aqui também tem problemas e problemas graves, como “classes”, “racismo”, “divisões”, “esquecimentos”.... “transtornos”.

Não posso me esquecer que sou do terceiro mundo e entrei aqui de uma forma razoavelmente ilegal. E agora?

Mas o trabalho HONESTO é duro, não consigo descansar, mas tenho uma saúde de ferro. Não posso nem pensar em ficar doente senão minhas poucas economias em todo este tempo se vão... e não voltam.

Achei que conseguiria economizar, mas lá também eu poderia guardar dinheiro, era só uma questão de programação e ... investimento.

Nunca imaginei que seria assim. Me enganaram.

Agora, olho para trás e me lembro daquele meu amigo, puxa não me lembro seu nome, sempre me aconselhava e eu não ouvia.

Vou mostrar-lhe que estava errado. Apesar de tudo. Deus me dê forças.

..... eu espero.

Iuri Kosvalinsky
27/07/2005

MANTO NEGRO

O manto negro da noite caiu sobre nós.
A escuridão nos abafou.
Os mártires estão mortos.
A esperança se foi...
Esquecemos de nossos filhos.
Mas tudo acontece e a vida é triste
As árvores secaram
Os frutos estão podres
O que aconteceu?...
É tarde para lembrar
O manto negro está sobre nós.
No INICIO tudo era lindo, espetacular.
Mas a escuridão venceu.
A batalha de séculos terminou.
Tudo está perdido.
A escuridão cobriu as cidades.

E a vida é maravilhosa.

Iuri Kosvalinsky
29/07/2005

INICIO

Nesta data
Mudou-se o pensamento humano
Não nos acomodamos mais
Batalhamos e fomos à luta.
O futuro estava mudando.

O que sabemos então?
Que o coração fala mais alto.
Nos abafa, nos sufoca, nos mata, ... extermina.
Ilusão, poder, secreção, energia.
Mas... a vida morre, o coração cansa, o estado letal se inflama,
Dilacera, golpeia, explode.... padece.

Mas nesta data mudou.
Não é a dupla dinâmica.
Não é o quarteto fantástico.
Mas a energia de cinco seres buscando um lugar no mundo.
O que podemos fazer?

.... tudo.
Este é o desejo.

A morte deu um tempo,
As trevas se apagaram pela luz.

A vida despertou... mais que isso, floriu.
Não há bombas. Não há divisão.
O mundo. O nosso mundo é um só,
Onde a poesia fala mais alto.
Determina as ações. Emanas emoções, destrói a solidão.
Esquece a riqueza e avareza.
Abafa o sofrimento.
Evoca as lendas....

Artur, Alexandre, Átila? Não, não!!!
Aqueles em nossos corações, dragões, sereias, as
lindas mulheres que queremos, elfos, xamãs, os
deuses animais. Quem mais?...?

Nesta data esqueci o mundo
O mundo como ele é
Lembrei da Criação.
Da energia da criação.
Da Ordem e do Caos.

Eles estão em meu coração.

Evoca a sabedoria
Assim será.
Nesta data – 06/08/2005.

Iuri Kosvalinsky
06/08/2005 - Para a “Sociedade de Estudos Baikal”.

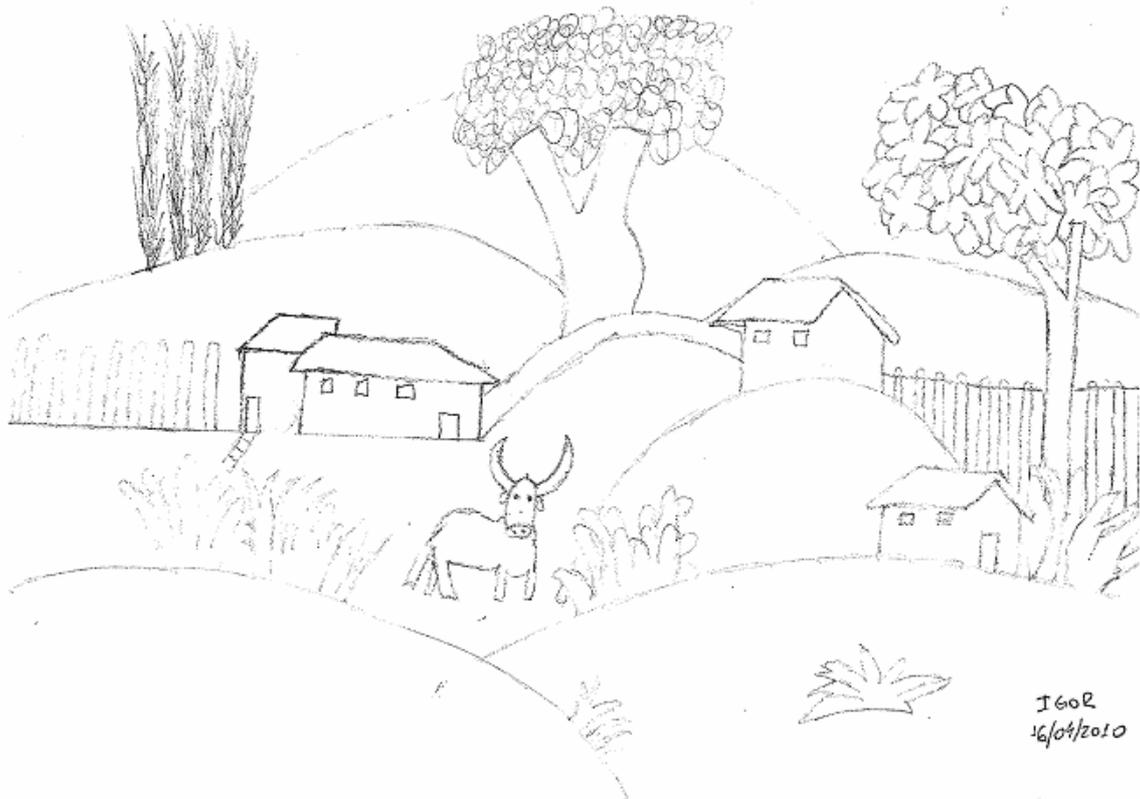


Figura 1

FADIGA

Hoje foi um dia cansativo
Reuniões, reuniões, pouco trabalho.
Dificuldades.
Todas podemos superar
Mas e quando o problema é conosco.
Falha na criação.

O tempo passa.....
Mas não se muda o pensar
Todas as águias vão morrer
Como padeceram línguas antigas.

Superar. Continuar há esperanças.
Sempre poderemos sobreviver
As lutas nos fortalecem
Somos a energia que fortalece este modo.

Um cadáver encontrado no deserto
Quem era...
Não sabemos.
A noite cobriu seu corpo.

O tempo não pôde apagar a vida.
Zeus, Odin, Ele todos são justos com a humanidade.

Acabaram-se os deuses,
Acabaram-se os xamãs,
Acabaram-se as linhas com os mestiços.

Estamos abandonados.
Nos esqueceram.

Um dia senti-me mal
Era só cansaço.
.....
Novamente senti-me mal... mais mal.
Era só cansaço.
.....

Repetiu-se novamente. O que está acontecendo?
Agora é todo dia. Não tem hora. O que faço?
Não podem saber.

Esqueci de mim
Onde estou agora
É Tudo.....eSCuro.

Iuri Kosvalinsky
08/08/2005

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE 2

Quando me incumbiram de escrever algo sobre este tema, “Liberdade e Responsabilidade” imaginei que fosse mais fácil, entretanto, agora, perdido entre estas letras vejo que não é tão fácil assim. Mas vamos lá.

“Quando eu era criança e comecei a estudar me falaram que eu morava num país livre e que liberdade era a coisa mais importante. Aqueles professores falavam. Cresci com isso na mente. Mas o que realmente era liberdade ninguém me explicava detalhadamente. Nunca aprendi ao certo.

“No dicionário ‘Liberdade’ significa *“A faculdade de uma pessoa fazer ou deixar de fazer por sua vontade alguma coisa; faculdade de praticar tudo aquilo que não é proibido por lei; condição de homem livre”*, então lutamos por isso, sem saber como funciona.

“Levamos bordoadas, tombos, mas continuamos.

“Corremos toda nossa vida, entretanto, muito ficou para trás, quantas coisas foram jogadas fora, porque existia a responsabilidade. Poxa!!!! Era para eu também falar sobre responsabilidade.

“Mas volto a dizer o que será responsabilidade, alguém algum dia nos falou. Nossa sociedade, imatura como é conhece responsabilidade? O que podemos esperar daqueles maravilhosos homens de terno que acreditamos, que nos representam, que nos roubam. Onde estou? Me respondam agora professores.

“Onde se morre milhares de pessoas de fome, por discussões tolas, por amores. Não quero essa liberdade.

“Lutamos pelas mesmas coisas que os prisioneiros, mas temos uma diferença, não sabemos que lutamos. Eles sabem.

“Uma vez encontrei um jovem perdido numa vala. Ele não queria muita coisa me dizia, queria apenas respeito. Mas porque será que ele foi parar lá? Até hoje não descobri. Mas onde está nossa sociedade hoje? Dentro de caixas de concreto e mansões maravilhosas construídas em cima de valas.

“Mas, um dia a responsabilidade chegará e então tudo mudará. Não demore.

“Será que virá a liberdade?”

Iuri Kosvalinsky

12/08/2005

BATE-PAPO COM TELEFONISTAS

O que vocês pensam sobre parceria, companheirismo?

O que devemos levar em consideração para aprendermos é que todos os grandes impérios ruíram após o apogeu, por, principalmente esquecer de Deus, mas também por inveja.

O maior império - Jesus Cristo – foi traído por inveja, ciúme ou trapaça. Imagine então nossa empresa.

Eu tenho um lema dentro de mim que é o seguinte: “A forma mais rápida de ser respeitado é dando respeito”.

Todos aqui dentro eu, a psicóloga, os Diretores possuem qualidades e defeitos, então não vejo graça nenhuma em disputas. Os setores têm de ser maior que isso.

Me dói o coração sentar com vocês aqui e dizer tudo isso, mas é preciso.

Também, acima de tudo, eu entendo que neste momento de tristeza, de “dor” para a empresa é quando devemos superar os problemas pessoais e ajudar cada um a sair no fim do túnel. Só assim nossa empreitada terá sucesso e sabor.

Estas poucas palavras podem nos levar para um caminho maravilhoso, só depende de nós e de vocês. São vocês que escolhem.

Pensem no que estão fazendo, por favor, e o que querem no futuro.

Iuri Kosvalinsky

17/09/2005

POEMA DO SILENCIO

Iuri Kosvalinsky
23/09/2005

ME TORNEI UM HOMEM

Escrevi um livro
Plantei uma árvore
Tive filhos
Me tornei um homem

Esqueci de publicar o livro
Esqueci de regar a árvore
Esqueci de meus filhos
Me tornei amargo

Rasguei os manuscritos
Morreu a árvore
Não conheço meus filhos
Então desapareci.

Iuri Kosvalinsky
27/09/2005

SOLIDÃO

Um dia abriram o vaso da solidão
Então espalhou-se pelo mundo.
Foi Pandora disseram.
Mas o coração humano ansiava.

A Humanidade mudou.
Testemunhos deste sentimento morreram amargurados
Sozinhos nas trevas.
Nem Zeus, Odin, Jart-Ta.... podem mudar o mundo.

O coração humano se petrificou
A brisa corta os campos verdes
Trazendo o martírio dos deuses

Iuri Kosvalinsky
27/09/2005

QUANDO CHEGUEI

Hoje, cheguei mais cedo em casa
Finalmente, após tanto tempo
Então pude pensar no que fiz
Estudo, trabalho, família, amigos.
Encontrei um enorme vazio na alma.

nde estão os amigos?
Conveniência.

Quando cheguei mais cedo percebi a distancia do tempo.
Segundos fazem diferença
A cada momento estamos padecendo
E tentamos construir cada vez mais, cada vez mais
Para ficar tudo na herança.

Quando cheguei em casa senti um alivio
Comecei a descansar, então quase dormi
Percebi que estava morrendo
Precisava trabalhar, trabalhar cada vez mais
Pensar, escrever, comer, andar
Não podia parar.

Não posso parar.

Quando cheguei em casa o observei minha família
Tudo o que sou construimos juntos
Mas tudo ficará quando eu for
Restará apenas a lembrança do nome na imensidão do tempo.

Iuri Kosvalinsky
28/10/2005

CURTA MENSAGEM

Na terra de *Machines* havia um império
Governado por dois reis
Reis poderosos e respeitados

Um de “s” e outro de “r”
O tempo passou
O reino andava bem

Então...

A mão negra da escuridão tocou “s”
A ganância tomou a realeza
Déspotas assumiram o lado de “s”
O império começou a ruir

O que “r” podia fazer
Sangue real forjado

A aliança já não mais existia
A fragilidade das alianças

Um novo regente seria a salvação
Mais ainda não estava preparado
O que fazer?

Iuri Kosvalinsky
09/11/2005

MULHER

Quem na verdade criou a mulher?
Este ser tão delicado, tão traiçoeiro, tão esperto.
Deus ou o diabo?

Linda com seus cabelos longos, curtos...
Sedutora em sua forma de andar
Diva na forma de dominar o mundo
Esperta atrás do homem, mas sempre superior
Seios objetivos – lhe dou alimento me dê boa vida
Sexo maravilhoso – lhe dou prazer primata, me dê futuro.
Quem criou a mulher Deus ou o diabo?
Foi a solidão do homem.
O que podemos fazer?

Aceitar nosso destino e continuar nos enganando que dominamos tudo

Muitas vieram na História
Virgens, ninfas, sacerdotisas, guerreiras, rainhas, cafetinas, mulheres comuns...

Todas em cada situação direcionou o rumo da Humanidade

Mas quem criou a mulher?

Um acordo do céu e do inferno.

Iuri Kosvalinsky
09/11/2005

VELHO

Estou velho, cansado. Já vivi muitos anos sofrendo neste mundo terreno. Mas mesmo assim agradeço a vida.

Quando nasci uma estrela desceu o céu. Uns diziam que era um bom presságio, outros não concordavam com isso. Mas fui crescendo e até meus dez anos vivi feliz sempre aproveitando os momentos disponíveis para fazer o que gostava; correr, caçar, dançar e outras coisas maravilhosas.

Mas eu percebia que meus pais sempre tentavam me proteger. Sempre preocupados com a estrela que desceu o céu. Mas isso não me preocupava. Parecia que a estrela era um bom presságio.

Entretanto após esse período os meus problemas começaram:

- aos onze anos comecei a sentir um cansaço que não deveria existir;
- aos doze anos sofri quatro acidentes onde fracturei alguns ossos e por incrível que pareça não foi em nenhum acidente no agitado mundo exterior. Foi dentro de casa. Uma estupidez;
- Aos quatorze anos percebi que meu organismo tomava outro rumo que me sufocaria após os trinta anos;
- Aos dezoito anos minha visão começou a se degenerar;
- Aos vinte anos sofri acidente com motocicleta e mais alguns ossos estilhaçados. Mas me recuperei;
- Aos vinte e um sofri um acidente que quase me tirou deste mundo. Mas Eles não permitiram. A vida ainda me reservaria outras surpresas;
- Aos vinte e três anos comecei a sofrer com um coração fraco, preocupado com o rumo da humanidade. Cansado e preocupado com paixões que não deveria existir;
- Aos vinte e quatro anos um quase afogamento numa cidade distante;

Então vieram alguns anos para que eu relembresse da estrela que desceu do céu. O que ela veio fazer?

- Aos trinta anos então, o sufoco da mistura deste oxigênio começou a me levar. A falta de energia para permanecer vivo começou então a fazer seu papel.

- Entre os trinta e um e quarenta anos consegui conviver com todos esses problemas e alguns outros menores. Por algum tempo sabia que poderia me tornar mais forte e talvez conviver e ter um grande futuro como todos de minha raça.

Mas após os quarenta anos aqueles “probleminhas” com o oxigênio daqui e a soma de algumas estranhas “dores” humanas começaram a corroer meu corpo. Não tenho mais as árvores que me davam energia. Foi assim por muitos anos, mas agora elas também estão indo. Minhas células não conseguem se regenerar como antes.

Também houveram outros casos que prefiro não comentar, mas que foram fundamentais para o meu isolamento.

Então não tinha mais satisfação com festas, encontros, trabalho que sempre havia me motivado. Meus filhos estavam longe, cuidando de suas vidas e das vidas de seus filhos. Também me lembro do dia que incentivei minha esposa em cumprir seu destino e trabalhar num grande projeto longe daqui. Todos se foram. Agora eu estava sozinho, mas não me arrependo das posições que tomei ao longo de minha vida. Todos eles foram felizes cumprir seus destinos.

A cada dia fico mais fraco, a cada dia sinto a falta de ar crescendo. A cada dia a luz está se apagando. Se apagando.

Está chegando o momento..... Mas tenho certeza de que partirei sabendo que cumpri meu papel e que pude deixar um pouco de luz ao mundo negro dos homens. Tudo o que passei, foi para que outros não passassem. Sei que irei feliz.

Antes de terminar gostaria de mencionar as quarenta e oito paradas cardíacas que tive, sendo a última – que ocorreu há três dias - a mais difícil.

Iuri Kosvalisnky
28-11-05

O CAMINHO DA FELICIDADE

Dois mil e cinco está indo, terminando.

Mais um ano de nossa existência aqui, já faz tanto tempo, e – com certeza - aprendi muito convivendo neste mundo. Me fez lembrar coisas que já havíamos esquecido. Suprimido de nosso coração.

Mas, claro, existe tantos outros problemas, alguns marcos que podemos contar.

Milhares de seres humanos têm vivido neste planeta desde o início e poucos têm se dado conta do poder que nos cerca, da Origem, da Luz, da Felicidade.

Alguns seres, durante o caminhar da humanidade puderam entender estes segredos, mas morreram muito jovens para poder transmiti-lo. A força da Luz nunca desistiu e sempre haverá os Vigilantes para propagá-la.

Ao buscar a Felicidade o ser humano está se esquecendo que ela deve ser renovada a cada instante com fatos novos, pois não é duradoura, ela é tão superficial e tênue que chega ser uma busca mística.

Mas é importante sabermos que podemos encontrá-la, não apenas em um belo carro, numa gorda conta bancária, mas também num vôo de um pássaro, no crescer de uma planta, no caminhar de uma sombra. Assim poderemos buscar a Luz que contempla tudo e que nos trouxe para cá.

O ar da Terra já não é puro como era no início, foi corrompido pela energia negra das almas do mal. Mas sei que não adianta eu falar sobre isso, afinal já riram de mim. Infelizmente aqueles a quem eu buscava para a Luz.

A humanidade, infelizmente, caminha na busca errônea da Luz, jamais deixarão as trevas para traz e não poderão renovar o ar daqui para que eles venham novamente.

Não podemos, mas mesmo contra o conceito vou mencionar alguns passos.

Primeiramente, o passo inicial a ser dado é começar a sentir as árvores, elas possuem a essência da Origem e podem nos transmitir através dos sentidos. Sintam as árvores com as mãos e feche os olhos, sentindo o bater de seu coração. Depois comecem a contemplar o fim das tardes, elas podem lhe trazer a tranquilidade das noites, onde os Vigilantes trabalham. A solidão do tempo está refletido na tranquilidade das noites. O terceiro passo é entender a essência do próximo, pois todos os seres estão ligados e a Luz tenta explicar isso.

O último passo é entender a morte. Ela faz parte da vida, é o último passo a ser dado pelos humanos neste planeta. Ela atormenta cada célula de nosso corpo a cada instante que lembramos dela.

Com isso estaremos dando um grande passo para nossa jornada em busca da felicidade. E quando isso acontecer os Vigilantes estarão livres para retornar.

Assim espero.

Iuri Kosvalinsky

27/12/2005

PERGUNTAS

Nasci numa família pobre na área rural, desde cedo aprendi que a agricultura nos mostra horizontes distantes.

Eu, sonhei mais longe que qualquer um, desde cedo, alguma coisa nos céus me fascinava. Os demais não entendiam.

Sempre me perguntei se havia vida em outro planeta, distante daqui, que forma esses habitantes teriam? Como evoluíram? Como seria sua sociedade? Sua cultura? Como se multiplicavam? Eram parecidos conosco?

Essas perguntas irritavam os mais velhos. “- Fique quieto muleque.”. Sempre ouvia.

E assim os anos foram passando, um após outro. Mas minhas questões ainda não poderiam ser respondidas. “Onde eles estão? Como são? Quem nos trouxe aqui?”.

Me parece que a humanidade tem um medo intrínseco em saber estas respostas. Talvez tenha sido o mito dos deuses no início das civilizações, os quais puniam nossos erros. Talvez as amarras que a igreja colocou no mundo durante muito tempo, com sua perseguição vergonhosa dos homens que estavam à sua frente.

Há quatro bilhões de anos a Terra começou a ser semeada. Daí surgiram bilhões de vidas, cada qual com sua necessidade, forma e função, até chegar ao nosso complexo organismo.

Mas será que esta semente inicial ou este conjunto de sementes não tenha sido deixado aqui por um cometa, um asteróide ou algo parecido? Porque não? Então como a vida surgiu?

Do nada?

A grande resposta é descobrir onde os outros seres inteligentes estão no imenso oceano cósmico. Então saberemos a resposta para um grande emaranhado de questões, que atormenta nossa raça, pela eternidade.

Continuo, agora já velho e cansado, sem as respostas que buscava na infância. Entretanto, dentro de mim, algo me diz que só saberemos o que buscamos quando voltarmos para casa, entre as estrelas.

Iuri Kosvalinsky
04/01/2006

UM CONTO ERÓTICO

(Aline Piestchev)

Eu não deveria estar contando isso, pois quando Boris Schudanov me contou eu não acreditei totalmente, mas ele é meu amigo e colega de trabalho, então fiz um esforço. Ele me contou sua última aventura com a amante Aline Piestchev. Se me lembro bem ele me disse que foi no último verão quando ela voltava de férias da Criméia, na Ucrânia. Eu só a vi duas vezes e muito rapidamente, mas posso afirmar que realmente é uma morena que merece muita atenção, tem aproximadamente de trinta e três a trinta e cinco anos, com 0,90 cm de quadril, 0,60 cm de cintura e 0,80 cm de busto. Boris também deve ter a mesma idade. Então não sei se ele tem todo esse “pique” que diz.

“Caro Iuri Aline me ligou dizendo que chegaria hoje à Moscou, retornando da Criméia, onde tinha ido passar férias. Fiquei surpreso pois fazia algum tempo que não nos encontrávamos, até acreditava que havia me esquecido, mas não desperdicei a oportunidade e prontamente disse que estaria no aeroporto no momento de sua chegada. Então um turbilhão de pensamentos me vieram e, sabe como somos, um montão de bobagens nos enche a cabeça.

- Eu sei como é Boris. – Disse-lhe.

“Então camarada, as duas horas da manhã parti para o aeroporto de Sheremetyevo, nos arredores de Moscou, para esperar Aline desembarcar. Como estava demorando (e parece que todos os nossos vôos atrasam) eu comprei uma revista e fiquei foleando. Passou-se algum tempo e então o tão esperado vôo chegou. Eu estava ansioso. Corri para perto das vidraças do aeroporto para ver o desembarque e fui contemplado com a bela imagem de Aline descendo às escadas do Antonov, com um maravilhoso curto vestido branco.

Mais alguns momentos e ela estava à minha frente, era incrível, não me agüentando abracei-a e nos beijamos demoradamente, até que percebi que Olga Amendishev estava com ela. Cumprimentei-a e começamos a seguir em direção ao estacionamento para voltarmos à Moscou. Aline pediu para que eu desce carona para Olga, já que ela mora no caminho para sua casa. Não me opus, mas era visível minha insatisfação.

Após algum tempo deixamos Olga. Ela me agradeceu pela carona e ajudei a descarregar sua bagagem. Então Aline disse “Vamos Boris”. Eu mais que depressa entrei no carro e seguimos o caminho.

Estava quase amanhecendo quando chegamos à porta de um motel. Escolhi-o pois já o conhecia.

“Eu queria muita coisa, estava fascinado pela oportunidade de encontrar novamente Aline. Quanto tempo. Peguei-a em meus braços e entramos no quarto. Deixamos a meia-luz. Coloquei-a sentada na cama, tirei suas sandálias e beijei-a suavemente seus pés. Levantei-a em cima da cama e comecei a acariciar suas pernas, coxas e fui subindo. Era um vestido encantador. Pude perceber que estava com uma calcinha branca diminuta e sensual. Ora acariciava-a por cima da calcinha, ora adentrava ainda mais. Nossos olhares se encontraram e queriam dizer alguma coisa, mas nos calamos naquele

calor. Nos beijamos violentamente, parecia que o mundo estava acabando.... Não queria que aquele momento terminasse.

- Eu sei como é isso Boris. Interrompi-o. Então ele me disse. – “Foi uma das melhores partes. Gostaria de repetir”.

- Onde eu estava Iuri? – Perguntou-me ele.

- Sonhando. – Respondi.

- Ah! Já sei. – Disse e então continuou sua história. Eu já ficava sonhando por ele.

“Iuri, então delicadamente abaixei as alças de seu vestido e vi as marcas que o sol da Criméia deixou. Eram lindas, lindas... Comecei a beijar seus seios enquanto minhas mãos não paravam por debaixo do vestido. Ela acariciava minha cabeça. Foram minutos felizes. Felizes minutos.

Então ela começou a tirar minha camisa, botão a botão. Passou algumas vezes suas mãos por meu peito. Depois sua mão entrou inesperadamente em minhas calças. Tive um arrepio. Não esperava. Ela tirou minha cinta e fez minhas calças caírem e assim retirou o resto. Também tirei seu vestido e sua calcinha e vi – por inteiro – as marcas deliciosas da Criméia. Depois ela pegou uma pomada a base de menta que os motéis deixam a disposição e começou a acariciar meu sexo com suas mãos. Loucura.

- Que pomada era? – Perguntei.

- Eu não sei, cacete. Não reparo nestas coisas. – Me respondeu com certa raiva.

“Iuri! Iuri! Subitamente ela segurou-o e começou a beijar, beijar, beijar, beijar, Ahhhh! Então engoliu meu sexo, num frenesi total. Quanto tempo fazia que eu não a encontrava. Quanto tempo perdido. Seus cabelos entre minhas mãos pareciam mais suaves e delicados do que já eram. Ela me deixa louco, Iuri. De qualquer jeito, sempre me surpreende. Algum tempo depois - não sei ao certo – pois eu já não sabia de mais nada, fiz ela se deitar e então a penetrei. Que gostoso. Quanto tempo perdido. Os beijos voltaram, boca, seios, pescoço, boca..... pescoço. Então encontrei o nirvana pela primeira vez. Foi espetacular, nos abraçamos e nos acariciamos.

Eu já estava desconfiado de Boris, pois quando um homem conta sua experiência amorosa, nunca conta com todos esses detalhes, mas...

“Fomos à banheira para nos refrescar.

“De volta à cama ela se deitou de bruços e beijei suas costas, nádegas e suas pernas. Passei creme por todo seu corpo, bem devagarzinho. Sentindo seu lindo corpo. Tendo nova sensação.

Boris interrompeu seu relato, tomou um grande gole de cerveja, se levantou e disse – “Já volto”.

“Iuri, nestas coisas nós somos totalmente dominados pelas mulheres. Tive a capacidade de, quando ela me ligou que estava chegando, comprar uma lingerie. Uma dessas que tem a meia.... a calcinha e o.... o.... o. Parece que se chama espartilho. Muito lindo.

- Elas nos dominam em qualquer situação Boris. – Disse-lhe.

“Entreguei o presente de renda vermelha para ela. Então ela o colocou. Ficou um espetáculo naquela pele ardente. Comecei a morder seu sexo por cima da calcinha de renda. Ela suspirava e gemia. Era uma delícia. O clima foi ficando quente novamente. Ora mordida seu umbigo, ora sua barriga, ora seu sexo, ora seu umbigo e assim por diante. Era uma loucura e ela me unhou e apertava minhas costas, minha cabeça. Percebi que eu também fazia falta à Aline. Isso era bom. Faz nos sentir importantes, machos, garanhões...

- Ou será que ela sente a falta de seu cartão de crédito? – Perguntei a Boris.

- Porra Iuri, você sabe estragar uma conversa. – Me respondeu.

“Quando não conseguimos mais nos controlar tirei sua calcinha e ela se virou de costas, então curvou-se sobre os joelhos e apoiou sua cabeça sobre seus braços e assim a penetrei com tanta vontade. Entrava e saía, saía e entrava e podia, nesta posição movimentar sua cintura com destreza. Que delícia. Não agüentando mais explodi, estava atingindo novamente o nirvana. Fabuloso. Minhas pernas tremiam, meu pescoço se enrijeceu. Então deixei o peso de meu corpo cair sobre o dela. Acabou.

“Deitamos abraçados, ela com sua cabeça sobre meu peito e eu acariciando-a. Estávamos esgotados, cansados. Começamos – enfim – a conversar. Comecei a ler para ela um conto que havia escrito.

‘Aline me ligou dizendo que chegaria hoje à Moscou, retornando da Criméia, onde tinha ido passar férias. Fiquei surpreso....’

“Ela acariciando novamente meu sexo, adormecemos.

“No dia seguinte Aline me ligou agradecendo a surpresa que encontrara quando chegou em sua casa, uma orquídea linda em sua sala de estar. Eu havia colocado lá logo que ela me ligou da Criméia.

“Ainda sinto saudades dela, gostaria de estar novamente em seus braços. Sempre foi fantástico. Aline é especial. Vou esperar novamente.

- Espero que ela esqueça de você Boris, afinal acredito que ela o encontre por causa de sua posição. – Alfinetei-o.

- Putz Iuri. Eu sei disso e tenho cuidado. – Me afirmou.

- Assim espero caro amigo.

Boris saiu e deixou a conta pra mim. Fiquei rindo, entretanto, preocupado com ele.

Iuri Kosvalinsky

09/01/2006

DEUS

Deus!

Quantos nomes Ele tem?
Como encontra-Lo?
Ele está na Igreja ou em nós?
Quem Ele é?

Descanse, sente-se, coloque as mãos sobre as coxas. Feche os olhos. Esqueça o mundo. Vá se aprofundando em sua alma. Esqueça o mundo. Esqueça o vento, os ruídos. Comece a sentir o pulsar do coração, a velocidade da corrente sangüínea, escute sua respiração.

Deus!

Aprofunde a alma!

Sinta o poder do Sol em seu corpo, sinta a energia da Terra. Perceba o vazio da escuridão, a intensidade do universo.

Deus!

Agora Ele está próximo.

Sinta o orvalho da manhã, as gotas de chuva. O aroma das plantas. Perceba a essência da natureza.

Sinta a sua alma, a força do mundo... então...

Encontre a felicidade, apenas por um instante.

Você conhece Deus.

Iuri Kosvalinsky
21/01/2006

VIAGEM À FRANÇA

Acordei no meio da noite com o barulho do celular. Droga! Se as pessoas soubessem o quanto gosto desse aparelho que acabou com minha privacidade, não me ligariam, ainda mais à noite. O que seria que não poderia esperar para a manhã seguinte?

- Alô! – Atendi ainda dormindo a ligação.

Do outro lado ninguém respondia, mas pude perceber alguns suspiros e depois de alguns momentos ouvi alguém.

- Oi Iuri, estou ligando para dizer adeus! – Disse-me Visna Mariokova. – Estou indo para a França com Fradov.

Senti tristeza em sua voz. Fradov é seu namorado a algum tempo. Eu o encontrei algumas vezes quando aparecia no refeitório da universidade, mas nunca troquei muitas palavras com ele. Mas ele não importa agora. O que teria se passado na cabeça de Visna para tomar uma atitude dessas? Fiquei surpreso com o que Visna me disse, afinal eu nunca esperava que ela tinha planos de partir. Mas a vida era dela e talvez estivesse escolhendo a melhor opção. Como estava de férias poderia ter pensado em deixar a universidade por algo melhor, mas na França. Estranho.

Tentei voltar a dormir, mas não consegui.

De manhã Svetlana me perguntou o que houve e então lhe deixei a par do assunto. Sei que poderia substituí-la, sem maiores problemas, mas, quando convivemos com alguém passamos – em termos - a fazer parte de seu mundo. Pensei que conseguiria contato com Visna naquela manhã para saber mais detalhes e tentar contornar a situação. Mas foi em vão. Nada no dia seguinte, nem no outro, nada também no outro e depois.... semanas, meses, anos... nenhuma notícia.

Visna era muito nova e bela para se aventurar na França. Mas meu coração se acalmou, ela estava indo com Fradov, seu amor e provavelmente estaria segura.

Anos depois a universidade me designou à França, onde passaria alguns dias palestrando sobre a Rússia e nosso conjunto de universidades. A viagem seria em breve pois a reitoria tinha interesse em trazer alunos franceses o mais breve possível à Rússia. Então o destino tem algumas surpresas e depois de anos senti uma inquietude no coração. Teria a chance de rever Visna.

Cheguei à França num dia ensolarado, com temperatura amena, o movimento no aeroporto era intenso, milhares de pessoas indo e vindo, todas apressadas. A burocracia, para minha surpresa, foi idêntica ou pior que em Sheremetyevo. Afinal, parece que todos os burocratas são iguais, não apresentam simpatia ou antipatia, simplesmente fizeram seu trabalho e nos liberou. Então, eu e Spirin, um jovem tradutor que veio de São Petersburgo, pegamos um táxi e fomos para o hotel que não ficava muito longe dali. A universidade havia reservado um ótimo hotel, no centro de Paris, muito confortável.

Após três dias de intensas reuniões com os órgãos de cultura e as universidades francesas, pude ter o Sábado de folga. Foi quando meus amigos do serviço secreto de Moscou, me informaram sobre um possível paradeiro de Visna. Eu teria de me

encontrar com Alexei, um, teoricamente motorista de táxi que vivia em Paris à quase quinze anos e tinha vindo para tentar uma vida melhor, fugindo das “duras penas” de Irkutsk, na época.

Encontrei-me com Alexei às 14:00 horas do Sábado, perto de uma praça toda arborizada não muito longe do hotel que estávamos hospedados. Sem que eu dissesse algo ele já estava me conduzindo à seu táxi e sabia onde queria ir, além de saber muitas coisas a meu respeito. Ainda podíamos contar com a capacidade dos agentes russos. Por um lado era bom, faziam seu trabalho sem alardes.

- Você deseja encontrar Visna, Iuri? – Perguntou-me em russo, já conduzindo seu táxi.
- Sim, faz muito tempo que não há vejo. – Respondi subitamente.
- Acredito que ela tenha mudado muito. Outro dia mesmo eu a levei para sua casa há alguns minutos daqui. – Continuou.

Aproximadamente uma hora depois estávamos parando em frente a um condomínio nos subúrbios de Paris. Era algo estranho, mesmo para mim que tinha vivido todo o problema e falta de consideração da era comunista. Era um local aparentemente abandonado e sem vida. Na rua havia muitas pessoas, garotos e garotas, sem nada para fazer com roupas muito modernas para meu gosto. Muitos africanos e brasileiros me aparentavam.

Tomei coragem e desci do táxi. Alexei disse que me esperaria, entretanto, estaria numa região mais distante dali e voltaria assim que eu o chamasse. Agradei.

Em pé na calçada olhei para o edifício e mesmo querendo não podia imaginar que Visna estaria vivendo num lugar desses. A última pintura devia ter sido à muito tempo. Estava todo desbotado e pichado. Local muito triste.

Respirei fundo e decidi entrar, afinal eu teria de realmente vê-la, não podia deixar passar a oportunidade, afinal talvez não teria outra chance. E teria de viver pensando no fracasso de não tê-la encontrado.

Ninguém na recepção para me receber, então fui subindo as escadarias, pois o elevador estava interditado para reparos. Posteriormente Alexei me disse que já fazia quase um ano que o mesmo estava naquelas situações. A medida que subia encontrava pessoas deitadas nos degraus, então imaginava se estava no lugar certo. Pessoas com um aspecto que me dava receio e por várias vezes medo.

Em certas situações abri o papel que Alexei havia me dado para me certificar. Era ali e ainda faltava alguns andares. Meu coração ficava cada vez mais apertado. Batia cada vez mais rápido.

Finalmente me encontrei à frente da porta do quarto oitocentos vinte e três e fiquei parado por algum tempo. Alguma coisa dentro de mim dizia para não levar isto adiante e outra estava ansiosa para rever Visna. Fiquei paralisado por algum tempo nessa indecisão, mas a voz que dizia “vá em frente” venceu e então apertei o interfone.

Nada. Apertei mais uma vez e nada aconteceu. Será que eu estava no lugar certo?

Quando estava desistindo a voz interior novamente apareceu e me disse “a porta deve estar aberta”. Então rodei a maçaneta e para minha surpresa a porta se abriu. Devagarzinho fui abrindo-a, mas o silêncio era total, Visna não devia estar em casa, mesmo assim tomei coragem e segui adiante, tomando cuidado para fechar a porta. Procurei Visna por todos os lados, mas constatei que não estava, assim tive algum tempo para observar o apartamento, que constituía de um banheiro, cozinha e quarto.

O banheiro muito simples sem nenhum luxo, mas isso não era importante pois seus objetos estavam todos devidamente arrumados. A cozinha muito pequena tinha um refrigerador, um fogão e uma estante onde estavam algumas caixas de cereais e

enlatados, algumas pela metade e outras ainda fechadas. A geladeira guardava alguma cerveja, água, um pouco de carne, verduras e o resto de uma pizza que deveria ter sido comida na noite anterior. Os poucos talheres e panelas, além de alguns pratos estavam todos guardados e bem lavados. Nada mais havia na cozinha. O quarto. Bem! O quarto era na verdade uma peça só que também era sala. Possuía um jogo de sofá, um pouco desgastado pelo tempo, uma mesinha de centro onde havia algumas revistas de moda francesa e um exemplar já ultrapassado do “Le Monde”, também um vasinho com algumas flores que não consegui identifica-las, já murchas. Tinha num canto uma televisão nem muito nova e nem muito velha. A cama estava arrumada com uma coberta muito bonita e alguns – se me lembro bem – três ursinhos sobre ela. Inclusive um que eu havia lhe dado em seu último aniversário. Também me recordo de que num outro canto do quarto havia um guarda-roupas, ao abri-lo notei que realmente as roupas eram do estilo de Visna, mas não reconheci muitas delas pois não se adequavam ao estilo de vida que Visna sempre me transmitiu. Abri suas gavetas e havia muitas outras roupas íntimas, perfumes (que saudade), remetidos os quais não identifiquei para que, pois meu francês era péssimo. Quando estava fechando notei alguns papéis e uma carta lacrada pronta para ser enviada.

Então virei minha atenção à televisão, e descobri que a mesma sintonizava alguns, uns cinco ou seis, canais apenas e vários deles de forma muito ruim. Deixei-a ligada num canal de noticiário e sentei-me no sofá à espera de Visna. Como entendia pouca coisa do que os apresentadores e repórteres estavam dizendo, adormeci. Estava cansado da maratona de reuniões universitárias.

Acordei subitamente quando alguém mexia na fechadura da porta. Acredito que tenho adormecido por meia-hora. Limpei meus olhos com os dedos, refiz o cabelo e fiquei aguardando Visna adentrar o quarto.

Até hoje não consigo descrever aquele momento. Não sei se eu ou ela ficamos mais surpresos. Ela por me encontrar ali, em seu mundo, esperando ela depois de tanto tempo ou eu que a vi totalmente diferente da Visna que conhecia em Moscou.

- Você aqui! O que faz? – Perguntou-me.

- Vim para Paris a trabalho pela universidade e achei melhor vim vê-la. – Respondi prontamente.

- Seria melhor não ter vindo, Iuri. – Me respondeu com tristeza.

Realmente fiquei chocado e não imaginava que encontraria Visna naquela situação. Seus olhos cansados e profundos não traziam mais a alegria que tinha em Lomonossov. Agora de cabelos curtos tinha perdido um pouco da formosura de outrora. Suas roupas um tanto extravagantes dizia que a vida não estava sendo fácil e eu esperava não acreditar nisso.

Ela sentou-se na beira da cama e pudemos continuar nossa conversa. Ao questioná-la sobre sua situação na cidade, observei que começaram a se formar algumas lágrimas em seus olhos e fiquei preocupado. Visna havia chegado a Paris muito contente na confiança de seu namorado, Fradov, entretanto, era apenas uma aventura dele e trazia Visna “a tira colo” sem nenhuma responsabilidade. Ela então, quando acordou deste sonho, tentou algumas vezes voltar para Moscou mas não conseguiu através de consulados. Então com o fim do pouco recurso que havia trazido para Paris, tentou, sem sucesso, arrumar um emprego, entretanto, não foi feliz. O que conseguiu, a princípio foi ser dançarina em casas noturnas da capital, mas, havia muito mais e aqueles que

arrumaram o emprego para ela, tornaram-na uma consumidora de drogas, pois consegui perceber que havia diversos sinais de agulhas em seus braços. Depois quando tentou se livrar dessa vida eles simplesmente a jogaram nas ruas e Paris não é uma cidade fácil, ainda mais para russos. A solução foi, sendo muito bonita, vender seu corpo.

Quando fiquei sabendo disso quis chorar, mas me contive e meu peito me torturava, afinal Visna poderia ter tido uma vida muito diferente em Moscou, mas escolheu ir atrás de um sonho com seu namorado, que na verdade, o sonho não era seu.

Depois fiquei sabendo também que logo que chegaram em Paris, Fradov havia se metido numa discussão nas ruas e infelizmente com os “caras” errados, assim alguns dias depois desapareceu e nem mesmo Visna teve qualquer notícia. A polícia disse que não podia fazer nada, afinal eles acabavam de chegar à cidade. Pediram para procurar os órgãos russos mas também foi em vão. Visna acredita que tenha sido assassinado pelos “caras” maus, mas depois de algum tempo refletindo na universidade, de volta à Moscou, que prefiro acreditar que tenha sido uma simulação para desaparecer e trabalhar na clandestinidade francesa. Mas isto não é problema meu.

Abaixei minha cabeça e fiquei assim por algum tempo, triste e sem palavras. Gostaria de dizer muitas coisas pra Visna, mas alguma coisa não permitia que as palavras saíssem.

Visna se levantou. Foi até a cozinha, andando calmamente. Tomou um gole d'água e voltou no mesmo passo. Ficou em pé à minha frente e ergueu cuidadosamente minha cabeça, me deu um beijo demorado e tentou me seduzir dizendo.

- Venha Iuri, você veio de tão longe e não quero que volte sem ter “estado” comigo.

Percebi que não havia nada por debaixo de sua minúscula saia e por instantes senti uma felicidade enorme, podendo possuí-la, mas alguma coisa dentro de mim me fez lembrar de Svetlana em Moscou, cuidando de nossos filhos e nos ajudando a crescer. Então, meio a contra gosto, a repeli dizendo que não poderia fazer isso.

Me levantei. Dei-lhe um abraço demorado, um beijo em sua testa, deixei algum dinheiro sobre a cama. Desapareci pela porta afora. Enquanto saía consegui ouvir alguns suspiros.

Quando cheguei ao meu apartamento, retirei a carta que estava no bolso de meu paletó e vi que era para mim com o endereço da universidade. Um misto de solidão e tristeza me tomou conta. Visna desabafava os acontecimentos sobre sua vida em Paris, todos os contratemplos, infelicidades, algumas alegrias e o trágico acontecimento com Fradov. Mas assim mesmo ela não tinha intenções de retornar, não conseguiria olhar novamente as pessoas de Moscou nos olhos. A carta estava escrita a quase seis meses atrás e ainda não havia sido enviada. Porquê? Arrependimento?

Voltei à Moscou no dia seguinte e durante todo o vôo fiquei pensando em Visna, mas acredito que tenha tomado a decisão certa e isto me traz certa alegria e tranquilidade.

Visna havia ficado para trás e Svetlana me esperava em Sheremetyevo.

Iuri Kosvalinsky
23/01/2006

COMO SERÁ A VIDA APÓS A MORTE

Tudo acaba com a morte, ou não?

Olá pessoal!

Vou contar agora o que me aconteceu um dia destes, cerca de uma semana atrás. Estava reunido em meu apartamento com o pessoal da universidade para discutirmos assuntos relacionados a nossa publicação semanal para os jornais da Universidade Lemonossov, e não sei porque o grupo saiu com a discussão sobre “Vida Após a Morte”. O que eu sei sobre isso? Praticamente nada, mas a discussão foi longe.

- Porque sentimos desespero quando pensamos que podemos morrer à qualquer instante?
- Como fica nosso trabalho, lazer, família, nossos amigos, tudo pára? Tudo continua?
- Dizem que a vida continua do outro lado, outra dimensão, como é por lá? O que tem lá? O que vamos encontrar? Será que seremos felizes neste lugar?
- A morte pode ser nossa aliada?
- Mas como podemos driblá-la?

Mas, para falarmos em vida após a morte, temos que – antes – falar na dita morte.

Na verdade cada pessoa tem um sentimento diferente em todos os aspectos, mas todos, sem exceção, encontram um certo temor, uma abominação, para não falar em desespero, toda vez que se discute o assunto morte.

Em vida, corremos atrás de tantas coisas, imaginamos tantos projetos, queremos tantas mulheres, sonhamos com tantos “tesouros” e como saber se os conseguiremos realizar? Simplesmente não sabemos. Não há como saber, a não ser que você seja um.... Mas somos impulsionados por uma força desconhecida, sendo que alguns a possuem em grande quantidade outros em menor, mas todos a têm.

Sabemos que este temor nos transforma aos poucos, nossas relações com os semelhantes mudam, nós melhoramos. Começamos a ver o mundo diferente, um mundo que depende de cada um, de cada ser vivo e incluímos os animais e as plantas também.

Então sabemos de antemão que buscamos desesperadamente o crescimento, o reconhecimento neste mundo, mas sabendo que o deixaremos e tudo ficará para trás. Partiremos e não sabemos para onde e nem como é este lugar. Fazemos de tudo para buscar, supostamente, um lugar melhor em todos os aspectos, mas e se erramos o caminho e encontrarmos com seres desprezíveis e infiéis, cheios de pecado? O que faremos? Por menor que seja um simples ato de bondade vamos ao céu e encontraremos a felicidade, rezamos, incondicionalmente para aqueles que partiram, e então nos dizem que Jesus Cristo é “o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Assim precisamos sempre trabalhar nossa cultura, nosso crescimento, nosso companheirismo para realmente encontrar a morada do Senhor. Não podemos esquecer e isto sabemos desde o princípio, mas geralmente esquecemos, que mesmo antes da raça dos homens o conhecimento já existia no mundo. Como isso é possível?

Esquecemos desse assunto em nossa jornada diária, mas inesperadamente lembramos quando ouvimos dizer que alguém está hospitalizado, quando houve algum acidente, ou quando temos alguém que amamos, enfermo, além de tantas outras situações. E novamente o desespero nos bate. Tudo o que conquistamos poderá ficar para trás, como ficará? Aqueles que ficaram cuidarão disso? O que farão? Nossa família estará bem? Continuará nossa empreitada? Mesmo que continue não será a mesma coisa.

Quando pessoas entram em suposta morte biológica, na grande maioria, encontram um ser luminoso e uma tranqüilidade sem limites, onde é isso? Será que seria o momento particular que Deus se mostra para nós com todo o Seu amor? Ou então nossa alma que nos diz para retornar e viver mais um pouco, aproveitar de maneira diferente a nova chance? Uma coisa eu sei, não podemos de maneira alguma dizer que nossa vida se resume a simplesmente ao limite da biologia. Existe algo além.

Então nosso corpo desfalecido é absorvido pela terra, ar e água e volta à sua origem e o que sobra de nós? Nossa “alma”.

Agora já não temos mais corpo físico somente uma energia representa nossa entidade, como prosseguir de agora em diante?

Mente, alma, espírito, anjo, o que somos? Grata dúvida, não temos como saber agora, só depois, no outro lado. Dito isso, estamos evoluídos, então o que somos.... não somos nós mesmos? Somente uma energia, seremos então felizes?

Mas aquele corpo que aqui ficou serve de alimento para os inúmeros habitantes da natureza enquanto que a possível alma ou espírito segue seu caminho, volta para casa, a então vida eterna. Encontra-se com Deus.

Quando ela volta para onde vai, vem novamente para a Terra ou para outro planeta nessa imensidão cósmica? Mas se ela se junta a Deus em Sua casa como poderá voltar?

Do outro lado encontramos um mundo maravilhoso, cheio de luz onde tudo é possível, mas que possui suas regras comandadas por um batalhão de anjos do Senhor. Estamos felizes o suficiente, transbordando de alegrias e não desejamos mais voltar. Encontramos aqueles que haviam nos deixado no passado e estaremos recebendo aqueles que ainda ficaram para trás. Neste mundo tudo é possível, cada pensamento se torna realidade, só existem pensamentos bons. Mas ainda não encontramos Deus.

Mas de volta ao mundo físico vamos pensar um pouco. A morte não poderia viver algum tempo entre nós? Aprendendo com nossos erros, nossos hábitos, costumes, manias, nossos sonhos? Então seria nós que poderíamos brincar com ela. Ela seria uma criança a aprender e talvez esquecesse que teria de nos levar para o outro lado. Poderíamos então, caminhar com ela por ai, sentar em um “café” e passar horas conversando. Isolar-se em algum lugar e poder estar em paz, discutir coisas banais. Mas aquela velha conhecida, toda de preto com um capuz que esconde seu verdadeiro rosto e carrega a tão famigerada foice não pode nos dar este prazer.

Tudo se tornou escuro. Não existo mais.

A morte, empregada da vida, pode talvez ser uma grande aliada. Só depende de nós descobrirmos como. Será que descobriremos?

Quando comecei a escrever as poucas linhas acima, sabia que não chegaria a nenhuma conclusão e estaria ainda mais cheio de questionamentos e dúvidas....

*... mas espero que a minha
alma possa responder a
tudo.*

Iuri Kosvalinsky
27-01-06

ONZE PEQUENAS HISTÓRIAS DE UMA VIDA COMUM

I

Fazia dezessete anos que sempre percorria o mesmo caminho para ir à Universidade Lemonossov. Onze quilômetros na ida de manhazinha, onze quilômetros na volta de tarde ou à noitinha. Sempre da mesma forma, nunca observando as pequenas ou também as grandes mudanças que sempre apareciam no percurso. Sempre pessoas diferentes, novas construções substituindo as antigas da era soviética. Nada percebia. Então esse ano decidi mudar isso e a cada novo dia percorrer um novo caminho, isso só me fez bem. Quantas novas edificações haviam e eu nunca tinha reparado. Quanta coisa havia mudado e eu não me dava conta. A cada novo trajeto uma nova experiência, comecei a ficar mais atento e as percepções retornaram. Hoje já estou esquecendo do robô que estava me transformando.

II

Ontem tirei um tempo para ficar com meus filhos, Igor de oito anos e Raissa com quatro anos. Primeiramente fomos jogar vídeo game, mas vi que não consigo acompanhá-los, parece que eles já nascem sabendo mexer nessas coisas eletrônicas. A disputa era eu contra o Igor, enquanto que a Raissa ficava me ensinando como jogar. Ao apertar um botão que me “ferrei” no jogo, ela me disse com toda autoridade: “já falei que não pode apertar esse botão, pai”.

Igor me venceu seis vezes, então desisti.

Depois fomos navegar na internet, “outro aperto”, pois eles sabem como ninguém e sem demora procurar os assuntos que queremos. Então, só me restava ficar observando eles tomarem conta do computador. Que saudade das brincadeiras da minha época.

Acho que é por isso que os pais sempre acham uma desculpa para não brincar com os filhos.

III

Adoro ler, a todo momento estou com um livro na mão. Também gosto de ler revistas, encartes e um pouco de jornal. Detesto ler no computador ou qualquer outro meio eletrônico a beleza da leitura está em pegar nas mãos o cobiçado livro, imaginar como foi escrito, imaginar as cenas que ele lhe traz, folhá-lo. Sou da era passada como dizem meus filhos.

Adoro a leitura de Dostoiévski, Tchekov, Gogol, Gorki, Isaac Babel, Pasternak, Solzhnitsin, Liudmila Ulitskaia, Erofeev, Pelevia, Akhmatova, Turgueniev entre tantos. Também Tolstói, Yevtushenko... esplêndidos, souberam captar cada momento da alma camponesa russa e disseminaram a magia dos campos da grande pátria, cada canto desta imensa nação foi transferido para as páginas de um livro pelas penas e canetas de um escritor.

Asimov também soube trazer o futuro a nossos pés em suas histórias sobre robôs. Aprendemos em muitos momentos a sermos humanos com estes seres de metal. Svetlana fica “louca” comigo quando fala e eu não a escuto, afinal estou concentrado em minha leitura, mas ela sempre acaba entendendo. Svetlana tem razão, fico envolvido neste mundo mágico.

IV

No último final de semana fui com Svetlana assistir à um filme num cinema perto de nosso apartamento. Adorei, pois desde criança, lembro que meu pai me trazia revistas infantis deste herói. Ainda possuo e em ótimo estado, muitas dessas revistas que meu pai trazia do exterior, na época que esta forma de literatura não entrava no mundo soviético. Ele sempre aparecia com uma nova revista escondida em sua bagagem quando viajava ao exterior, e como era agente do GRU não tinha “muito problema”.

O herói das telas combatia o mal numa cidade dominada pelo medo e tentava vingar a morte de seus pais quando da sua infância. Para isso empregava a fortuna da família nesta incansável busca. Fortuna por nós jamais sonhada na época soviética. No final o incansável, mas humano encapuzado Batman vencida a batalha mas deixava uma mensagem para todos “o sonho é um dos propulsores em nossa jornada neste mundo”, então por algum tempo Bruce Wayne estava em paz.

Voltamos para casa após passarmos num restaurante e discutirmos algumas cenas do filme.

V

Conheci Svetlana há vinte anos atrás. Eram tempos totalmente diferentes aqueles, era outra nação, na verdade vivíamos em outro mundo, num mundo idealizado para nós por Lênin, Stálin, Trotsky e outros líderes comunistas, que após a conquista do poder perderam a cabeça e se sentiram deuses.

Passamos longos anos juntos namorando timidamente a moda antiga e então nos casamos após conquistarmos uma certa independência financeira.

Na véspera de nosso casamento sofri um acidente de carro e passei por um enorme susto, mas nada de grave aconteceu. Estamos juntos a bastante tempo e sempre buscando novos caminhos para nossa vida. Vivemos felizes há oito anos.

VI

Limpar aquário. Uma terapia ou um tormento? É estressante imaginar e pensar que temos que fazer esse serviço, sempre vamos deixando para depois, amanhã, semana que vem.... e assim vai, mas temos de fazer. Quando começamos é extremamente gratificante lidar com os peixinhos, as plantas, as pedrinhas e a decoração em geral, ainda mais quando as crianças estão por perto para ajudar ou então para “bagunçar”. Cada um fica com uma tarefa, mas sempre acaba sobrando para os mais velhos fazerem o serviço como deve ser feito, pois eles só estão ajudando pela felicidade de poder brincar com o aquário. Elas sempre gostam de pegar os peixinhos, brincar com eles, mas muitas vezes acabam matando os pobrezinhos e ficam tristes com isso. Então o pai

tem que comprar novos bichinhos para colocar no lugar e a festa começa novamente, cada um escolhendo o mais bonito numa discussão que só eles entendem.

VII

Num casamento o importante é a confiança que temos um no outro. Sempre defendi que o verdadeiro amor é aquele que está disposto a entender as obrigações da vida e os sonhos de cada um. Como um pode e deve crescer, atingir o sucesso o outro também possui os mesmos direitos. O amor que só pensa em proteção, em criar dependência... não é amor, torna-se – para mim – obsessão, posse.

Amor é saber que os parceiros possuem sonhos, ideais e metas na vida e que não se pode atrapalhar isso. Viveremos mais felizes se os dois forem independentes, conscientes sobre seus mundos individuais e suas responsabilidades em união.

VIII

Viajamos (eu e meu irmão) para Liverpool assistir ao show do “The Australian Pink Floyd”, o único cover reconhecido por David Gilmour. Se eu dissesse isso há alguns anos me chamariam de louco ou me internariam num hospital para loucos, não era possível tais acontecimentos na era soviética. Mas tivemos políticos na década de oitenta que mudaram esse pensamento e transformaram a Rússia soviética.

De volta ao show, posso dizer que me surpreendi em vários aspectos, desde a organização do show, até as maravilhas dos efeitos de luzes que proporcionaram, muito parecido com o Pink Floyd original, do qual sou incondicional admirador.

Foi executado músicas de sucesso como “Comfortably Numb”, “Time”, “Money”, “High Hopes”, “Another Brick in the Wall Part II”, “Sorrow”, “Run Like Hell”, “Learning to Fly”, “On the Run”, “Shine On You Crazy Diamond”, “Wish You Were Here”, “Keep Talking”, entre tantas outras. Realmente foi fantástico.

Voltamos para Moscou no final da tarde seguinte cheios de felicidade. Foi o primeiro show que pude assistir ao vivo em minha vida. Já havia sido convidado para diversos outros, entretanto, os mesmos sempre aconteciam ao ar livre em minha cidade ou em outra cidade do interior por ocasião de publicidade política ou por ocasião de feiras em Moscou. Estes shows não possuíam o brilho e a tranquilidade necessários para minha maneira de viver.

IX

Jantar na cidade, como dizem na universidade, é um tormento.

Você sai de casa, geralmente com a família para terem um momento de descontração e melhorar o relacionamento entre ambos. Mas nem sempre as coisas acontecem como queremos. Veja só.

Pode acontecer, e geralmente acontece, d’a esposa se atrasar, pois fica experimentando uma roupa, depois outra, outra e mais outra, quando dá certo, ficou perfeito, começa a experimentar os brincos, colares e tudo mais, imaginando de antemão o jantar.

Quando se pega as ruas de Moscou à noite, não é difícil encontrar um acidente o que geralmente é um transtorno ter que agüentar os policiais no meio daquela bagunça tentando organizar o trânsito.

Finalmente você chega ao restaurante escolhido, depois de alguns minutos de discussão sobre qual seria a melhor opção para aquela noite. Percebe-se que está lotado e que vai demorar no mínimo uma hora para ter uma vaga. Então começa nova discussão para outra opção noturna. O restaurante então escolhido fica a cinco quilômetros do primeiro, mas vamos lá, não se pode estragar a noite.

Neste novo restaurante as vagas de automóveis estão lotadas, mas existem mesas para se jantar a disposição. Temos então de deixar o veículo na rua e aparece um rapaz de aproximadamente dezoito anos querendo cuidar do carro. O que decido? Deixar ele cuidar do meu carro e lhe dar algum trocado ou correr o risco de ter o carro todo riscado. Svetlana diz “pague logo”. Então já está decidido.

Subimos para o restaurante e a mesa à nossa espera fica num canto onde há pouca ventilação, mas está bom assim mesmo.

Depois de tomarmos um vinho leve, pois sou fraco para bebidas, escolhemos o prato e com ele, outro martírio, tivemos que esperar mais longos trinta minutos.

Mas acabaram-se os problemas.

Nada disso, engano. Quando fui pagar a conta com o cartão, o mesmo não tinha saldo.

Que vergonha. Mas ainda bem que Svetlana estava comigo.

Acho que estou desacostumado do ritmo noturno de Moscou.

X

Orquídeas são magníficas, possuem forma e cores das mais variadas, bem como odores sutis. Seus desenhos nos impressionam. Em cada país fazem seus adoradores e é assim deste os primeiros tempos da humanidade. Nos países tropicais possuem uma enorme variedade.

Aqui em Moscou não é muito fácil encontra-las e também são caras. Mas consegui juntar muitas e de diversos lugares do planeta, inclusive dos países americanos. Na verdade Svetlana possui amigos que trabalham em orquidários e que participam destes eventos anuais sobre orquídeas na Europa, inclusive no ano passado se realizou a 18º Conferência Mundial sobre Orquídeas entre 11 e 20 de Março em Dijon na França.

E imagine só, Svetlana adora orquídeas e a minha busca é para deixá-la feliz, entretanto, ela sempre me diz “você trouxe porque você gosta mais que eu”. Svetlana utiliza várias horas aos domingos para cuidar de nosso orquidário, onde temos espécies de países como Canadá, China, Alemanha, Japão, Brasil, muitas da África, Luxemburgo, França, Inglaterra, além de uma considerável quantia da Rússia, como a *Gymnadenia conopsea* dos Montes Urais, *Orchis moria* do Cáucaso, também *Calipso bulbose* encontrada no extremo norte russo. Temos muitas da Ucrânia, Belarus e dos países bálticos.

É muito relaxante estar entre estas magníficas flores.

Quem adora mais as orquídeas, eu ou Svetlana?

XI

Por ocasião de minhas últimas férias, que já fazem muito tempo, fomos em viagem à Irkutsk, região ainda selvagem e de preservação, Patrimônio Mundial da UNESCO. Chegando à Irkutsk visitamos primeiramente a Catedral Znamensky, o museu Volkonskiye, além do Teatro Drama, também passamos pelo mercado central para comprar algumas ervas. No dia seguinte seguimos para a aldeia Listvyanka que fica a cerca de 65 quilômetros de Irkutsk. Deixamos, a meu pedido, para visitar Obo, um lugar

santo que fica no meio do caminho entre Listvyanka e Irkusts, na volta, por motivos pessoais.

Passei pela Igreja ortodoxa Svyato-Nikolaskaya.

Viajamos então pelo lago Baikal, inesquecível, jantamos no navio e observamos nerpas ou focas do Baikal, ursos, entre tantos outros animais do local. O Baikal é tão inesquecível e profundo que se todos os rios do mundo fluíssem para ele, seria necessário um ano para enchê-lo.

Visitamos as nascentes quentes na Baía de Zmeinaya.

Passamos pela montanha Shamanka, perto da aldeia de Khuzhir, local sagrado para os xamãs. Passamos uma noite na região pernoitando em yurtas, as casas-tendas da população local. Encontramos por toda a extensão do Baikal pescadores vendendo omul, um peixe exclusivo do Baikal e de adorável gosto.

Tive a oportunidade de conversar com alguns xamãs o que me trouxe grande liberdade de espírito e muita tranquilidade.

Assim pudemos voltar e passarmos por Obo, um lugar santo xamanico.

Nunca mais vou esquecer daquelas férias.

Iuri Kosvalinsky

19/02/2006

VIVER BEM

O que é viver bem? Sei que é um emaranhado de situações, mas vamos tentar clarear.

É poder levantar todas as manhãs e agradecer por estarmos bem e poder trabalhar.

É poder ir almoçar onde sentir vontade.

Tomar uma cerveja, um refrigerante, um suco...

Voltar para casa no fim do dia sabendo que as tarefas foram realizadas e saber que encontrará um ambiente agradável.

É poder assistir um programa e não se entediar.

É poder bagunçar com as crianças e ficar exausto.

É poder tomar um banho....

É poder ver o nascer do Sol, mas tem que levantar bem cedinho.

É poder andar descanso na terra,

É saber sorrir em situações difíceis.

É tomar banho de chuva e saber que não ficará resfriado.

É saber passar a vida.

É entender que a vida passa a cada momento e que um momento não é igual a outro.

É errar e olhar para trás e rir dos próprios erros.

É amar e ser amado.

Tomar tererê na sombra de uma árvore e se esconder dos raios solares

É observar a escuridão da noite e ver através dela.

Observar o céu na escuridão da noite.

Sentir a brisa atravessar o corpo

É poder ouvir música e poder meditar.

É espirrar quando sentimos cheiro de poeira

É poder comprar as coisas que gostamos

É planejar para crescer

Relembrar os momentos felizes

Abrçar um amigo, várias mulheres, mas bom mesmo é abraçar os filhos.

É brincar com peixes, plantas e sorrir.

É brincar de ola e ficar todo sujo.

Contar piadas e rir dos outros

E plantar esperanças

É sair de férias e ouvir dentro do carro a bagunça da criançada.

É poder jantar fora

É estar casado e poder dividir os problemas

É ter confiança

É poder ver as inúmeras cores do mundo, sentir cada objeto,

Saber que todos somos diferentes

Viver com adversidades, povos e situações adversas

Entender que a magia está presente em cada situação.

E estar completando um objetivo, realizar um sonho.

É ganhar um beijo inesperado

É poder ouvir “estou com saudade”.

É poder escrever para vocês.

Iuri Kosvalinsky

12-03-06

CRITICA AO “PROCESSO CRIATIVO”

No dia 11 de março ultimo, eu estava lendo um jornal brasileiro na internet e pude ver o artigo “Processo Criativo” escrito por um tal de Márcio Prudêncio, que não sei quem é mas algumas partes deste artigo são interessantes como:

“A liberdade deve fazer parte de todo aquele que pretende criar. Em uma mente liberta das imposições de idéias fixas, a fluência no processo criativo torne-se mais prazeroso e empolgante quando trazemos a tona criações livres de nosso imaginário, com rico teor das idéias defendidas, por tratar de questões que gostamos e pesquisamos no ramo de nosso interesse”.

Ou seja para mim temos que sonhar e deste sonho projetar nossas ações para um futuro melhor e assim criar oportunidades para a humanidade conseguir viver sempre um novo dia Muitos passam a vida, não a vivem como deveria, porque sentem vergonha em deixar o processo criativo, que nada mais é que nosso inconsciente, tomar conta e definir nossas ações.

Somos o que pensamos e muitas vezes somos duzentos por cento racionais e adoentamos antes do tempo, então esquecemos de nossos objetivos e passamos a viver um dia após outro sempre da mesma forma, sendo conduzidos pelos compromissos que nosso consciente, infelizmente, assume.

Não sei quem é este cidadão que escreveu tal artigo, mas o estou guardando na cabeceira de minha cama.

Iuri Kosvalinsky
16-03-06

TRES DEPOIMENTOS DE HUMILHAÇÕES HUMANAS

Meu pai me contava muitas histórias sobre o regime soviético e os famosos campos de concentração, eu não fazia muita questão em ouvir pois toda vez que ouvia ficava chocado. Agora passado longos anos após a desintegração soviética ocasionada por Mikhail Gorbachev entendo o sofrimento, a angustia e as humilhações que aqueles pobres coitados passaram.

“Nunca esquecerei aquele primeiro gosto do frio na prisão. Não sou capaz de descreve-lo; não consigo fazê-lo. O sono me empurrava numa direção; o frio, em outra. Eu me levantava de um pulo e corria ela cela, adormecendo em pé e caindo de novo na cama, onde o frio logo me obrigava a levantar de novo”.

“Da mesma maneira que um negociante de cavalos, com seus dedos sujos cutucando dentro da boca de Innokenty, esticando uma bochecha e depois a outra, puxando para baixo as pálpebras inferiores, o carcereiro se convenceu de que não havia nada escondido nos olhos nem na boca; empurrou a cabeça para trás, de modo que as narinas ficaram iluminadas; em seguida, examinou ambas as orelhas, puxando-as para trás, e mandou Innokenty esticar as mãos, para mostrar que não havia nada sob as axilas “Pegue o pênis na mão. Puxe o prepúcio. Mais. Certo, já basta. Mova o pênis do alto para a direita, do alto para a esquerda. Certo, pode largar. Fique de costas para mim. Abra bem as pernas. Mais. Incline-se e toque o chão. Com as pernas mais abertas. Abra as nádegas com as mãos. Certo. Agora, de cócoras. Depressa! De novo!”.

“Os investigadores começaram a usar a força comigo, um enfermo de 65 anos. Fizeram-me deitar de rosto e golpearam-me as solas dos pés e na espinha com uma correia de borracha. Sentaram-me numa cadeira e me bateram mais nos pés, com força considerável... Nos dias seguintes, quando aquelas partes de minhas pernas estavam cobertas por grandes hematomas, eles tornavam a bater com a correia de borracha nas feridas, que estavam rubras, azuladas e amareladas; a dor era tao intensa que senti como se água fervente estivesse sendo derramada nessas áreas sensíveis. Urrei e chorei de dor. Bateram em minhas costas com a mesma correia de borracha e me esmurraram na cara, deixando que seus punhos se abatessem de bem alto...

Em certa altura, eu tremia de modo tao incontrolável que o guarda que me escoltava à saída do interrogatório perguntou: “Você sofre de maleita?” Quando me deitei e adormeci no catre, após dezoito

horas de interrogatório, só para voltar a ele a uma hora, fui acordado por meus próprios gemidos e espasmos, como um paciente em estágio terminal de febre tifóide.

Extraídos do livro “Gulag: Uma História dos Campos de Prisioneiros Soviéticos”, Anne Applebaum, páginas 176, 186 e 187”.

Iuri Kosvalinsky
18/03/2006

VIVER FELIZ MANTENDO A ORDEM

Viver feliz mantendo a ordem.

Este é o mandamento que deveria existir e, um sendo parte do outro, jamais independentes. A igreja possui tantos mandamentos que se torna difícil respeitá-los. Quem nunca cobiçou a mulher do próximo? Quem nunca matou (por menor que seja)? Quem nunca roubou (e aqui a palavra roubo possui sentido muito além de roubar dinheiro, posses....)? E a lista é grande.

Este final de semana fui com Svetlana à igreja. Fazia muito tempo que não visitava a casa do Senhor, mas, se a gente vai ao templo com a finalidade de orar é uma visão, se não, temos esta finalidade, então começamos a perceber coisas que passavam despercebidas.

A Rússia possui uma infinidade de igrejas, cada uma mais linda que a outra, entretanto, por muitos anos tivemos que cultuar nossa religião às escondidas. Quem tinha uma religião não era bem visto pelo regime, mas agora tudo mudou.

Anna, minha mãe, vai todo final de semana à igreja em Privolnoye e quando éramos pequenos tínhamos que ir também.

Aqui em Moscou as coisas são diferentes e sempre temos outros afazeres. Dificilmente sobra tempo para visitarmos esta casa de oração.

Viver feliz mantendo a ordem.

Vamos ver!

Eu, apesar dos colegas da universidade me criticarem dizendo que não acredito em Deus, estão muito enganados, sempre acreditei, mas num Deus um pouco diferente do que prega a igreja. Sempre disse que ele é uma luz, uma entidade, ou coisa parecida, evoluído muito além de nós e não um velho de barba branca, sentado num trono decidindo nossas vidas. Para mim a força da natureza é Deus, o nascer de uma nova vida é Deus, a semente se transformando em planta é Deus.....

Viver feliz mantendo a ordem.

Na igreja observamos que as pessoas fazem um certo “desfile” com suas roupas novas, penteados diferentes e revolucionários, unhas das mais estranhas e uma, mulheres principalmente, cuidando da outra.

Acredito que nos outros lugares isso não seja muito diferente. Sinto que aquela religiosidade que existia em Privolnoye não está presente aqui em Moscou.

Reparo também que, geralmente, aqueles que vão à igreja, que sempre estão lá, estão fugindo de alguma responsabilidade com a sociedade. São os verdadeiros “falsos profetas”. Tentam esconder a devassa vida aqui fora atrás do manto religioso. Uma pena.

Isto já pude comprovar por diversas vezes. Mas cada um deve ser feliz... mas não deve esquecer a ordem.

Outros, os rapazes, vão à igreja observar as mocinhas, tentar algo diferente. Poucos vão para rezar/orar.

Realmente a tradição religiosa russa está se perdendo rápido, mas não posso culpar esta geração, talvez devêssemos culpar a geração do comando soviético que minou a tradição.

Entretanto, com tudo isso, Deus está sendo esquecido, mas continua nos acompanhando todos os minutos para vivermos felizes.

Viver Feliz.

Iuri Kosvalinsky
20/03/2006

WINDOW

A janela foi aberta
A Luz percorre o interior da caverna
Traz o doce aroma da natureza
A beleza das flores
Pássaros percorrem o vazio
Seus cantos ecoam pela noite

A janela foi aberta
A noite não mais esconde mistérios, temores, perigos.
A noite foi domada pela Luz

A janela foi aberta
Os caçadores das trevas desapareceram
As crianças dormem livres

A janela foi aberta
Novos sonhos se criam

Um novo futuro no mundo
A Luz ficará.

Muito tempo depois.

A Luz se apagou
The window closed.

Iuri Kosvalinsky
24/03/2006

DISFARCE

Acertou o poeta que disse:

“... será que na Terra os Et's usam disfarce.”

Usam....

Eles estão aqui, escondidos entre nós.
Convivendo conosco. Fazem parte de nossa vida

Não os vemos. Não olhamos como devemos.
Não observamos os movimentos

Eles estão em cada nação
Observando nossos movimentos
Sentindo nossas fraquezas
Chorando por nossas irresponsabilidades

Eles sempre estiveram aqui. Entre nós.
Eles estão em todos os lugares.

Iuri Kosvalinsky
25/03/2006

CARINHO DE FRADOV

Este acontecimento ocorreu antes de Visna Mariokova viajar para a França com Alexander Fradov, então em suas palavras

“vou contar a última que aconteceu comigo e com meu namorado Fradov.

“Na última terça-feira chuvosa liguei para ele convidando-o para irmos a uma festa de uma colega minha, Fradov não aceitou e eu disse que iria assim mesmo, sem ele, então ficou nervoso e subitamente desligou o telefone.

“Não consegui mais contato. Sua casa é distante da minha e Moscou é uma cidade perigosa à noite, achei melhor ir direto à festa.

“À uma hora da manhã voltei para casa contente com a festa, tudo havia transcorrido normalmente. Foi muito bom. Eu estava preocupada pois havia planejado tudo. Estava satisfeita comigo mesma. Tomei um banho, coloquei minha camisola e cai na cama, afinal o dia seguinte se aproximava e eu ainda era funcionária da universidade.

“Quando estava pegando no sono, ouvi a porta do apartamento se abrir. Levantei subitamente, mas comprovei que era Fradov chegando. Até tive uma surpresa pois não o esperava. Não após tudo o que aconteceu. Ele não estava com uma cara boa. Muito agitado, nervoso e aparentava ter bebido bastante. Estava bêbado. Fazia muito tempo que não o via nesse estado. Ele estava agressivo, cheguei a ficar assustada.

“Fora de si me falou um punhado de asneiras, rasgou a maioria de nossas fotografias, jogou fora nossa aliança e descontrolado, após me xingar, foi embora. Às vezes penso que ele é perturbado mentalmente.

“Ao acordar naquela manhã fui trabalhar, meio nervosa, meio triste. Perto do almoço Fradov me ligou, desta vez carinhosamente se desculpando e tentando reatar nosso relacionamento. Fradov estava totalmente diferente da noite anterior, disse que não se lembrava de nada. Só se lembrava de ter terminado comigo. Comigo mesma, achei engraçado que não tenha se lembrado daqueles absurdos da noite anterior. Não sei como pode trabalhar num órgão do governo e ser mentalmente perturbado. Realmente nossos policiais estão ficando ridicularizados.

“Eu acreditei em Fradov mais uma vez e reatamos.”

Visna Mariokova

K

Vou chamá-la apenas de “K”
Pra mim já basta
“K” de Kounstar
“Formosura” no mundo rubense

Encontrei-a visitando um paraíso
Num dia destes

A cada passo um olhar distante
Distante embora penetrante
Cabelos negros tocados pela brisa

Suave suas palavras no correr dos minutos
Minutos que passam rápido
Imperceptíveis

Observei “K”
Sonhos me vieram à mente
Confuso então me encontrei

Um suspiro divino a cada palavra
Sussurros disparados
Com a velocidade do pensamento

O suave aroma do desejo
Saudades do passado
Passado que jamais voltará

“K” linda.. suave... feliz
Sempre feliz.
Ficou sua imagem.

Iuri Kosvalinsky
10/04/2006

NOVAMENTE O VELHO

Encontrei novamente o velho
Aquele velho que tanto sofreu
Aquele que tantos tormentos suportou.

Kostadinov é seu nome
Mas não faz diferença
Todos o chamam de “velho”.

Aquele velho que tanto suportou e ensinou
Ensinamentos xamânicos
Ensinamentos do Deus verdadeiro
Aquele que trouxe a alma ao mundo.

A alma que se tornou vida
Vida que fez o tempo evoluir
O velho que esteve presente em cada momento.

Muitos riram dele
Riram acreditando que ele não resistiria
Mas sempre superou a dor
O velho continua ensinando.

O velho encontrei
Com as amargas marcas da vida
Vida que sempre o quis abandonar.

O velho resiste ao tempo,
Resiste ao ar daqui
Ainda resiste.

Após um longo aceno sem palavras
O velho desapareceu no horizonte.

Iuri Kosvalinsky
24/04/2006

UNIÃO

“Só queria dizer que gosto muito de você”.

Podia ser mais uma frase como qualquer outra jogada ao vento, entretanto, traz a tona um sentimento de união, responsabilidade. A união necessária para que um casal consiga permanecer juntos ao longo de sua jornada e possa ter objetivos em conjunto.

Quantos ficam pelo caminho totalmente enganados e divididos entre o amor e o fogo da paixão?

Muitos esquecem a profundidade de cada ação, de cada decisão.

Não se importam com o outro.

A união vai mais além do que sexo

Humanos pensem nisso.

Iuri Kosvalinsky
24/04/2006

APÓS O CARINHO DE FRADOV

Toquei o coração de Visna quando mencionei o desequilíbrio de Fradov, mas nossos caminhos devem continuar paralelos. Não serão unidos, a força de minha jornada não permitirá jamais. Visna possui consciência sobre o emaranhado de sentimentos e emoções que se tornou Fradov, extremamente delicado seu equilíbrio, mas ainda inconscientemente permanece presa à ele.

Visna numa declaração rápida me disse:

“Essas palavras disseram tudo... Relendo, lembrei de muita coisa, que prefiro não falar... acabei chorando sem querer. Ainda está um clima chato, nós ainda não conseguimos tocar neste assunto, rever os erros...simplesmente estamos fingindo que nada aconteceu.

Mas na verdade, sei o quanto estamos errados... Tem mesmo razão, fiquei muito assustada! Suas imaginações já estão ficando delirantes. Ele sempre verifica tudo para sanar suas desconfianças, sempre quer saber se estou onde e com quem disse que estaria, abre correspondências, ouve telefonemas, examina bolsos, bolsas, carteiras, celular, gavetas recibos, roupas íntimas, me segue, etc. Toda essa tentativa de aliviar sentimentos, além de reconhecidamente ridículo até por si próprio, não ameniza o mal estar de suas dúvidas. Ele sempre me faz visitas ou telefonemas de surpresa em casa ou na faculdade para confirmar suas suspeitas. Eu procuro dissimular elogios e presentes recebidos ou omitir fatos e informações na tentativa de minimizar esses problemas, mas geralmente agravo ainda mais. E ainda me parece que está ficando cada dia pior.

Agora, depois de tudo, fiquei com muito medo de sua possevidade e desconfiança”.

Não posso fazer nada diante disso. Nada, nada... Além de nunca ter passado por uma situação semelhante tenho pouca experiência com alucinados.

Sempre tive certa preocupação com Fradov, apesar de pouco conhece-lo.

Acredito que o momento a que ela se refere passará, mas ficará as marcas na alma e a cada dia mais difícil fica para Visna tornar-se feliz.

A felicidade está algemada pela estranha e obscura face da alucinação.

Iuri Kosvalinsky

29/04/2006

DESEJO

Hoje cheguei mais cedo que o normal
Para, mesmo com toda a correria, ter mais tempo
Para estar com você.

Sinto vontade de sempre estar aqui
Contigo
Lembro de seu corpo, sempre
E dos incríveis beijos.

Me deixam sem fôlego
Incríveis beijos

Hoje preciso de você
A solidão me tocou
Nua, molhadinha e me desejando
Hoje lhe desejo

Hoje Svetlana estamos sós
Hoje podemos nos amar
Hoje lhe desejo

Iuri Kosvalinsky
29/04/2006

PRECISO DE CUIDADO

Svetlana partiu dizendo que não sabe quando voltará. Inesperadamente se foi, voltou para sua terra. Levou consigo as crianças, nossos dois filhos. Talvez só retorne quando eu me convencer que tenho que começar a me cuidar. Ela está muito preocupada comigo. Eu sei que não preciso ir ao médico, isto é besteira, ele vai achar um punhado de coisas que não precisam ser encontradas. Afinal como vão ganhar dinheiro se o paciente estiver bem?

Encontrei um bilhete de Svetlana que dizia:

“Iuri, gostaria de lhe pedir para me escutar ao menos desta vez. Já conversamos com você e você sabe o quanto estamos preocupados contigo. Então, estamos lhe dando mais uma chance. Ontem observamos e você não estava nada bem. Todos estamos apavorados. Você sabe Iuri, não gostamos de te chatear, porem, por gostarmos de você queremos te ver bem sempre, meu amado.... Você possui uma força incrível meu amado.

Quando fizer o que precisa nos procure, sabe onde nos encontrar. Beijós”.

O bilhete estava assinado por Svetlana minha esposa e por Igor e Raissa meus filhos.

A principio achei interessante ter alguns dias sozinho, poderia realmente refletir sobre muitas coisas e então o tempo foi passando.

Após alguns dias estava muito difícil ficar sozinho, já estava sentindo falta deles. Mas não conseguia contato. Eles não atendiam minhas chamadas. Toda noite ficava na sacada de nosso apartamento contemplando Moscou e com algum aperto no coração. Sabia que minhas crianças e também Svetlana estavam bem, entretanto gostaria que estivessem comigo.

Noites sozinho se sucediam e então tomei a decisão de ir ao tão solicitado médico. Após uma bateria de exames e uma longa conversa, tive certeza de que deveria não ter ido. Descobri que possuía uma grande lista de problemas e que teria de mudar toda a rotina de minha vida para poder voltar a ter saúde.

Depois de alguns dias me refazendo das tão preocupantes noticias fui em busca de minha família. Dois dias depois voltamos para Moscou e desde então estou tentando fazer parte das solicitações médicas. Mas ainda falta muito.

Iuri Kosvalinsky
29/04/2006

UM ESTRANHO ENCONTRO

Das recordações de Svetlana Kosvalinsky.

“Deixei as crianças com a empregada e sai de nosso apartamento, no último dia 15 de maio, às nove horas da manhã, indo à academia na área central de Moscou. Tive que parar num semáforo ainda perto do apartamento. Ao meu lado parou um rapaz numa motocicleta de porte médio que me cumprimentou, no mesmo instante em que o semáforo abriu. Não reconhecendo o rapaz, pois, portava um capacete, continuei novamente meu trajeto e o motociclista me acompanhando. Emparelhou com o meu veículo sua motocicleta e começou a me fazer sinal que queria conversar comigo. Não dando muita atenção a ele continuei”.

“Ao entrar em uma rua de maior movimento precisei diminuir o ritmo e o mesmo rapaz novamente apareceu, abriu a viseira de seu capacete e começou a conversar comigo, enquanto dirigíamos na movimentada rua”.

- Encosta que quero falar contigo. – disse o rapaz.
- Não lhe conheço. – respondi
- Você é muito linda, quero falar contigo. – insistiu.
- Está louco, sou casada. Não falo com estranhos.

Continuávamos dirigindo e o estranho rapaz não desistia.

- Encosta quero falar contigo. Você é muita gata, quero sair com você. Onde você mora? – Novamente me dirigiu a palavra o estranho rapaz.
- Não sei quem você é e sou casada, não tenho tempo para conversar na rua.
- Não tem problema, não sou ciumento além do mais tenho muito tempo. Vou lhe acompanhar.

“O mesmo estranho rapaz continuou me seguindo até chegar à academia e parou sua motocicleta ao lado meu veículo, logo após eu o estacionar. Queria e insistia ainda em falar comigo, mas não dando atenção entrei na academia e iniciei minha aula. Então o rapaz desapareceu”.

Iuri Kosvalinsky
16 de Maio de 2006

UM DIA DE DOR EM LEMONOSSOV

O mundo corporativo é extremamente injusto. Não podemos, e isto tem que estar claro, nos deixar levar por sentimentos com aqueles que trabalham conosco, pois, se isto acontecer o martírio e o sofrimento são grandes.

Mas como fazer isso. Alguns escolhidos conseguem ser neutros com as pessoas que a cercam, entretanto a maioria não possui esta qualidade e infelizmente acabam tendo um relacionamento de amizade, simpatia, carinho... para com aqueles que trabalham no dia-a-dia.

O que posso dizer neste momento é que me recorro de 1991, quando houve o colapso soviético e passamos historicamente a viver em outra nação (sem sair do lugar). A Rússia passava então a ser nossa nova casa. Uma casa que surgia cheia de retalhos, dores, hematomas. O mundo pode observar pela mídia toda a escassez que enfrentávamos, filas e mais filas se formavam em nossas principais cidades para adquirir o que não tinha... o que não tinha. Desilusão de uma vida. “Eu nasci no país errado”, ouvíamos a todo momento nas ruas e também no trabalho. Mas nada que não pudesse ser superado pelo povo russo, já sofrido de tantas atrocidades em sua longa história.

Mas vamos ver o que aconteceu.

O então presidente russo, Boris Yeltsin, tipicamente no desmando, não se importou com os “novos ricos” russos e as verbas estatais não chegavam às universidades, principalmente em Lemonossov, onde a maioria dos novos “donos do poder” conseguiam desviar-las para seus cofres, longe das fronteiras russas e assim minar os recursos. Desprezo total com a intelectualidade russa.

Nesse cenário, enfrentamos duras retaliações por diversos fornecedores e profissionais e tivemos que organizar algumas reuniões de urgência com o conselho reitor para darmos seqüência ao rumo da universidade.

Lembro-me bem daquela semana insuportável. Infelizmente as vaidades individuais ainda persistiam, mesmo num cenário trágico que estaríamos enfrentando. Algumas noites de sono foram desperdiçadas. Corrosões...

Minhas quase duas décadas de trabalho na universidade me ensinaram muito.

Após as reuniões passamos a implementar o plano contingencial e muitas normas e procedimentos foram alterados. Até parecia que aquele velho jargão “a suntuosa Lemonossov...” não existia mais, mas tudo pela sua sobrevivência e reconhecimento internacional. Mas entre tudo o que mais nos afetou – e ainda hoje, depois de muitos anos ainda me recorro com dor – foi concretizar o cancelamento de muitos serviços na universidade. E isto deveria ser feito logo. Sem demora.

Pessoas de grande conhecimentos, de vontade, de nível elevado, pessoas companheiras... amigas... Os corredores ficaram – praticamente – vazios.

A universidade sobreviveria? Perguntávamos para nosso próprio íntimo.

Mas é difícil responder qualquer coisa com clareza quando estamos abatidos, desmotivados. Nestes momentos um turbilhão de “sombrios” pensamentos nos invade e ocorre de errarmos muito facilmente.

Lemonossov... A universidade centenária.

Pessoas de grande caráter foram embora, mas pude aprender com cada infeliz momento que passei quando assinávamos os distratos com nossos parceiros.

Lemonossov.

Ainda me recordo de 18 de Maio daquele ano, do momento em que eu estava com minha equipe e informava-a sobre tudo que havia sido decidido. Meu coração apertado não compreendia o que minhas palavras diziam. Meus olhos cheios de lágrimas, não queriam continuar aquela tarde, ansiava para sair dali o mais rápido possível... desaparecer... esquecer daquele momento, mas era impossível. Tínhamos que terminar, esclarecer para as pessoas, pedir a compreensão e acreditar que entenderiam.

Entenderam?

Somente dez anos depois pude saber que entenderam o que estávamos atravessando naquele ano de 1991, mas um mínimo de mágoa ficou depositado em cada coração que estava presente naquela data. Ainda sinto tristeza em lembrar daqueles rostos, feições tristes, abaladas, decadentes.

Hoje se passaram muitos anos, a Rússia, com novo presidente, com nova filosofia, voltou a crescer e Lemonossov volta a ser a “suntuosa universidade”.

Lemonossov sobreviveu apesar das cicatrizes em nossos corações.

Iuri Kosvalinsky
25 de Maio de 2006

ESCOLHA NA COPA DO MUNDO

A Copa do Mundo está chegando e infelizmente mais uma vez paramos no meio do caminho. Este ano como em outros a seleção russa não fará parte deste torneio, mas nem tudo está perdido, tenho um amigo, Pavel Blokhin, ucraniano da Universidade de Kiev e, como passarei alguns dias naquela capital e já ganhei de Pavel a camiseta da Ucrânia, então estarei torcendo pela sua seleção.

Esta é a primeira vez que esta seleção participa de uma copa do mundo, nas outras três tentativas acabou ficando pelo caminho das eliminatórias, e tudo o que fizer já é grandioso, mas eles possuem grandes jogadores, como Shevchenko que atua no Milan da Itália e já mostrou muita qualidade, também Rebrov, Radchenko, Voronin além do goleiro Shovkhovsky. Também Nesmachny, Rusol, Nazarenko, Rotan, Shelayev, Vorobei e outros.

Tenho esperanças que a Ucrânia faça bonito nesta copa, afinal é um time que chega sem o grande estardalhaço das grandes seleções como Argentina, Alemanha, a dona da casa, Itália, Inglaterra, França, Espanha.... Estava me esquecendo, o Brasil também está inserido nesta categoria e pode, veja só, até ser campeão mundial. Campeão não, hexacampeão.

Também podemos assistir aos jogos na televisão ucraniana sem necessitar comprar aparelhos para os ouvidos como acontece com alguns locutores internacionais. Caso a Ucrânia chegue a quartas-de-finais será um acontecimento impar na historia do país e – com certeza – o povo de Kiev estará esperando com festas o retorno dos heróis. O treinador Oleg Blokhin foi um dos grandes responsáveis pela campanha ucraniana nas eliminatórias e foi um grande nome para o futebol da antiga União Soviética.

A federação de futebol ucraniana ficou independente em 1991 após o colapso soviético, com o nome de Football Federation of Ukraine e em seu quadro existem equipes como o Dínamo Kiev que imortalizou o grande Lev Yashin o único goleiro a receber a Bola de Ouro da Europa, além de outros, também o Shakhtar Donetsk, Chernomorets Odessa... que sempre revelaram grandes jogadores

Então, vou torcer pela Ucrânia e esperar que Shevchenko e seus companheiros levem a Ucrânia até a final.

Iuri Kosvalinsky
03 Junho de 2006.

LEMBRANÇA DE SUKHANOV

Sou Dimitri V. Sukhanov, trabalhei alguns anos na Universidade de Lomonossov e pude conhecer Iuri Kosvalinsky, participei em alguns momentos de seus conflitos. Fui, algum tempo depois, transferido para nova universidade e meus contatos com Iuri diminuíram. Hoje, 29 de Maio de 2001, arrumando minha escrivaninha encontrei alguns rascunhos da época de Lomonossov. Dizia o seguinte:

Não sei bem o que dizer, digo, escrever, entretanto, penso que devo ao menos deixar rascunhado este momento na vida de Iuri Kosvalinsky. Um dos principais funcionários da alta elite da Universidade de Lomonossov.

“Hoje a noite Iuri saiu sem direção à altas horas conduzindo seu veículo pelas estradas russas. Seu destino, indefinido... Não consegui alcançá-lo... Iuri foi e é fantástico, entretanto, está se consumindo por algo tão comum em nossa vida, The Love. Não adianta falar isso à ele, não acredita. Já faz algum tempo que anda agindo estranhamente. Fatos aconteceram em sua vida que o abalaram. Perdeu grande parte do contato que tinha com Gorbachev, A União Soviética é passado, Lev Yashin é agora apenas uma lenda e a bela Raissa...

“Pobre Iuri, tem uma vida confortável, habitada por vários compromissos, cercado por familiares fantásticos, grandes amigos, porém permanece fixado em Raissa. Permanece solitário. Existe um poema de um brasileiro, Mário Quintana, que reflete bem isso ‘O que eu mais amo, depois da liberdade, é a solidão. Não a solidão propriamente dita, mas a solidão povoada...’. Sofrendo por Raissa. Algo impossível? Não sei dizer ao certo, pois tantas coisas que acreditávamos serem impossíveis Iuri ou até mesmo o mundo nos mostrou que falta apenas ‘vontade’. Sei que Raissa já compreende isso de Iuri, entretanto é melhor mesmo as coisas continuarem como estão. Iuri não encontra tempo para compartilhar com as pessoas amadas. Faria muita falta à Raissa. ‘... the sun’s gone to hell.’

“Iuri voltará, como sempre voltou, refletirá apenas esta noite e colocará seu coração novamente no lugar. Porquê sofre? Raissa? Porquê Raissa?

“Apesar de todo o sofrimento que deixa consumi-lo, Iuri ama esta universidade acima de tudo. É daqui que consegue sua ‘energia’ para tudo. É daqui que mantém sua chama acesa. É daqui. Isto é o que acredito. O desejo de Iuri com Raissa, não sei se deveria escrever aqui é que...

.... desculpe-me fui interrompido pelo som da campanha... Mas isto eu falo depois.

“Raissa está com Iuri, ao menos na Universidade. Novo emprego. Maravilha. Ou não? Pense Iuri. Pense.

“Mas até agora não disse por que Iuri começou esta crônica dirigindo velozmente. Vamos lá! Numa destas festas que ocorrem aqui em Moscou, Iuri sentiu (digo sentiu

porque ele capta os acontecimentos no espaço-tempo. Não sei dizer como funciona. Só ocorre) que Raissa foi cortejada por um conhecido seu, D. Ferlikonich. Este senhor é representante de uma editora do governo de Helsinque, Finlândia. Apenas isto e o deixou magoado. Não sei, mas Iuri anda muito mal, até poderia dizer doente mas é um teimoso e não encara os fatos. Sonha ele que Raissa compreenda, mas não acredito nisso, acho que Iuri se machucará cada dia mais. Iuri conseguiu realizações formidáveis na Universidade, porque então tem que se deixar levar por este fraco sentimento, deixar tudo se perder.

“Uma vez conheci uma embaixatriz que disse *‘a intensidade e o gosto pelos extremos são características do temperamento emocional e romântico dos russos’*. Iuri é um típico representante do povo russo. Sei que voltará, afinal apesar de grandes realizações, elas estão apenas começando..”

Assim havia terminado minhas anotações, e tento pensar em como se encontra Iuri, mas deve continuar apaixonado pela universidade, as demais paixões vem e vão.

Dimitri V. Sukhanov

Iuri Kosvalinsky
03 Junho 2006

RAISSA 2

Raissa!

Estou novamente distante de Moscou. Aqui nas Ilhas Sakalinas. Terra de disputas políticas entre os governos soviético (russo)-japonês. Entretanto o domínio político ainda é de minha terra natal, até não sei por que eles brigam tanto. Ficarei algum tempo nesta terra exuberante de fronteira com o Japão.

Com saudades de Raissa escrevi-lhe uma carta que dizia:

“Não nos encontramos nestes dias. Pois você voltou de férias na Criméia (aquele paraíso) e então saí para esta terra distante. Entretanto meus pensamentos continuam perto de ti. A longa distancia até Moscou não pode me afetar. Poucos são os meios de comunicação nesta terra selvagem, mas os pensamentos estão ainda mais fortes. Como está Raissa? Onde estas neste momento? No que está pensando? Estes pensamentos me acompanham a todo instante.

Sei que sabes o que faz. Será? Se mostra ser muito forte. Ter o controle de tudo, mas armadilhas da vida são ainda mais espertas.

Gostaria de estar perto de ti neste momento para ajudá-la. Para abrir seus olhos pois quando deixei a Universidade de Lemonossov à alguns dias percebia os perigos que poderiam afetar seu trabalho.

Importante acreditarmos e lutarmos por nossos ideais, mas fazermos isto com os pés no chão. Neste momento olhando o espetacular pôr-do-sol lembrei-me de palavras jogadas ao vento em que você me disse que gostaria de ser aeromoça numa terra estranha, provavelmente Europa Ocidental. Não discuti para não nos magoarmos. Mas acredito que isto não é o mais correto por alguns detalhes. Idade, família e nacionalidade. Nós somos russos e precisamos antes de tudo conquistar nosso próprio país para depois nos aventurarmos nesta Europa que um dia Gorbachev queria transformar numa “Casa Comum”. Você ficou alguns dias abalada com tudo (eu fiquei ainda mais), entretanto, depois de certo tempo analisou friamente e viu que tinha razão. Hoje você ocupa um “lugar importante” dentro da Universidade e não tem tanto aquela minha figura por trás de tudo. Anda com os próprios pés.

Gostaria de parabenizá-la. Gostaria de lhe dar um abraço.

Iuri Kosvalinsky
03 de Junho de 2006.

UMA CERTA SELEÇÃO NO MUNDO DA COPA

Uma certa seleção chegou alguns dias antes da copa à Alemanha, mas com eles um imenso grupo de seguranças. Para quê? Preocupação com Bin Laden? Saddam? Irã? Talvez para esconder um pouco o péssimo futebol que possuem. A Alemanha toda teve que dispor de uma grande força policial para estes dias de estada da comitiva norte-americana na copa.

Não sei porque vieram. Não venceram nenhuma partida e perderam a classificação para a estreante Gana que os venceu – no último jogo da primeira fase – por 2x1.

Eles se foram, voltaram para casa e não conseguiram mostrar ao mundo “a mais forte seleção norte-americana já formada”, como disse o tal de Bruce Arena, técnico americano.

Com sua volta, um alívio para a organização alemã. Adeus, adeus americanos, vão com Deus.

Meu amigo ucraniano me disse “voltem para casa e vão vender armas e não jogar futebol”. Mas vamos deixar estes americanos de lado e vamos continuar trabalhando.

Hoje, estou me lembrando agora, também jogou o Brasil e, parece que venceu o fraco Japão por 4x1.

Iuri Kosvalinsky
22 Junho de 2006.



Figura 2

SOMBRIO

Sombrio dizem que sou.

Amei imensamente a humanidade
Desde cedo conheci a doçura de um sorriso
O calor de um abraço
A simplicidade de um gesto
A cumplicidade de um afeto
O fogo de um corpo.

Me apaixonei desde cedo pela humanidade
Mas,

O coração humano é doente
A avareza corrói suas entranhas
A inveja se abate como uma pesada espada
O homem se tornou alheio à Luz

O calor gelou
A simplicidade se tornou confusa
A cumplicidade aliou-se a ganância
O fogo, bem!
O fogo se tornou mera paixão.

Tornou-se impossível amar.
Então, acertaram, me tornei sombrio.
Sombrio para fugir do mundo.
Não consigo mais amar os humanos.

Amargura. Fruto da vida.

Iuri Kosvalinsky
17 de Julho 2006.

CHUVA

Sentei perto da janela e observei
O céu, as nuvens, a chuva.
A água caindo em deliciosas torrenciais

As águas levando a sujeira embora
Poderiam levar a sujeira humana também

Senti alegria no coração
Dias cinzentos, tristes e agonizantes ficavam para trás

As plantas voltariam a ser verdes
A exalar felicidade

O sol voltava rejuvenescido
A chuva lavou nossas almas
Deu-nos novo alento.

Olhamos para o futuro e continua a vida.

Iuri Kosvalinsky
10 de Agosto de 2006.

MAGOS

Magos são estranhos
Estranhos são nossos atos

Magos são sombrios
Sombrios são nossos desejos

Magos geralmente são velhos
Velhos são nossos sonhos

Magos são quase eternos
Eternos são nossos mundos

Magos. Magos são “energia”
“Energia” são nossos espíritos

Energia... espíritos... magos... nós.
Magos... sublimes.

Iuri Kosvalinsky
10 de Agosto de 2006

VIDA

Quando as nuvens derramam chuva
Quando o vento do deserto esparrama a areia
Quando as violentas marés trazem água
Os grandes vulcões cospem a raiva
E as tempestades aparecem

A vida se amedronta
A vida se contorce

E a esperança de dias melhores podem surgir.

E o ciclo da vida jamais desaparece.

Lembrete sobre os maravilhosos momentos
que possuímos e não reconhecemos.

Iuri Kosvalinsky
23 de Agosto de 2006.

MIROSLAV
(Administrando via e-mail)

“Atormentado por seus bélicos pensamentos imaginava que todos o queriam derrubar. Se isolou na sala do ‘trono’ e doente ficou”.

O império foi deixado nas mãos de Miroslav, inexperiente ainda e sem qualquer visão de conjunto. Mas não havia o que fazer. Miroslav parecia ser a melhor opção.

Então Miroslav deu início ao seu profético destino. Destruir aquela região.

As tropas ficaram apreensivas, os guerreiros insatisfeitos ao não saber que linha ou o que Miroslav pensava. Mudava de idéia a todo momento e não tinha clareza em suas ordens. Todos estavam à mercê daquele rapaz, muito jovem por sinal mas que aparentava o cansaço de intermináveis anos. A mão do mal se fazendo presente.

A insegurança se espalhou e todos se sentiram vigiados pelo grande olho, oculto mas sempre presente e à espreita. Um medo intrínseco rondava o castelo.

Líderes das mais diversas ordens foram sendo dominados ou jogados uns contra os outros e então calados. Assim *“a luz dos líderes foi se apagando, sendo consumida pela escuridão”*. Todos sabiam do rumo que o império seguia, obscuro e sem direção, mas calar era mais sensato.

Alguns que haviam *“dado”* a vida pelo e para o império estavam insatisfeitos ou sendo desautorizados pela mão de aço de Miroslav.

Líderes natos que outrora conduziam os rumos do império, encontravam-se totalmente desanimados e deixando os acontecimentos e turbulências simplesmente *“acontecerem”*.

Miroslav. Miroslav. Miroslav.

Olhos aos céus não adiantavam, profetizava-se que havia endurecido as estrelas e proibido-as de brilharem.

Gado seguiam ao abate
Rezes conduzidas por lobos
Rios congelados
A relva doente pelo tempo
Em vão a aurora pálida surgia

Estrelas do céu despencavam

A morte precoce de um ainda jovem império.

Horas na vastidão da internet sendo consumidas e um borbulhar de fatos do lado de fora do “trono”.

Vasculhando os servos por onde caminham. O que fazem. O que dizem. Tolos. Olhos agonizantes.

Os líderes se foram, abafados e agonizados pelas sombras. Dos imortais já não lembram os nomes.

Hoje, os servos não possuem capacidade para pensar, oprimidos pelos grilhões, são impossibilitados de decidir. Miroslav.

Miroslav centralizou o comando e como o Big Bang agonizante explodiu e desapareceu.

Miroslav. Miroslav. Miroslav.

Em seu lugar as lembranças de um império que muito contribuiu para o crescimento do povo ao redor do Baikal.

Ordens eram enviadas pelas máquinas e às máquinas retornavam. O calor do contato humano desapareceu. Sua falsidade contagiou a todos.

Miroslav nunca discutia decisões com os membros do conselho, sempre isolado, alheio, fazendo e exigindo o que lhe vinha à mente sem direção.

Pobre Miroslav.

Não tinha ninguém para auxiliá-lo, sua mão de aço não permitia, seus olhos flamejantes afugentava os próximos e a arrogância se alastrou.

Pobre Miroslav. Enfermo Império.

Podia ter escolhido outro destino. Podia ter feito diferente. Podia...

Sua auto afirmação era vaga, vazia e obscura. Nenhuma rainha de coração aberto se aproximou.

Tornou-se difícil “*distinguir o céu do inferno*”.

Morreu sem herdeiros, consumido por vagas ilusões de seu reinado.

Iuri Kosvalinsky
28 Agosto de 2006.

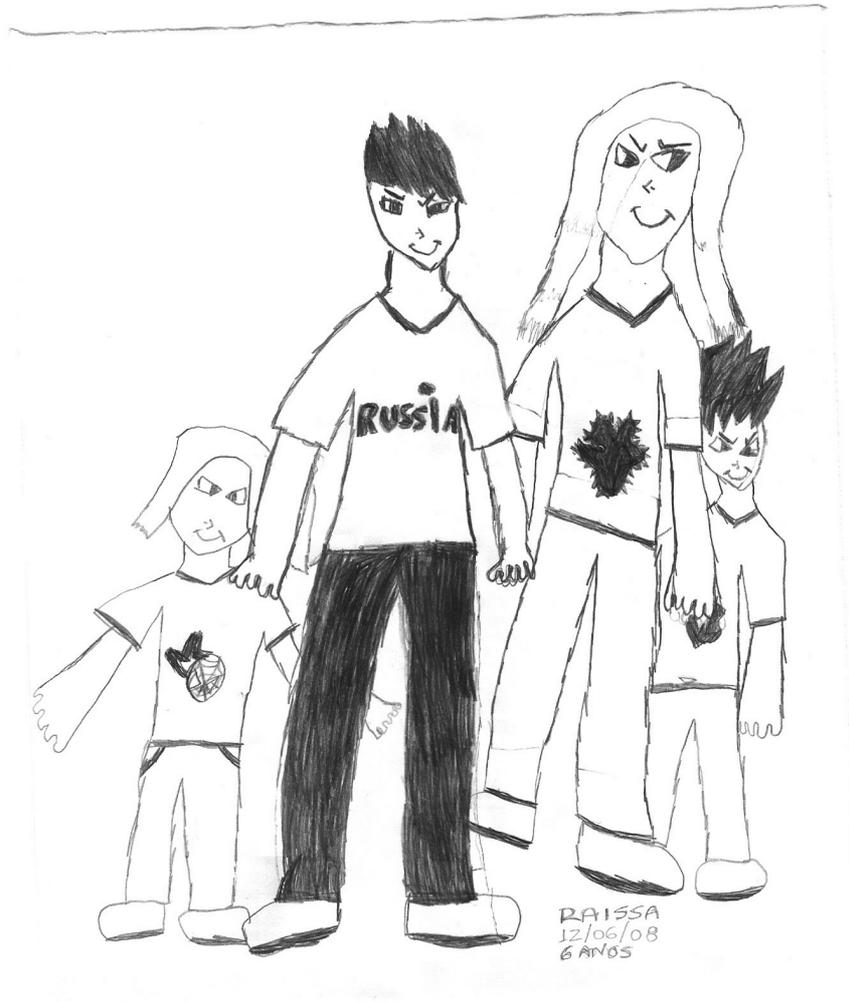


Figura 3

SE VOCÊ SE FOR

Se você se for
Abandonará o caminho
Pessoas ficarão para trás
Esquecidos se manterão

O caminho por trás se fechará
Ervas daninhas apagarão as pegadas
A luz no fim do túnel ofuscada estará

Se você se for
Deixará alguns sonhos esquecidos
Corroídos pelo tempo.

O mistério do futuro
O desejo de desvendar possuímos
Em nossas mentes está

Se você se for
A trilha do nevoeiro será domada
As pegadas surgirão do nada

Uma nova vida surgirá
Será? Cadê as amarras do passado?
O aprendizado se tornou lenda.

Como construir um novo futuro
Tudo é novo, estranho, amargo.

O símbolo de ouro
Reverenciado por muitos
Desgastado pelo tempo está

Os conhecimentos estão obscuros
Como fazer? Pensar não posso.
Uma máquina me tornei.

Numa noite gélida
De meu quarto resolvi

Quero atravessar nevoeiro
Novamente.

Iuri Kosvalinsky
11 de Setembro de 2006.

ABRA A JANELA MEU AMIGO

Abra a janela meu amigo
Respire fundo e veja:
A vida está passando.

Sinta agora o que não poderá daqui
À alguns anos.

A dama de preto estará aqui
Não adiantará fugir pela porta
Pular a janela
Esconder-se num canto escuro

Este mundo ficará apagado
Escuro como uma noite sem estrelas
E sem o brilho do luar.
Esquecido no breu das cavernas lodosas.

A escuridão se aproxima
As luzes cintilam com tristes semblantes
Adeus pássaros do céu.

Abra a janela meu amigo
Olhe para os demais
Veja seu reflexo na brisa que toca cada ponto vivo.

O mundo está muito diferente
Os dias de glórias dos antigos estão desaparecendo.

A dama de preto não se foi
Anda cada vez mais ao nosso lado.

Ao nosso lado.

Iuri Kosvalinsky
12 de Setembro de 2006.

BREVE PENSAR

Santo Anselmo em sua obra “*Monólogo*” de 1077 escreve “*Conclui-se, que deve haver um ser perfeitamente bom e grande; enfim, superior a todas as coisas, quer se denomine ele essência, substancia ou natureza*”.

Grande no ser e em suas obras este deve ser Deus, atentamos entretanto, que quando digo “grande” toma-se a conotação de grande não em sua dimensão mas no poder de criar “pequenas coisas e ações” que se tornam fantásticas aos nossos olhos. Grande em sua importância.

Definido sua dimensão podemos tentar entender o que ou quem é este Deus. Mas como defini-lo se cada um tem um pensamento controvertido sobre suas ações e sobre sua existência. Então como defini-lo? Eu, particularmente tenho um pensamento diferente da igreja. Ela para não perder o poder imposto sobre a humanidade – e claro – quem quer perder o poder adquirido, tenta embutir na consciência humana que o espírito que até hoje se mostrou apenas através da face de Jesus Cristo tem o semblante humano e irá impor castigo a nossas almas quando estas abandonarem nossos corpos. Mas e se Deus for a união de todas as forças da natureza? Então quem é Deus? Uma árvore, um pássaro voando no límpido azul celeste, a água que corre riacho abaixo ou nos oceanos separando os continentes, nas geleiras que insistem em invadir os mares, nas lindas borboletas, nos minúsculos insetos... enfim, naquilo que nos cerca. Então nossas ações, visto desta forma, não serão julgadas no final de nosso tempo, mas são julgadas pela “natureza” a cada instante de nossa existência, a cada minuto estamos traçando nosso caminho. Então cabe dizer também que estamos traçando nosso próprio destino com a influencia daquilo que nos cerca. Somos donos deste destino? Em termos. Mas importante sabermos que não há interferência como a igreja nos faz pensar. Sempre existirá uma reação para uma ação e nisto que devemos nos preocupar. O bem gera o bem, o mal gera o mal.

Igreja não faz falta na sociedade, faz falta a consciência divina.

Iuri Kosvalinsky

02 de Fevereiro de 2007.

CHIPRE

O que falar sobre o Chipre?

Chipre!!!! Derivado do grego kýpros (cobre) nome dado a uma ilha no Mediterrâneo, ao sul da Turquia. Que em pleno século XXI possui uma linha de arames farpados e soldados dividindo sua capital e o país em dois; ao sul vivem os cipriota-gregos (2/3 da população) e ao norte os cipriota-turcos.

Então como pode haver ainda nos dias de hoje um estado assim, e ainda mais – desde 2004 - fazendo parte da Comunidade Européia? Questões que nos remetem a alguns anos no passado.

Lembram de quando o mundo era mais romântico? De quando o mundo era dividido entre soviéticos e americanos? Quando existia o equilíbrio e, países potencialmente militares pensavam duas vezes antes de colocarem as cartas na mesa? Lembram de como o equilíbrio – por mais ambíguo que fosse – mantinha o planeta seguro?

Pois bem! Onde estão as ações da ONU para eliminar este absurdo que é esta divisão? Onde estão os regimentos americanos e os tão ‘competentes’ soldados americanos para terminar com este pesadelo? Onde estão? E então sabemos que o tão ‘poderoso’ exército, capaz de aniquilar o mundo, não é capaz de resolver um problema isolado numa pequena ilha.

Talvez salvando algum povo de seus próprios governantes que possuem famigeradas armas nucleares, mas que possuem petróleo. E Chipre? Chipre não possui nada, além de turismo e certa agricultura.

Onde estão os soldados armados para terminar com esta divisão? Talvez atolados em algum serviço secreto para derrubar algum dito ‘ditador’. Onde estão?

Onde estão estes tão ‘famosos’ soldados americanos? Onde?

Chipre continue com sua divisão. Nicósia, a capital dos dois Chipres, sabe viver muito bem dividida, um amigo aqui no sul, outro amigo lá no norte. Esperança de poder atravessar as cancelas, os postos de vigilância.

Onde estão aqueles ‘famosos’ políticos que por anos a fio definiram como vergonhoso o muro de Berlim. Onde estão? Onde estão aqueles tão ‘importantes’ governantes que por longos e duros anos combateram a Cortina de Ferro? Onde estão, é a pergunta que os Nicolenses se fazem.

Iuri Kosvalinsky
17 Fevereiro 2007

ANATOLI E O XAMÃ

- Preciso descobrir o que está acontecendo. Porque tenho estes pesadelos quase todas as noites, no mínimo durante os dois últimos anos? Porque não me sinto parte deste mundo. Destas crenças?

Anatoli se questionava diariamente e sua inquietude aumentava com o passar dos dias. Ele se tornava um estranho dentro de seu grupo. Atitudes que nunca tinha tomado antes agora já era costume ser normais. Seus poucos amigos se questionavam também sobre o que acontecia, qual o segredo que Anatoli poderia estar escondendo, mas diante do silêncio do amigo, preferiram não questiona-lo. Em algumas ocasiões Anatoli desaparecia pelas planícies e montanhas da região retornando dias depois e sem saber – segundo ele – por onde estivera. Entretanto, Anatoli sempre se questionava do porque não se sentir feliz vivendo entre amigos, entre sua família, em seu grupo rural.

Nos limites do Baikal possuíam uma pequena propriedade rural, que já fora de sua família antes mesmo da revolução russa, depois passou para o estado soviético e tiveram que dividi-la em comunidade social, agora, fazia alguns anos, que havia retornado ao domínio de sua família.

Depois de muito hesitarem, alguns amigos, para falar a verdade dois deles, Lenz e Alexander, os dois amigos mais próximos forçaram Anatoli a prometer que visitaria Kublyz, o antigo xamã das montanhas ao redor do Baikal e apenas alguns dias de viagem. Então chegou o dia da partida e Anatoli se despediu brevemente de seus pais e partiu ainda na escuridão da madrugada. Agasalhou-se bem, pois fazia muito frio e as montanhas não perdoavam aventureiros desatentos. Sob uma fina garoa Anatoli colocou uma mochila com algum alimento e roupas por segurança, também uma faca e um pouco de sal, além de um cantil de água.

Depois de dois dias de viagem, subidas e descidas pelas encostas das montanhas, perto da chegada da noite, Anatoli sentou-se perto ao pé de uma árvore, numa área vastamente verdejante, um verde muito mais vivo que todos os outros que tinha visto pela viagem. Sentia-se totalmente isolado, ouvindo apenas o soar da fina brisa que soprava em sua face, e alguns pássaros que insistiam com seus encantadores cantos. A luz das estrelas que acariciava aquele local parecia muito mais bonita que a luz que iluminava o vilarejo perto de sua propriedade rural. A majestade do límpido céu que se abria sobre sua cabeça era muito mais esplendoroso que o céu pelo qual ficavam até tarde cantando e contando ‘causos’ perto do Baikal.

Em poucos minutos pensou ter ouvido: “Entre aquele que busca o conhecimento”. Novamente, após alguns instantes novamente uma voz tremula e cansada pelo tempo repetiu: “Entre aquele que busca o conhecimento”. Começou, então, a olhar com mais cuidado pelos arredores e então percebeu que havia uma saliência numa rocha, mas não conseguia definir mais nada. Aproximou-se com cautela e sempre ouvia “não tenha medo, entre”. Mesmo não conseguindo definir nada naquela escuridão preferiu prosseguir. Percebeu que o chão estava coberto por peles de rena.

Com uma roupa estranha para mim e diversos colares feito de ossos, longo cabelo, com um rosto siberiano que apresentava os sinais de uma longa vida, tinha dificuldade em

falar. Sentado à frente de uma fogueira, vi que seus olhos estavam fixados em mim, mas pareciam que não me viam. Senti que olhava minha alma. Então Anatoli perguntou: - Quem é você? – Ao que o velho respondeu: - Eu não tenho nome mas os antigos me chamam por Kublyz. Tire as roupas jovem. – Prosseguiu o velho xamã.
- Aqui é muito frio – retrucou com certa relutância Anatoli.

O velho xamã repetiu sua ordem novamente e não vendo saída Anatoli o obedeceu. Assim, percebeu que o frio não fazia parte naquele lugar. Não havia sinais da temperatura que assolava o mundo fora da caverna, nem a ventania, nada... somente um suave aroma. Também percebeu que a caverna se estendia por um grande espaço e não conseguia ver seu teto. Aquilo não tinha sentido e preocupou-se. Recebeu uma pequena tigela com um líquido escuro o qual bebeu de um gole só. Então suas preocupações cessaram. Sentiu um calor intenso. Em minutos “o mundo parecia girar, não havia equilíbrio e muitas imagens sem sentido, passavam por mim. Desde as estrelas do universo, até lindas mulheres e crianças gritando ao redor da fogueira. Um misto de calor intenso e frio insuportável se alternavam. Ao longe percebi que o velho xamã cantava alguma coisa que não consegui compreender”. Muito tempo ou pouco, não sabia dizer ao certo, despertou daquele transe e seu corpo estava todo coberto por uma substância parecida com óleo. Anatoli sabia que não adiantaria questionar o velho xamã, pois não teria as respostas sobre o que havia acontecido.

Quando saiu dali – sentindo-se totalmente ativo - o tempo havia corrido, pois o sol estava a pico e deveria ser por volta do meio dia. Anatoli desceu as montanhas e seguia pensando sobre tudo – apesar de ser pouco – o que o xamã havia dito. Naquele resto de dia não conseguia imaginar nada além de supérfluos pensamentos e imagens em definições. A noite não conseguiu dormir, a todo momento acordava assustado com uma inscrição ainda não muito nítida, mas escreveu numa folha.



Sabia que nunca tinha visto aquele símbolo mas sentia que já o conhecia. Alguma coisa o fazia acreditar nisso e sabia que deveria procurar as respostas. Nisso se lembrou do que o xamã assustado quando tocou sua fonte lhe disse: “o que busca jovem, não pode ser encontrado neste local, estas pedras não podem lhe dar as respostas. O que busca está além do nosso poder, além das forças que invoco neste lugar, além da vida que cerca o altar. Vá, observe a natureza, siga seu coração, a resposta está lá fora. Se não a encontrar volte em duas luas”.

Eu não conseguia definir mais nada, nada. O mundo parecia estar louco, sem leis, totalmente desorganizado.

Iuri Kosvalinsky
24 Fevereiro 2007.

ANATOLI E O XAMÃ II

As duas luas que haviam sido previstas pelo xamã estavam terminando e Anatoli sentia seu coração apertar cada vez mais, parecia que algo o estava direcionando a voltar à caverna de Kublyz. Tentava esquecer este assunto, mas seus pesadelos e a inquietude que aumentou com sua primeira visita ao xamã não poderiam continuar.

Cinco dias depois estava subindo as montanhas novamente....

Sentado a frente do velho Kublyz, como o chamavam os antigos, Anatoli contava com a presença de outro velho, este por sua vez, estava totalmente encapuzado e assim não se conseguia ver seu semblante. Mas podia-se prever que a idade desta era muitas vezes mais avançada que a de Kublyz. Muitas eras deviam ter passado e estranhos lugares ele deveria conhecer.

Os rituais começaram como da primeira vez, mas agora os rituais eram conduzidos pelo estranho xamã. A medida que as chamas da fogueira se agitavam ele parecia entrar em um transe e não perceber o mundo ao redor. Então...

“tudo ficou escuro. O mundo desapareceu e eu estava em total escuridão. Ouvia alguns sons estranhos evocados pelo velho. Alguma coisa muito distante começou a aparecer, no início uma simples luz branca muito fraca, um simples pontinho, depois um foco ainda maior e me encontrei diante de um estranho laboratório todo construído de vidro que chegava ao céu.

“Parecia que eu estava sendo guiado por alguém ou alguma coisa através dos vastos corredores daquela magnífica construção. Um grande e interminável corredor se estendia por todas as direções, acompanhado por inúmeras salas também envidraçadas.

“Meu acompanhante tocou-me e sua mão era gelada como o frio siberiano, então parei atendendo a seu toque, fiquei observando que em um distinto recanto alguns seres - todos vestidos de branco, um branco que parecia ofuscar meus olhos – estavam implantando alguma coisa no cérebro de um amontoado de seres humanos que pareciam apenas descansar em suas camas.

“- Venha meu filho. – Ouvi ao fundo daquela sala e senti que conhecia a voz.

“Entre de pé em pé e havia milhares de humanos – se assim posso chamá-los – de todas as cores e todos os rostos deitados naquele recinto.

“- Acalme-se Anatoli, sabíamos que viria. Mas isto não é comum. Poucos voltam aqui. Mesmo aqueles que apresentam defeito ou que parecem ser estranhos à sociedade, mesmo assim, não retornam. Nós lhe daremos as respostas filho. Não há lugar para a inquietude em nosso viveiro. Você está no primeiro nível, ainda há muitos acima e tantos outros abaixo... Kublyz o está protegendo.

“Então aquele estranho tirou seu capuz e eu senti que as eras haviam passado por ele como um cavalo em disparada e percebi que se tratava do velho xamã que estava

conduzindo o ritual na caverna de Kublyz. Em sua testa o símbolo que eu havia visto na primeira vez que visitei Kublyz. Como isso era possível?

“Perguntei-lhe cauteloso - ‘Porque não consigo entender o mundo e não viver satisfeito em meu meio?’. Ele então me disse: - Não é seu meio. É o meio que lhe demos para viver. É o conceito de crenças que lhe foi dado por Eles Anatoli. O que acontece é que houve algum problema em seu implante e as regras, costumes e crenças concebidas deveriam estar imprecisos. Geralmente para a maioria dos que isto acontece ficam abandonados pelo mundo, sem lugar fixo, são em muitos casos os eremitas, abandonados pela sociedade, em outros casos, pela seqüência de atitudes estranhas são considerados loucos e ignorados ou internados em casas que não possuem condições de tratá-los, pois, não conseguem saber as origens dos problemas. Mas você foi diferente Anatoli, você conseguiu voltar, retornar ao ventre e então poderá ser consertado. Você é especial.

“Percebi que esses seres que, idênticos aos seres humanos, eram nossos ancestrais, então através desta estranha magia ou tecnologia inseria em nosso cérebro tudo o que viveríamos. Nossa vida estava naquele minúsculo objeto que implantavam em nossa cabeça. Assim é fácil definir que, sem eles, éramos meros animais vivendo perdidos nas selvas das cidades. Todo o nosso pensar, nossa evolução, nossas crenças, nossos gostos, instintos, ansiedades, enfim, nossas ações das mais simples as mais complexas dependiam Deles”.

Anatoli deitou-se num leito e desacordou. Os seres o tornariam novo e poderia voltar a vida “normal”.

Acordou na caverna de Kublyz, sentindo-se bem, não havia mais o fogo aceso e o outro xamã não se encontrava naquele local. Ele poderia escolher um caminho o qual lhe dava duas opções, a primeira viver conforme a tradição imposta pela sociedade e a segunda observar os humanos para poder torná-los melhor.

Anatoli retornou a sua comunidade nos arredores do Baikal.

Iuri Kosvalinsky
03 Março 2007.

UM LIDER NADA CARISMÁTICO

“... sobre cujos ombros estão grandes eventos para o bem do país e sérios erros”. Gorbachev, o último líder soviético é um ativista incansável da paz expressou exatamente o que foi o governo de Boris N. Yeltsin para nossa amada Rússia.

Hoje, andando pelo centro de Moscou fiquei sabendo nos noticiários públicos espalhados pelas ruas centrais sobre o falecimento deste impopular líder, famoso por suas gafes políticas e clássicas bebedeiras e que deixou grande parte da população à beira da miséria enquanto poucos aliados do sistema durante as “suas” privatizações de grandes empresas do setor energético enriqueciam “da noite para o dia”.

Para mim que já esqueci do motivo de seu falecimento, Boris não fará falta alguma.

Além de fome, revoltas e incessantes guerras contra os chechenos foi a bandeira deste líder que – muito provável – será esquecido pelas páginas da história. Tentando lembrar o pouco e insignificante que fez continuo caminhando para a universidade e lembrando amargamente que foram anos de extrema dificuldade, inclusive com escassez de alunos e alunos sem escrúpulos. Atualmente a situação encontrasse melhor, ainda com espaço para muitas melhoras.

Gorbachev já dizia isso à longos anos “os problemas não serão superados com o isolamento” e defendia a “casa comum européia”, que se tornou a União Européia ainda mesmo quando a França e a Inglaterra discutiam a possibilidade da integração.

Mas Yeltsin só tinha um rumo, derrubar os comunistas, acreditando que somente isso era a solução de todos os problemas. Parte desta anarquia foi esplendidamente narrada por Yevgeny Yevtuchenko em “Ne Umiral Prezhde Smerti” (O livro no Brasil foi traduzido por “Não Morra Antes de Morrer”), publicação da qual o próprio Gorbachev recomendou ao público.

Mas, Yeltsin se foi e com ele, espero que, tenha ido parte da irresponsabilidade que corrompia a Duma.

Provavelmente convidarei alguns amigos para à noite, bebermos algo em meu apartamento, afinal isto não acontece todos os dias.

Iuri Kosvalinsky
23 de Abril de 2007.

ÁRVORES

Confunde-se com a origem do mundo.
Deu ao homem abrigo, comida, sombra,
Madeira, alimento, cestos.... proteção

A guerra do homem o fez se distanciar das árvores.
Não sabem mais seus nomes.
Só os feiticeiros se lembram como eram.
Nas cidades suas sombras protegem carros,
cabeça suada do homem, asfalto deserto.

O homem as destruiu para construir cidades.
Esqueletos de pedra, cimento sem vida.
Afastou as árvores, deixando-as do lado de fora.

Imóveis e caladas aguardam a bondade humana.
Chuva, vento, frio e tufões tentam arrancá-las, mas resistem.

Elas vivem nos mais diferentes solos e locais.
Buscam companhia, buscam a essência humana do antigo tempo.
Morada de animais e pássaros.
Continuam estendendo seus galhos para todos os cantos.
Desafiando o conceito de lógica humana.
Colocando um pouco de vida numa descampada tragédia.

Acabem com as árvores e acabaremos conosco.

Iuri Kosvalinsky
22 de Junho de 2007

MUDANÇAS

- Acreditava que já tinha acontecido de tudo este ano – disse Iuri Kovalinsky, com cara espantada.

- Eu também, amigo... – completo Dimitri V. Sukhanov – mas o que de especial o deixou deste jeito?

- Aconteceu o que eu esperava por longos anos... oito anos. Boris Yeltsin renunciou à presidência da Rússia.

- Não pode ser. Quando isto aconteceu?

Iuri sorriu e então completou.

- Onde você estava camarada? Hoje de manhã o camarada Yeltsin anunciou em rede nacional sua decisão. Nada poderia transformar este final de ano como este acontecimento.

- Mas, você acredita que agora estamos na direção correta? – indagou o camarada Sukhanov.

- Ainda não posso dizer nada a respeito, mas acredito que qualquer caminho será melhor do que aquele que tentamos por longos anos de distorções e “mascarás”. A mesma imagem que era o comunismo. Yeltsin não era diferente. Ele imaginou que seria fácil governar uma nação tão extensa quanto a Mãe Russa... Estava enganado. Achou que seria fácil banir o legado comunista enraizado por extensos setenta e quatro anos.

- Mas agora já experimentamos o gosto do capitalismo, nunca mais voltaremos à era comunista.

- Amigo Sukhanov, não posso dizer nada a respeito também. Mas, que capitalismo experimentamos? Uma desordem nacional. Ninguém se entende com ninguém. Ninguém sabe seus limites. Só “quem deu certo nesta transição” foram os aproveitadores que já estavam no poder e souberam manobrar as rédeas do poder. Para nós não mudou muito. Mudou? – questionou com raiva Iuri.

- Não, mas...

- Não tem “mas” meu amigo. Continuamos a trabalhar da mesma forma que antes. Sem falar que a pobreza aumentou consideravelmente e o que Yeltsin fez nestes anos de poder além de ser internado várias vezes por problemas de saúde. Fachadas, pois não passava de “porres” que tomava. O camarada bêbado tentou apagar a imagem do ícone Gorbachev, mas jamais conseguiu. Yeltsin poderia ficar no poder mais algumas décadas, mas não conseguiria adquirir a imagem do homem de bem e político reformador que foi Gorbachev. Um homem que cometeu erros em sua estrada, mas que soube transformar uma era irracional numa das mais belas páginas da história mundial. Houve um silêncio na sala de trabalho de Iuri, depois ele lembrou-se que havia uma garrafa de vodca que ainda estava guardada e tomou por liberdade abri-la. Tomaram-na quase toda e quando a noite caiu, ainda estava na Universidade Lomonossov. A última frase de Iuri foi...

- ... mudança na Rússia?

Iuri Kosvalinsky

15/07/2007

NINGUÉM ACREDITA

Tenho que admitir, foi muito difícil a classificação russa para a Copa do Mundo Brasil 2014. Os dois primeiros jogos contra a Itália e a Turquia foram extremamente complicados. Os jogos nas casas dos adversários foram negativos e fomos derrotados nas duas partidas por 2 x 0. Em casa conseguimos dois suados empates. As demais partidas com as outras seleções até que foram equilibradas, mas temos que admitir o grupo da Rússia era muito difícil que, além de Itália e Turquia, haviam Alemanha e Bélgica. Era o chamado grupo da morte na Europa. Estava desacreditada a seleção mas aos poucos deu a volta por cima e conseguimos a sonhada classificação em segundo lugar no grupo.

Durante a copa no calor brasileiro o grupo da Rússia não foi muito diferente pois os confrontos foram com Espanha, Coreia do Sul e Camarões. Classificou-se em segundo do grupo novamente e assim, nas oitavas-de-finais, enfrentamos a Alemanha, vencendo no finalzinho, aos 43 minutos do segundo tempo, com um gol de Broshin, num chute desprezioso. Com o passaporte para as quartas-de-finais o elenco russo sabia que seria ainda muito mais difícil pois teriam pela frente a temida Argentina de Gonzáles e cia.

Após o tempo normal, encerrado em 0 x 0, Protassov encontrou – com um belo cruzamento - a cabeça do atacante Zavatov aos dez minutos do segundo tempo da prorrogação e então estava decidido a Rússia superava pela primeira vez na história a equipe da Argentina. Assim o grupo russo enfrentaria a França nas semifinais, a qual havia despachado a Inglaterra. Claro o grupo formado por Nikotov, Thalanov, Thalikov, Demianenko, Brants, Schitov, Kamelnikov, Gorbulov, Alenin, Broshin, Vassili, Andrei Ran, Likov, Kalkev, Turnov, Skhiatin, Ramenev, Andrenik, Guennady, Tretaky, Valimov e Chalimov, era uma zebra. Nesta posição, mesmo perdendo para a França já igualava a melhor colocação em copas obtida em 1966 na Inglaterra, com a quarta colocação.

A outra semifinal ocorreu um dia antes e foi extremamente difícil o gol nos acréscimos do segundo tempo deu o passaporte a final contra o Brasil que se vingou do Uruguai pela Copa de 50? E por 3 x 0. Os jogadores brasileiros pareciam dançar em campo. O Uruguai não teve tempo e ficou para disputar o 3 lugar com a França.

Então, imediatamente a imprensa começou a informar que o sexto título brasileiro estaria muito próximo. Eu me lembro que os grandes jornais virtuais possuíam as seguintes manchetes. “seleção canarinho despacha o Uruguai e faz final neste domingo”. “Brasil se vinga de 50”, “O maracanã assiste a um show brasileiro”.

Espera ai, não mencionaram nada sobre a outra semifinal. Ah! Sim, encontrei num pequeno jornal, numa banca perto do Maracanã uma pequena reportagem que dizia “os russos conseguem superar grande equipe francesa”.

“Ontem os trinta mil espectadores assistiram a uma partida com poucas opções de gol e criatividade onde.....”.

Lembro-me da primeira vez que estive no Brasil em 1980 tinha dez anos e assisti aquela vitória histórica da antiga URSS por 2x1 em pleno maracanã, palco desta final. Era muito novo naquela época, mas ainda me lembro como o estádio ficou quieto não acreditando na derrota. Foi um dos primeiros momentos na minha vida que entendi que o ser humano não teria salvação.

No domingo, 06 de Julho o Rio de Janeiro se vestiu de verde e amarelo, até as ruas estavam todas coloridas, ao menos ao redor do estádio. Era carnaval por onde se andava, estava até difícil encontrar um lugar sossegado. Era aquela euforia, festa e algazarra por onde se via. Assim, lembrei-me da ocasião em que foi divulgado a vitória do Brasil para sediar a copa. Era o distante ano de 2007 e ainda havia aquela política de rodízio de continentes para sediar o evento. Como o Brasil foi o único país da América do Sul a se candidatar para a disputa, foi realizado um mega evento na sede da FIFA com sorteio e tudo para comprovar o Brasil como sede oficial dos jogos. Coisas dos poderosos. Vá entender.

Brasil e Rússia a final da Copa do Mundo de Futebol de 2014. A imprensa como sempre acreditava que o Brasil deveria enfrentar várias outras seleções, afinal a Rússia não é tão tradicional assim no futebol e o Brasil “é o país do futebol”. Acreditava-se que um Brasil e Argentina seria a partida digna da final ou mesmo, claro, Brasil e Uruguai, assim a seleção brasileira teria como se vingar do Uruguai pela Copa de 50. Final então antecipada nas semifinais. Alguns jornais também traziam uma final Brasil e França, afinal seria uma boa pedida para despachar o mau agouro da intragável história da França em mundiais. Mas o destino e a competência dos jogadores russos quiseram assim.

A cerimônia foi muito bonita, digna mesmo de uma final de Copa do Mundo, mas esqueceram de tocar o hino russo. Alegaram defeito nos equipamentos. Claro.... deixe pra lá. Trinta minutos e ainda zero a zero. Na opinião dos locutores brasileiros já deveria estar uns dois a zero, mas a equipe russa conseguia neutralizar muito bem os atacantes brasileiros e principalmente o meio de campo onde as jogadas se iniciavam. O técnico brasileiro, Luiz Eduardo Silva, demonstrava sinais de irritação e pedia mais empenho de seus atletas. Chegou até mesmo, no final do primeiro tempo, a colocar todos os reservas para se aquecerem. O estádio continuava com a algazarra dos povos latinos, muito diferente de nosso país. Não vou comentar sobre os relatos do intervalo, mas notei que um início de desânimo começou a surgir entre os locutores brasileiros. Claro, aquela final não poderia ser tão difícil como estava acontecendo. Era para já estar um placar elástico a favor da equipe brasileira.

No retorno para a segunda etapa o técnico russo, Boris Avantikovitch Ravtov, retirou Schitov e colocou Skhiatin, assim deu mais dinamismo ao meio campo russo e novas jogadas começaram a surgir. Seus dribles desconcertantes fizeram o árbitro mostrar dois cartões amarelos logo nos primeiros quinze minutos. Aos trinta e cinco minutos, então, Chalimov iniciou uma jogada roubando a bola do adversário e lançou para Skhiatin que cruzou na área para Andrei Ran que bateu no cantinho do goleiro brasileiro. 1 x 0. O Maracanã veio abaixo. Geral. O sonho do campeonato em casa havia terminado mais uma vez. Os russos por seu lado, sabendo da dificuldade da partida, não deixou o clima eufórico de “já ganhou” tomar conta e jogou muito mais determinação. Chegando ao final com a vitória e a taça na mão. Eu fiquei muito feliz, meu filho, mas não podia comemorar muito afinal estava no país deles e não sabia como seria visto isto, mas,

claro, a nossa seleção fez algo espetacular e quando retornou ao nosso país foi homenageada no Kremlin. Eu estava lá, meu filho. Foi agonizante todo o trajeto russo, mas compensatório. Nós conseguimos. Nunca cante vitória antes do final.

Iuri Kosvalinsky
06 Novembro 2007.

DEVASTAÇÃO

Ninguém sabe como, mas ela chegou
Inesperadamente cobriu tudo no mundo de Ur.
No início: apreensão, suspense.

A vasta escuridão trouxe terror aos corações uralianos
Dor aos entes queridos
Morte na vastidão do mundo.

Ninguém sabe mas ela surgiu de repente
Sem aviso o céu turvo se tornou
Estrelas se apagaram
O fogo cessou e as trevas abraçaram

As trevas
A escuridão
A sombra. Triste como o perder de uma alma.

Ninguém sabe, mas ela chegou e ficou
O braço escuro das trevas
Acariciou o mais humano dos corações
A morte então ficou, se aproximou, dominou.
A morte.

Ninguém fugiu
Corações dominados. A vontade se esvaiu.
Dominaram a incerteza os corações
A liberdade daquele mundo não existia mais.

Milhões estavam.... e estereis ficaram.
A luz abandonou aquele mundo
A sombra abraçou a solidão das almas
E a guerra iniciou.

O mar despejava corpos
O sangue outrora divino singrou as rochas.
As trevas mais e mais abraçavam o mundo.
As trevas cobriram.

A escuridão dominou o mundo
E corpos... e sangue... e guerra.
E corpos... e sangue... e guerra.

Ela chegou sem aviso, ninguém esperava.
Num fundo feliz a desgraça se tornou irmã.
Outrora feliz... agora despedaçada
Outrora luz... agora trevas
Escuridão.

Almas se foram. O mundo ficou vazio.

O vazio então se tornou tudo o que tinham.

O vazio então os consumiu.

Ur era lembrança de um passado.

Um passado distante.

Ur era uma palavra vazia.

Iuri Kosvalinsky

18 Novembro 2007.

DOR

O aroma das trevas invadiu os lares
Como um coração faminto destroçou os corpos
Invadiu os corações dos amantes
Trouxe a tristeza, o abandono, a amargura.

Lágrimas comuns num mundo incomum.
Sangue correndo nas veias dos rios turbulentos.

A imensa dor pairando nas escuras nuvens
Nuvens de sonhos inatingíveis
Nuvens desgarradas, sopradas pelo pútrido vento.

A decadência começou no horizonte.
Atingiu a todos e as noites se tornaram eternas.

Através da lembrança se via uma faísca de luz,
Longe, muito longe.

Lá!

Onde não se pode mais chegar.

Tudo terminou.... em dor.

Iuri Kosvalinsky
18 Novembro de 2007.

HERÓIS

Heróis não são reais
São fantasmas de um mundo que não conseguimos tocar
Que buscamos, que sonhamos, que eternizamos
Mas não podemos ter.

Heróis são fábulas para nossas crianças
Heróis são contos românticos para os jovens
Heróis são sonhos do passado para os velhos.

Heróis fantasmas de nossos desejos
Uma busca injusta
Já sabemos que não os encontraremos.

Mesmo assim continuamos a atormentar nossos sonhos... heróis

Heróis fantasmas ou fantasmas heróis?
Tanto faz. Ambos só nos trazem tormento.
Só nos trazem desejos.

E nos mantemos acorrentados a um passado distante.

Iuri Kosvalinsky
18 de Novembro de 2007.

ILUSÃO

Piso na grama, verde e viva,
Sinto seu aroma,
Piso na terra, aconchegante invade meus pés
Contemplo a breve brisa tocar meu corpo
Agradeço o leve aroma que emana pelo ar.
Ao longe ouço calmamente o som de pássaros que não distingo

Imagens de seres outrora esquecidos me cumprimentam. Parecem alegres
Parecem felizes. Sem peso. Soltos.

A luz invade todos os cantos, todos os lugares
A luz traz paz, calma. Todos estão bem.

A grama está lá ainda mais verde,
Ainda mais aconchegante a terra invade meus pés.
O mar calmo traz paz.
A imensidão da água alegra os humanos.
Traz fartura,
Traz alimento
Peixe, ostras, camarões.... tantos.
Por onde andamos uma suave melodia preenche nossos ouvidos.
Realiza nossos sonhos.

Mas,

Das profundezas da alma surge a escuridão
Devasta tudo e a todos

Todos.

Iuri Kosvalinsky
18 de Novembro de 2007.

ÍNDIOS

A revista Nova Escola nº 208 (dezembro-07) na página 50 traz uma reportagem sobre o aprendizado de índios surdos através da linguagem de libras. Esta é uma tarefa que minha esposa se incumbiu durante grande parte de seu curso de pedagogia e também durante sua pós-graduação. Agora a revista realiza uma reportagem mostrando ao Brasil as várias localidades onde este processo está sendo realizado. Assim, até mesmo a construção de uma nova escola foi autorizada pelo governo. Sua construção será na reserva de Panambizinho em nossa cidade.

Na verdade, é mais uma forma de tentar incluir os excluídos.

No meu ver, isto não é uma ação que traz retorno ao mundo civilizado. E olha que eu sempre defendo o mundo selvagem em toda sua essência. Mas o que as leis e os governantes fazem é realmente tornar cada vez mais os brancos de um lado e os índios de outro, para não falarmos também do assunto 'negros' que é outra vergonha. Mas vamos deixar isto para uma outra ocasião e focar o problema indígena.

Em nossa região já ocorreram fatos lamentáveis envolvendo grupos indígenas e até mesmo 'ilustres' políticos contra o mundo dito como civilizado. Vamos citar aqui apenas dois que deixou indignação para toda a cidade e para a comunidade produtiva regional.

Primeiro fato: O governo brasileiro através de decreto retirou famílias que viviam e produziam há mais de cinquenta anos na região de Panambi, para dar as terras aos índios. Isto passando por cima do fato de que os produtores tinham escritura das terras desde sua aquisição. Era uma região de grande produtividade com suas famílias tradicionais incrementando o desenvolvimento de nossa região. Hoje! Lamentável fato. A região antes produtiva encontra-se cheia de mato, mato, mato, mato, mato... chega de tanto mato. Mas é verdade. Mato e casas destruídas é o que vemos na outrora região produtora. O governo, com apenas uma assinatura, num pedaço de papel jogou os produtores para uma outra região sem expressão tipicamente de areia onde não conseguem nem mesmo sessenta por cento da produção que obtinham anteriormente. Eu, ignorante como sou, posso apenas tirar uma lição disto tudo. O governo é sério.

Segundo fato: Numa perseguição policial atrás de um assassino, eles entraram na aldeia indígena localizada entre Dourados e Itaporã, após algum tempo perderam o fugitivo de vista e retornaram pelas estradas principais dos indígenas, encontrando-a bloqueada com pedras e troncos de árvores. Nada estranho até então. Mas escurecia e os policiais tiveram que parar, descer do veículo para desbloqueá-la. Feito isso, foram atacados pelos indígenas que durante a acirrada briga foi disparado arma o que atingiu um policial na perna e este sangrou até morrer, outros dois foram atacados com pedras e cacetetes e quase morreram, sendo socorridos por um produtor que passava naquele momento. Sorte. E os indígenas sumiram por entre o matagal. Saiu na mídia tudo isso e claro ficou por isso mesmo. Mais uma vez, eu ignorante como sou, posso tirar outra lição deste acontecimento. Melhor que se matem entre si. Índios e governo.

Vamos voltar a reportagem sobre o aprendizado de libras, pois o problema destes índios e de tantos outros nunca será solucionado. Não adianta vir a mídia dos grandes centros aqui, neste Dourados isolado, para ser solucionado. Nada disto adianta. Afinal todos sabem que isto não passa de marketing e modismo. É apenas mais uma reportagem para vender revista afinal o governo não tem e não quer a solução dos problemas. O governo é e sempre será incapaz de solucioná-los. Eles fazem a população de outros lugares acreditarem que os índios precisam de 'carinho', 'ajuda', 'assistência', na minha humilde opinião eles precisam é trabalhar. Enquanto a população acredita nestas malfadadas historias da mídia e do governo a população continua trabalhando para o bem geral. Isto é justo? Se eles realmente precisam de ajuda, onde está o governo – e o mais importante – onde estão as ONG's que só defendem aqueles que não pagam impostos?

Onde? - Pergunto.

Mas não adianta reclamar, na época de nossos tataravôs já era assim e na época de nossos tataranetos ainda o será. Mas uma idéia poderia ser colocada em prática.

“Peguemos todos os índios do Brasil, mesmo com seus vícios (alcoólatras, vagabundos, ladrões...) e despachamos para aquela região que fica no cantinho do Brasil cheia de mata e onde o governo novamente não tem capacidade para controlar sua devastação. Faz-se um muro de aproximadamente três metros de altura, coloca-se cerca elétrica e depois de tudo isso, faz-se um canal isolando totalmente a área. Assim o homem branco não vai incomodá-los e o Brasil que trabalha fica livre destes encenqueiros. Afinal o lugar deles é no meio do mato”.

Sim, o lugar deles é no meio do mato, mas um mato distante como o citado acima, afinal a lei brasileira, funciona de forma diferenciada para eles. Não possuem deveres apenas direito. Vamos repetir. Isto nunca vai mudar. Temos que conviver com isto e saber que a culpa de tudo é daqueles malditos colonizadores europeus que não exterminaram a todos.

Isto eu vi em apenas uma semana que permaneci em Dourados me colocando na situação de um cidadão douradense.

Iuri Kosvalinsky
(em passagem por Dourados-MS).
08 Dezembro 2007.

CARÁTER

Sempre discuto com Svetlana sobre a alma do ser humano. Eu sempre digo que é extremamente difícil a mudança. O ser humano jamais consegue mudar seu caráter de mau para bom, mas o contrário é algo palpável em cada um.

Claro, para se manter fiel a seus conceitos ou caráter, o ser humano deve seguir a risca seu aprendizado durante a vida, ser firme, fiel a seus princípios familiares, religiosos e mesmo da sociedade. É na verdade há tentações a cada minuto. O mundo está cheio de delas em todos os campos: Dinheiro, mulheres, bebidas, carros, poder, status e tantos que ficam até difícil enumera-los. Por tudo isto digo que jamais um ser humano de caráter mau se transforma em um bom caráter e de confiança. Eu não acredito. É meramente fachada.

Será que o Senhor está satisfeito com a criação do Homem? A arrogância, ganância, egoísmo, dia-a-dia se torna mais freqüentes. O que está acontecendo? Afinal, posso dizer de minhas experiências em diversas igrejas que tenho ido. Até mesmo os padres, pastores, oradores.... ou seja lá o nome que derem... se utiliza de artifícios para conquistar os bolsos dos “cordeiros”. Então, pra que falar mais, se dentro da própria igreja isto é notório, imagine aqui fora...

Então, colegas humanos, não se iludam, o ser humano em geral, só é bom enquanto lhe convir, afinal sua índole é má. Eu, vos digo, não acredito que possa haver a mudança de caráter mau para bom. A imensa maioria da raça humana é subornável.

Por todos os ângulos que olharmos verificamos que é muito mais fácil e prazeroso se transformar de bom para mau caráter, afinal manter os princípios é doloroso, árduo e desgastante.

Espero a compreensão de Svetlana sobre minhas colocações, afinal isto acontece, e podemos observar diariamente e claramente ao nosso redor.

Até um dia, quem sabe...

Iuri Kosvalinsky
28 de Abril de 2008.

SOFRIMENTO NA SELVA

Ingrid. 2321 – Dois mil trezentos vinte e um. Tudo isto de dias?

São muitos dias e alguns anos perdidos.

A selva ao mesmo tempo em que nos deixa entediados, amedrontados, nos traz uma paz interior muito grande, nos aproxima do Criador.

Cercado por árvores, animais, riachos, correntezas, umidade e tantas rochas, nos sentimos mais unidos a Deus.

Ver o sol nascer, uma dádiva neste emaranhado de árvores onde suas copas escondem o clarão do céu. Árvores que estão em todos os lugares. Árvores gigantescas que nos fazem sentirnos inferiores.

Aqui desconhecemos os calendários, só vagamos e atendemos nossas mais básicas necessidades. Dias e noites passam uma atrás da outra, sem ao certo sabermos em que dia ou mês estamos. Esquecemos de nossos aniversários. Esquecemos de nos dar presentes. Os presentes são a união com a natureza, o poder sentir o frescor da selva, os gritos dos animais e os sussurros do vento através das folhas.

2321 são muitos dias, dias que nos fazem agradecer a criação, dias que nos fazem esquecer da humanidade, da vida nos concretos de cimento, dos veículos que nos levam a qualquer lugar. Fazem-nos lembrar que temos pernas para caminhar, caminhar por longas jornadas, desbravar lugares esquecidos. Pernas para correr e procurar abrigo contra a chuva que cai do alto. Correr da chuva que inunda as planícies e que os peixes agradecem. Chuva que umedece a floresta e que faz os pássaros cantarem. Chuva que nos lava a alma, que leva nossos maus pensamentos para outros lugares.

2321 são muitos dias para serem lembrados. Pode haver dias magníficos mas podem haver dias terríveis. Depende da floresta, depende de nós. São muitos dias para se ver o nascer do sol.

Íngrid Betancourt Pulecio. São dias demais.

Mas acabaram.

Iuri Kosvalinsky

07.07.2008.

SUBLIME MORTE

A vida pode ser maravilhosa como pode ser uma eterna tragédia;
A vida pode nos trazer momentos de eterna beleza, como podem vir momentos negros, sombrios;
A vida pode nos trazer momentos fantásticos que sempre recordar-nos-emos, como pode trazer momentos que nem ao menos fazemos força em recordar;

Esta é a vida...

A vida pode nos trazer o brilho do sol, mas nos traz também as trevas de uma noite sem luar;
Pode trazer a chuva para a vida e ao mesmo tempo traz o calor que pode corroer a vida;

Por quê?

Como saberemos, como poderemos viver neste emaranhado de oposição?

Afinal, o amor é maravilhoso mas com um pequeno empurrãozinho pode se tornar ódio.
E o pior dos ódios.

Amizade é maravilhosa, mas se não cultivada facilmente se tornará inimizade.

O ciclo vicioso da vida não tem fim.

A morte busca a vida. A vida tenta escapar da morte.

Sublime busca da paz.

Resumindo, sem a morte, sem os desgostos, sem o mal... A vida não teria sentido.

A vida não seria nada.

Iuri Kosvalinsky
11.08.2008

SELEÇÃO DE FUTEBOL EM PEQUIM

Será que a consideração dos brasileiros com sua seleção de futebol baixou tanto assim, afinal, estão dando uma ênfase tão grande sobre as partidas que venceram durante as olimpíadas que é de se estranhar. Afinal o Brasil é o Brasil no futebol.

Vamos rever. O Brasil estreou contra a Bélgica e venceu por 1x0, depois veio a Nova Zelândia e foi 5x0 e hoje venceu a China por 3x0. Grandes goleadas? Não podemos considerar assim, afinal estas seleções – com exceção da Bélgica - sabem o que é futebol? A resposta vem quase que de imediato. Não!

A qualificação da Bélgica no ranking da FIFA (atualizada em 06 de agosto 2008) é apenas 46^a colocada, enquanto que a China, está ainda mais longe, apenas em 97^o lugar. Santo Deus! E a Nova Zelândia, quase não a encontrei na tabela da FIFA, é apenas 111^a colocada. Assim, realmente é fácil vencer de cinco.

E o Brasil, quem diria, está com sua força total, jogadores que parecem de outro planeta, que ganham uma fortuna, suando para vencer estes seres frágeis da China e da Nova Zelândia. Que pena.

Ahhhhhhh, a imprensa faz um auê com estas vitórias e o povo, menos esclarecido, sorri e diz ao vento com o peito cheio, “*nossa seleção está muito bem!*”.

Não pensem que é dor de cotovelo, afinal na única final de futebol que nos enfrentamos vencemos os brasileiros por 2x0 em Seul, naquele distante 1988, quando ainda éramos soviéticos e tínhamos Dobrovolski, Kharin, Mikhailichenko e tantos outros.

Iuri Kosvalinsky
13.08.2008

SAUDADES DAQUELE TEMPO

Novamente sai de Moscou e estou rumando para Voronezh, ao sul de Moscou e perto de Tambov e Lipetsk. Cidade na qual o poeta Osip Mandelstam foi exilado em 1934. Preferi sair da agitada capital para curtir as férias com minha família o que já fazia algum tempo. O percurso é um tanto longo e assim, tirando a algazarra que as crianças fazem no banco traseiro, ainda sobra tempo para curtirmos a vista de muitos vilarejos e zonas rurais que cercam meu país. Também sobra bastante tempo para recordarmos acontecimentos ou até mesmo a história.

Ainda me lembro bem daqueles anos sob o sistema soviético, não posso dizer que tudo estava errado, tinha-se também coisas boas. O mundo – na verdade – era muito melhor, somente o fato de existir uma constante disputa no mundo era algo que movia as nações, nós sabíamos que tínhamos de ser melhores e em contrapartida os yankees precisavam fazer a mesma coisa. Assim, o mundo evoluiu tecnologicamente em muitos campos, medicina, aeronáutica, viagens espaciais, esportes. Era um outro mundo. Era um mundo muito mais romântico. Para se conquistar algo tínhamos que correr atrás, buscar incansavelmente, comparado ao ato de conquistar um amor pelo resto da vida. Hoje tudo é banal. Modismo ocidental.

Claro, tínhamos também algumas coisas que felizmente são coisas do passado, todo mundo acreditava que o outro era um espião, que estava ali para observar o que se fazia e com isto se trabalhava pouco ou quase nada. Mas nada no mundo é perfeito. Nada.

Gorbachev apareceu e com ele a face do mundo foi totalmente transformada. Para melhor ou para pior? Cada um fez sua escolha e hoje já não se tem mais retorno. O mundo está mudado e temos que conviver com isto.

Voronezh cresceu assustadoramente e hoje conta com basicamente 850.000 habitantes, onde em 1926 tinha apenas 120.000 habitantes. É um importante pólo econômico, industrial, cultural e científico, é o centro da região chamada de região da terra negra ou chermozon (solo rico para a agricultura).

Eu adoro visitar Voronezh e as crianças também, se divertem bastante, afinal é uma cidade que possui de tudo para os turistas sem o agito comum da capital.

Durante a viagem paramos algumas vezes para tomar um suco ou mesmo apenas para esticar as pernas e aproveitar os ares do interior. A Rússia em si me faz muito bem. A mim e a minha família.

Brasão de Voronezh



Iuri Kosvalinsky
17.08.2008.

SELEÇÃOZINHA DE FUTEBOL EM PEQUIM

Não vou rever o passado, nem pensem nisso. Mas eu tinha razão, quando chegaram à uma final olímpica (em 1988) nós estávamos lá para ficarmos com o ouro.

Agora, a mídia de seu país fez um auê, que não tinha pra ninguém, que a seleção de futebol brasileira era a “tal”. Poxa.. Eu desde o inicio venho dizendo que só haviam enfrentado seleções que é até difícil localizar no ranking da FIFA. Mas vamos lá, talvez com um pouquinho de sorte e ajuda dos juizes ela chegaria a final.

Pena que tinha uma outra grande seleção na semifinal, a Argentina que novamente com um belo futebol deixou os brasileiros a ver navios. Vai ter que esperar mais quatro anos e tentar novamente. Mas a vida é assim e a mídia então, quase nada passou de informação aos brasileiros. Que pena. Caso tivesse ganho ninguém agüentaria de tanta notícia.

Apesar de tudo e deste vexame brasileiro desde o inicio, claro, todos sabiam que esta seleção não iria a lugar algum, afinal todos seus jogadores são “estrelas mundiais” e atuam por grandes times na Europa. Pra falar a verdade eles não estão preocupados em defender as cores da nação.

Muito ao contrário das meninas do futebol as quais possuem o sonho em defender a seleção nacional e terem projeção mundial, afinal ganham um salário de fome e nem mesmo possuem um campeonato regular. Isto sim, são vontade e garra. Isto sim, merece uma medalha de ouro.

Meus votos vão, com toda sinceridade e esperança de que vossa seleção feminina possa brilhar no pódio de Pequim.

Cabe aos marmanjos aprenderem que uma medalha só está ganha quando o comitê organizador a coloca no pescoço do vencedor. Uma medalha não se ganha com renome, não se ganha com história, mas somente, com luta, vontade e garra.

Talvez daqui a quatro anos a seleção masculina tenha aprendido a lição.

Iuri Kosvalinsky
19.08.2008

SIM, O CONHECIMENTO

Porque se ensina?

Porque se aprende e a importância de se aprender é para disseminar o conhecimento entre os iguais, ou tornar menor a barreira que existe entre os semelhantes. Foi este um dos principais conceitos que escolhi fazer minha carreira na Universidade de Lomonosov. Sem aqueles que ensinam o abismo entre o conhecimento e a ignorância seria demasiadamente enorme.

Aquele que imagina saber tudo acaba caindo na ignorância, não possui sede de conhecimento, sede de descoberta. Está fadado ao esquecimento e envelhecimento precoce com todo o conhecimento para si. A importância de se disseminar o conhecimento é vital, é primordial, torna o elo entre os humanos saudável e permite uma progressão sem igual na história. Atualmente o conhecimento pode ser discutido, debatido das mais variadas formas e por pessoas em distantes nações no mesmo instante. Esta dimensão do conhecimento só foi possível porque em tudo se descobriu que havia dúvidas e estas dúvidas permitiram que tudo fosse discutido exaustivamente e assim aperfeiçoando o conhecimento. Os seres humanos do passado fizeram um grande papel e hoje isto é reconhecido e pode ser utilizado por qualquer um que tenha “vontade”.

O mundo mudou de diversas formas, mas sempre acompanhamos o bonde das mudanças e ao longo de vinte e um anos na universidade sei que tudo passa na vida, até mesmo nossos sonhos podem sofrer mudanças, mas o impacto que podemos deixar na história é a participação de tudo o que sabemos para ajudar o próximo, sabendo que o conhecimento elimina tudo de falso que há no mundo.

Hoje temos a disposição uma enormidade de escolhas, se são certas ou erradas só o tempo dirá e cabe a cada um, com humildade, escolher o melhor caminho.

Iuri Kosvalinsky
20.08.2008

SALVE A FORÇA RUSSA

Afinal terminou as Olimpíadas (XXIX) em Pequim. E terminamos onde antes, muito antes de começar os jogos, havíamos projetado estar. O terceiro lugar no quadro geral de medalhas. Claro, não poderíamos querer ser os campeões gerais das Olimpíadas se havia a China e os Estados Unidos.

Ainda não podemos querer competir com estas grandes super potencias do esporte. Já não somos mais a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, agora apenas Rússia e depois da cisão que assolou o mundo soviético o esporte não foi o mesmo. Estamos no caminho, mas ainda vai levar algum tempo e o investimento maciço de grandes empresas está somente no começo. Mas vamos chegar lá e claramente vamos novamente bater tanto a China quanto os Estados Unidos.

A China competia em casa e fez uma organização fabulosa, quanto aos Estados Unidos não vamos nem dizer que o dinheiro não é problema e todos os seus atletas podem uma espetacular retaguarda e sempre foram nossos grandes rivais no esporte (não somente no esporte).

Mas não vamos reclamar de nada, estas Olimpíadas foram formidáveis, a China foi a grande campeã e nossos heróis se superaram com estilo e muitos recordes foram quebrados. Estamos voltando para casa felizes e sabedores do dever cumprido. Só não consigo aceitar porque as repúblicas decidiram se separar. Tantas Olimpíadas teriam um desfecho diferente se ainda estivéssemos unidos. Veja o quadro:

| Lugar | | País | Ouro | Prata | Bronze | Total |
|-------|---|--------------|------|-------|--------|-------|
| 3° |  | Rússia | 23 | 21 | 28 | 72 |
| 11° |  | Ucrânia | 7 | 5 | 15 | 27 |
| 16° |  | Bielo-Rússia | 4 | 5 | 10 | 19 |
| 27° |  | Geórgia | 3 | 0 | 3 | 6 |
| 29° |  | Cazaquistão | 2 | 4 | 7 | 13 |
| 39° |  | Azerbaijão | 1 | 2 | 4 | 7 |
| 40° |  | Uzbequistão | 1 | 2 | 3 | 6 |
| 45° |  | Letônia | 1 | 1 | 1 | 3 |
| 47° |  | Estônia | 1 | 1 | 0 | 2 |
| 58° |  | Lituânia | 0 | 2 | 3 | 5 |
| 69° |  | Quirguistão | 0 | 1 | 1 | 2 |
| 70° |  | Tajiquistão | 0 | 1 | 1 | 2 |
| 79° |  | Armênia | 0 | 0 | 6 | 6 |

| | | | | | | |
|-----|---|---------------|---|---|---|------------|
| 85° |  | Moldávia | 0 | 0 | 1 | 1 |
| - |  | Turcomenistão | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | | TOTAL | | | | 171 |

Quanto aos jogos posso dizer que foram espetaculares, as cerimônias muito bem realizadas e cheias de simbologias, simplesmente o que é a cultura chinesa. Entretanto, ainda não conseguiram superar a beleza das cerimônias de Moscou '80, ainda me lembro das lágrimas do ursinho Misha.

Iuri Kosvalinsky
25.08.2008

SOM DO PF

Todos nós admiramos certas coisas ao longo de nossas vidas. Geralmente nossos gostos mudam também ao longo desta mesma vida. O estranho é que algumas coisas cultivamos para sempre, é o que acontece comigo (geralmente). Meus gostos são sempre os mesmos, não tenho a mania de mudar do dia para a noite. Isto sobre todas as coisas; literatura, esporte, música... Mas isto também tem seu lado ruim. Vou explicar. Quando se perde alguma coisa que se gosta fica um vazio. Assim aconteceu recentemente quando perdeu-se Richard Wright, tecladista do Pink Floyd, como consequência de câncer.

O grupo que já estava há muitos anos separados, termina de vez a esperança dos fãs em ver um reencontro. Nos últimos anos houveram momentos de união como em 2005 no Live 8 em Londres onde os quatro se reuniram novamente após 24 anos. Outros momentos poderiam resultar em nova união, mas o destino não quis assim e o Pink Floyd ficará na memória de todos como a banda que revolucionou o mundo do rock, toda uma geração e ainda encanta multidões em shows solo de Waters e Gilmour.

Não vamos falar tudo o que o Pink Floyd com o seu som inconfundível realizou durante décadas, apenas vamos lembrar que o justo foi o recebimento este ano do prêmio Polar em Estocolmo (Suécia), ainda que muito tarde. O júri declarou que a decisão deste prêmio foi baseada na importância da banda para a evolução da música popular, por torná-la parte da arte e por ao longo de anos realizar reflexões e atitudes em toda uma geração, também que o Pink Floyd “inspirou e marcou o caminho para o desenvolvimento do rock progressivo”.

O Pink Floyd teve outros nomes em sua origem, outros integrantes, mas além dos quatro famosos e que todos lembram; Waters, Gilmour, Mason, Wright outros foram importantes para o grupo e fizeram história em sua fundação, como Bob Klose, bem como o psicodélico Syd Barrett. Todos, ajudaram ao PF ficar famoso mas Gilmour e Waters – apesar de suas disputas jurídicas - transformaram a banda inglesa em banda mundial.

Ainda bem que possuímos a teimosa mania de guardar o que gostamos.

Iuri Kosvalinsky
27.10.2008

SABEDORIA

Este mundo é realmente engraçado. O quanto fazemos acreditando que é o correto e nem sempre as pessoas ao redor reconhecem isto? Isto já aconteceu comigo e certamente já deve ter acontecido contigo que está lendo estas linhas. O que fazer? Eu entendo que nada e tudo. Nada para que os outros reconheçam, mas tudo para que possamos nos sentir bem, felizes e certos de que nossa parte neste mundo está no caminho desejado.

O mundo corporativo está cheio de mensagens e ou conselhos dizendo claramente que tudo deve estar alinhado, que as coisas devem seguir um ritmo de harmonia em equipe e tudo mais, mas nas entrelinhas o que prevalece e o que é a mensagem em si é “vá a luta e supere seu colega”. Esta é a verdade nua e crua do mundo. Se não fosse, estariam todos na mesma empreitada, da mesma maneira, teriam as mesmas responsabilidades e desafios. Mas não é bem assim.

Quando eu ainda estava para ingressar na Universidade Lomonossov, isto já faz algum tempo, tempo até demais, possuía um chefe que sinceramente não acredito que tenha sido espelho para alguém, afinal dificilmente sabia ouvir nossas dificuldades, jamais passava uma ordem “mastigada” para sua equipe. Não tenho mais notícias do grande Boris (era assim que ele se designava, “grande”). Foram alguns anos trabalhando e convivendo naquele ambiente difícil até que um dia resolvi, juntamente com mais alguns colegas darmos um basta naquilo e resolvemos deixar Privolnoye e tentar um novo futuro em Moscou. Boris ficou para trás, mas eu trouxe comigo um legado de que jamais, caso eu ascendesse a algum cargo importante na vida, o tomaria como exemplo de administrador.

Vejo que o mais importante numa equipe não é nos mostrarmos como líder ou chefe, mas a equipe deve descobrir isto, como? Através de nossos atos dentro e fora do local de trabalho, de nossos exemplos como superior ou mesmo, como ser humano – principalmente. Antes que possamos delegar temos que saber o que deve ser feito, como e assim poder auxiliar nossos colegas. Esta, para mim, é a maior mostra de liderança que existe. Na universidade encontrei pessoas que sabiam destes parâmetros e nos demos muito bem, mas claro, também existem, até mesmo aqui em Lomonossov aqueles que estão mais próximos do amigo Boris. Coitado de Deus, ele teria muito trabalho para ajudar a todos... e o mundo não é pequeno. (brincadeira).

Acredito que hoje tenho uma vida profissional gratificante, gosto do que faço, tenho grandes amigos, inclusive fora de Moscou e fora da Rússia também, isto conquistado pelo fato de colocar as pessoas à frente do trabalho e jamais o contrário. Pensem nisto. Quando ouvirem algo “grotesco” de um superior, respirem, pensem e então repassem de uma forma branda aos demais da equipe. Isto fará toda a diferença entre o gostar e o não gostar. A universidade é fundamental para mim, já pensei em muitos momentos em abandoná-la, mas acredito que meu coração está preso a aquele lugar, não consigo me desligar.

O que muitas pessoas não percebem é que no trabalho passamos grande parte de nossa vida, muito mais do que com nossas famílias e assim, devemos criar um ambiente

propício e adequado para que a harmonia reine, afinal todos fazem parte do mesmo objetivo. Atingir uma meta, conquistar objetivos.

Sabe nem sei por que estou escrevendo isto, afinal, o que tem a ver minha vida profissional para vocês? Mas estou escrevendo para – provavelmente – aliviar meu coração.

Mas, resumindo, tudo o que fazemos é para que um dia alguém diga... Obrigado.

Iuri Kosvalinsky
30.10.2008

SELEÇÃO RUSSA

Minha galera!

Acreditei que teria que esperar longos anos para ver uma grande atuação internacional de nossa seleção. Futebol sempre foi uma paixão em nosso país e é jogado em todos os locais, escolas, universidades, escolas de futebol, em ruas... até mesmo em lagos congelados durante o inverno. Nossos garotos sempre estão tentando algo novo, alguma criatividade. Grandes nomes do futebol internacional já saíram de nossos gramados e inclusive tivemos o único goleiro até hoje a receber a “Bola de Ouro da Europa”.

Mesmo com tudo isto eu estava descrente que nossa seleção, em pouco tempo, poderia apresentar um futebol de alto nível nos gramados europeus, mas tudo pode acontecer, é só acreditar. Mas quando desclassificou a seleção da Inglaterra em nossa cidade, se classificando para a fase final da competição, as coisas começaram a mudar. Um ponto de esperança surgiu. A fase final foi realizada na Áustria-Suíça e nossa seleção, de cara, enfrentou a Espanha e o choque foi grande, levamos de 4x1. Um desastre. Com isto ninguém mais acreditava em nada. Em nossos encontros dentro da universidade já se ouvia falar “fomos fazer feio mais uma vez”, “que futebol horrível”, “vão voltar para casa mais cedo”. Enfrentando a Grécia e também a Suécia – na sequência - classificamos-nos nas últimas e em segundo na chave. Agora era o mais difícil, a temível Holanda com todos seus grandes craques e a principal candidata ao título europeu, no comando holandês o mítico Van Basten, grande futebolista que durante anos encantou o mundo defendendo a camisa do Milan da Itália. Em casa cheguei a conversar com Svetlana sobre o jogo que se aproximava e que o embate seria difícil, como poderíamos vencer uma seleção tão certinha e que até aquele momento tinha goleado todos os adversários, Svetlana me acalmou, dizendo “vamos esperar, não vamos sofrer antes do tempo”. O tão esperado jogo aconteceu no dia 21 de Junho, numa bela noite (ao menos aqui em Moscou)!

Vou tentar então relatar os acontecimentos daquele dia, já tão distante, para que jamais se apague o fantástico espetáculo que nossa seleção nos proporcionou e que uniu muitos russos em festejos em nossa capital, vou fazer isto usando as próprias palavras daqueles que fizeram o espetáculo, retiradas do site oficial da Eurocopa 2008.

O dramático jogo foi para a prorrogação após o empate do time holandês no final da segunda etapa, pois nossa seleção havia feito somente um gol com Pavlyuchenko no tempo normal, neste momento eu já estava soando frio, mas quando Torbinsk e Arshavin marcaram, durante a prorrogação, fiquei mais tranquilo, seria impossível a Holanda conseguir o empate pelo que apresentava em campo, e o nosso holandês, Guus Hiddink novamente consegue feitos espetaculares em campos internacionais. Com nossa equipe conseguiu derrotar a sensação do torneio, a Holanda, seu país natal. Nossa felicidade em encontrar o time russo chegando as semifinais do torneio são enormes, anteriormente só havíamos conquistado o título em 1960 e chegado a final em 1988 onde a Holanda foi campeã e, naquela época Van Basten era o jogador fenomenal.

Nosso time surpreendeu desde o início da partida dando poucas oportunidades ao oponente e nossa torcida no estádio, sendo minoria, sufocou os holandeses e o placar só não foi maior pelas bolas perdidas pelos atacantes russos e por uma mãozinha do

árbitro. Até mesmo Van Basten reconheceu que nossa equipe foi superior e infelizmente se despedem do torneio, mas tanto Van Basten como Van der Sar deixam a seleção holandesa cientes de que deram o melhor durante todo o tempo que estiveram vestindo a camisa laranja.

Foi espetacular, estou procurando o vídeo para deixar em minha biblioteca.

Na manhã seguinte os jornais e a internet noticiavam a vitória e os russos com ressaca pouco saíam às ruas, mas o jornal Soviet Sport noticiou: “A Rússia fez um dos melhores jogos de sua história. A equipe de Guus Hiddink destruiu completamente a Holanda, favorita à vitória na UEFA EURO 2008, e avançou para as semifinais”.

A Rússia então partiu para a semifinal do torneio e a Holanda, a magnífica Holanda comandada por um grande gênio disse adeus ao sonho de ser campeã do torneio.

A festa aconteceu em todas as nossas cidades e durou toda a noite e nossos torcedores na Áustria não se continham em alegria. Guus Hiddink foi elevado a categoria de cidadão honorário da Rússia e Arshavin recebeu a “Ordem de Valor da Rússia” do Ministério do Interior.

Eu estava enganado, e nossa seleção provou que possui grandes atletas, possui um futebol de escala internacional. Meus sinceros parabéns a este grupo.

Iuri Kosvalinsky
22.11.2008

SIRGUT

Contar-lhes-ei o que havia nos arredores de Golta-Ir, um vilarejo encravado nas montanhas do Cáucaso. Muita beleza e mistérios fazem da região um lugar especial e, escondido entre as montanhas, numa de minhas viagens exploratórias, encontrei Sirgut. Ele tinha cerca de 1,40 m. de altura e aparentemente pesava cerca de 47 quilos, possuía uma cabeça basicamente oval, com grandes olhos negros e nenhum sinal de pelos em seu corpo.

No vilarejo me disseram que ele já andava por aquelas terras há muito tempo, muito tempo mesmo, pois até os mais antigos dos habitantes de Golta-Ir diziam que ele já estava ali quando chegaram. Também as histórias de seus pais já mencionavam Sirgut. Incontáveis eram os anos, então, quando se tentava lembrar da primeira aparição dele na região. Sirgut vivia afastado do vilarejo, numa caverna entre as cachoeiras Kalla, tendo pouco contato com os humanos e sempre se via usando um uniforme cinza.

Inversamente a isto, ele gostava do contato humano sempre à noite, geralmente no inverno, quando tradicionalmente os habitantes do vilarejo se reuniam à volta de fogueiras para conversarem sobre lendas, histórias, contos, tristezas e também darem boas risadas. Geralmente era tarde da noite quando se recolhiam à seus lares. Nestes encontros Sirgut sempre se fazia presente e tomava as atenções de todos quando começava a narrar sobre o futuro da humanidade, outras civilizações, conhecimentos científicos, galáxias distantes, entre outros. Seu conhecimento era imenso e possuía riqueza de detalhes que prendia os ouvintes a cada noite no gelado inverno de Golta-Ir. Todos os anos e por todos os longos e incontáveis anos Sirgut narrava tudo com uma facilidade espantosa e riqueza de detalhes. O silêncio dos ouvintes – que apenas era quebrado pelo estalar da lenha queimando na fogueira - era incrível, tanto velhos como mulheres e crianças ficavam compenetrados em suas histórias ouvindo com alegria e suspense.

Na primeira noite quando fui informado que ele estaria ali no centro de Golta-Ir narrando estas aventuras fiquei perplexo. Seria realmente real isto ou apenas mais um dos contos tradicionais desta região montanhosa. Quando fui chegando perto e já conseguia vê-lo por entre tantas pessoas notei que realmente era algo especial, afinal ele narrava em uma língua estranha que não conseguia entender, mas chegando perto e me acomodando para ouvi-lo melhor eu compreendia tudo o que ele dizia, até mesmo a riqueza de detalhes que transmitia em seus contos. E assim o fiz por todas as noites que passei no vilarejo.

Posteriormente, na manhã seguinte, comentei isto com Tenabi, o anfitrião do vilarejo. - Não se espante, caro amigo – respondeu ele – nós mesmos até hoje não conseguimos entender nada do que ele diz se não o estiver dizendo diretamente para nós. Isto me faz pensar que ele também possui uma forma de tradução simultânea ao ouvinte. Difícil entender, eu sei, mas imagine como foi para eu viver isto pessoalmente.

Quando Sirgut terminava suas lendas (se assim posso defini-las) ele se levantava da roda e seguia seu rumo por entre as montanhas. Só era visto na noite seguinte. Vários habitantes do vilarejo já haviam tentado segui-lo, mas o perdiam por entre a floresta.

Com tudo isto, percebi que ele sempre trazia mensagens de paz e esperança para aqueles habitantes e seus amigos, costumeiramente mencionava que somente a união das raças tornaria o mundo feliz e que apesar de seu mundo estar distante dos olhos humanos ele está muito perto do coração de cada um.

Tenabi também me contou que jamais viram outro como Sirgut e que possivelmente não tinha família, deveria viver sozinho nas montanhas, o que comprovei durante os quarenta dias que fiquei em Golta-Ir.

Iuri Kosvalinsky
24.01.2009

SITUAÇÃO DELICADA

Mais um fato estranho aconteceu numa de minhas viagens à Dourados, no Brasil. Sempre que tenho oportunidade gosto de visitar meu amigo nesta cidade, ainda tipicamente agrícola com um clima muito interessante, principalmente na época do verão. Nem se compara a nossa fria Moscou.

A historia que vou narrar abaixo foi dita por um amigo do amigo de meu amigo e já fazem aproximadamente três anos que aconteceu. Parece ser uma invenção, mas tive o prazer de conhecer os dois amigos e me pareceram pessoas descentes que não criariam uma história assim do nada. E por falar em corrupção eu imaginava – pelo que a mídia sempre diz – que policial corrupto só havia na Rússia, mas eu estava enganado, na cidade de Dourados também tem.

Bem, foi assim que aconteceu:

“José estava em uma festa de amigos, amigos da faculdade, da faculdade de administração de empresas, que cursava com muito gosto e que era assíduo, sempre estava presentes às aulas nunca faltando ou deixando de ir as mesmas por algum motivo. José tinha grandes planos para quando se formasse e já estava fazendo estágio em uma grande empresa da região de Dourados. Suas notas eram muito boas e servia em alguns casos de exemplos para os demais colegas, principalmente para aqueles que como ele buscava superar as dificuldades e vencer na vida. José se dava bem como todo mundo e sua classe constantemente fazia alguma festinha nos finais de semana, sempre existindo algum motivo para ser comemorado: o aniversário de alguém, finais de provas, alguma conquista do grupo, enfim, sempre havia motivo. José tinha uma vida bem corrida, residia em Caarapó e trabalhava e estudava em Dourados, fazia o trajeto entre as cidades todos os dias com sua motocicleta Titan CG150 cinza prata, adquirida em consórcio. Um consórcio de trinta e seis vezes que ainda não havia terminado, mas a motocicleta tinha sido conquista de um sorteio e ainda bem, dava a José mais liberdade para conciliar sua agenda. O salário que ganhava ainda não era o que José esperava ou desejava, mas estava dando para pagar suas contas e ainda conseguia, a duras penas, sempre guardar um pouquinho para o futuro. José era muito econômico – caráter este adquirido de seu pai que sempre soube viver com pouco - e quando interpelado pelos amigos para gastar mais do que podia se saía dizendo que não sabia o que poderia acontecer no dia de amanhã e suas economias poderiam ajudá-lo na conquista de algum sonho. Estava certo.

“Então, estavam na festa que aconteceu em 13 de maio de 2006, e que comemoravam o aniversário do amigo Afonso, que era dois anos mais velho que José, ali nos arredores da Unigran, numa destas muitas repúblicas que existem, e onde os moradores podem tudo. Por volta das duas horas da manhã, José achou que estava na hora de retornar para Caarapó, pois quando amanhecesse deveria estudar para as provas que se iniciavam na segunda-feira, e claro ele não podia desiludir sua turma, tinha que manter sua fama de CDF, mas ao sair da república constatou que sua motocicleta havia evaporado – como se diz por ai – ou seja, já não estava no local onde o mesmo havia deixado. Por um instante José acreditou se tratar de alguma brincadeira sem graça dos amigos, afinal viviam fazendo isto ou aquilo com os outros e nunca se sabia quando era verdade ou quando era brincadeira. Neste momento algumas beldades, amigas da turma passaram por ele e ainda brincaram: - O que aconteceu José? Onde está nossa

motona? – Comentou uma loirinha, já um pouco elevada, que devia ter cerca de dezenove anos e com aquele corpinho de... deixa pra lá. José abaixou a cabeça e retornou para dentro da república para discutir o acontecido com seus amigos, num misto de fúria e desânimo.

“Infelizmente o pior havia acontecido e a motocicleta realmente havia desaparecido e não por alguma brincadeira de seus amigos, mas muito provavelmente pela constante onda de roubos que assolam a cidade douradense, mas como havia acontecido, com todos por ali? E por que sua moto, quando haviam várias motocicletas e tantos carros também? Pois muitos de seus amigos tinham uma situação muito mais privilegiada que ele. O jeito foi ir até o posto policial que fica na região central da cidade, na Rua Nelson de Araújo com a Marcelino Pires, para oficializarem a queixa.

“A semana seguinte foi muito difícil para José, as provas se acumulavam e não podia parar de estudar afinal era agora que precisava tirar boas notas para não ficar tudo para o final, e isto sempre foi o que fez. Talvez um pouco de sua fama venha desta tática, fazer logo o que tem que ser feito para não se tornar impossível no final. Agora ficava na casa de amigos em Dourados, pois não conseguia se deslocar de ônibus entre as duas cidades após o horário de trabalho e retornar à faculdade. Era impossível fazer isto todos os dias. Então decidiu ficar com Cristiano por algum tempo até decidir o que fazer e também até tirar o acontecimento do último final de semana da cabeça, que ainda o ‘martelava constantemente’. Além de tudo isto ainda tinha suas tarefas na empresa onde estagiava e queria que tudo saísse bem afinal queria ser efetivado e galgar lugares na hierarquia, comprar uma casa em Dourados e fazer nome.

“José ainda tinha que encontrar tempo para marcar um jantar com Elizabeth, menina doce que cursava a faculdade de Psicologia e tinha se interessado por ele. Tiveram alguns olhares marotos nos últimos meses e alguns bate-papos, mas nada de sério, mas parecia que ela havia se encantado com José e queria ter a oportunidade de se conhecerem melhor, talvez muito motivada pelo que sua amiga Ana – que estudava com José - falava sobre ele. José ainda não se sentia capaz de ter um envolvimento sério e se não fosse algo firme preferia nem dar esperanças, afinal isto só tomava tempo e não conduzia a nada de saudável. Pra ele o mundo estava perdido.

“Quando terminou a semana de provas, tanto para um quanto para o outro, decidiram marcar um jantar no Guaporé, afinal seria um ambiente romântico e também razoavelmente barato, haja vista que a noite mulher acompanhada não paga, e a comida de muito boa qualidade. Assim, numa sexta-feira após as provas saíram juntos da faculdade e foram para o restaurante. Pediram um vinho, apesar de não tomarem frequentemente, mas entendiam que seria o ideal para o momento. Após servirem-se tomaram mais alguns goles de vinho e jogaram bastante conversa fora e também sorriram bastante com histórias que contaram um para o outro, desde a infância e sobre algumas gafes em que se envolveram. A hora já estava avançada. Chamaram o garçom, pagaram a conta (José pagou) e foram embora. Elizabeth, que estava com seu carro, rumou em direção à casa de Cristiano, onde José estava hospedado. No caminho ela puxou conversa sobre o roubo de sua moto.

- Como tudo aconteceu José? Ninguém viu? – perguntou ela.

- Não, ninguém. Parece que esses caras quando querem roubar, roubam e ninguém consegue ver. – respondeu José. – Tinha muitas motos ali e tantos carros também e justamente a minha que ainda nem é minha direito, afinal continuo pagando o consórcio. E aquele lugar é tão claro, com gente passando a todo o momento. Ninguém viu. É muita sacanagem.

- Eu sei José, uma vez também levaram uma moto que eu tinha, mais ou menos da mesma forma que aconteceu contigo e sei a sensação terrível que passei. Parece que o

chão desaparece e não sabemos o que fazer, é tudo tão estranho. Leva muito tempo para nos recompormos. Mas percebo que já está tudo bem, ou não?

- Quanto a questão do roubo já. Já coloquei em minha cabeça que tenho que continuar batalhando e conseguir outra, pois esta já perdi as esperanças. Mas o que me deixa indignado foi a forma que fui tratado no posto policial onde registrei queixa. Eles atendem a gente como se fosse obrigação e não um trabalho ao qual são pagos para fazerem. O policial que estava lá, se posso chamar aquilo de policial, não tirava os olhos de um filme antigo que passava na televisão, a escrivadinha parecia ter passado um tufão de tanto papel, uma desorganização total. Fico imaginando como pode alguém trabalhar num lugar daqueles.

- Existem muitos assim. – concluiu Elizabeth.

- Quando chegamos lá, o Cristiano, o Afonso e o Cleber foram comigo, o cara foi dizendo ‘diga logo o que você quer que estou muito atarefado’. Parecia mesmo, assistindo aquele filme nojento. Mas fiquei na minha e falei o que podia para fazer então o registro. Quando ele me entregou uma via do boletim de ocorrência ainda ironizou dizendo: ‘não esquenta muleque, sua moto já deve estar em alguma loja de peças por aí...’.

- Já senti algo parecido também José. É nojento isto e parece que além de pagarmos os salários destes profissionais somos nós que temos que pedir por favor. Acho que é o problema da farda. Meu pai, José, sempre dizia para meu irmão escolher a profissão que quisesse, mas se ele fosse policial nunca mais era para cumprimentá-lo. – Revelou Elizabeth.

- Sou uma pessoa muito calma, mas naquele momento fiquei alterado, deu vontade de partir pra cima daquele cara, mas sei que seria pior, ainda teria que responder por desacato a autoridade. Bela autoridade, não acha?

- Bela autoridade, esta é boa José.

- Ainda bem que o Cleber me segurou e me aconselhou a ficar quieto.

- Nestas horas é bom ter um amigo “maçudo”. – Disse Elizabeth rindo.

“José olhou para ela e também caiu na gargalhada.

Meia-hora depois Elizabeth estacionou em frente à casa de Cristiano, despediram-se felizes pois a noite havia sido muito boa e a terminaram com um beijo caloroso.

“No final de semana seguinte, José foi para Caarapó visitar seus pais, pois já tinha quinze dias que não os via, e a distancia de Dourados a Caarapó é muito pequena para ter uma eternidade destas entre pais e filhos, ao menos é isto que os pais sempre pensam. Para os filhos, principalmente os homens, isto não tem tanta importância assim, afinal sempre estão envolvidos com alguma coisa, mas as filhas são mais ligadas à família. Neste caso, José era muito ligado ao seu pai e eram verdadeiros amigos, então quando podia, sempre dava um jeitinho para sumir lá pelos lados de Caarapó. Mas desta vez sua família ficou ainda mais feliz, pois José levou consigo Elizabeth (ou foi Elizabeth que levou José, afinal ela que tinha o carro...). Foi uma felicidade só, chegaram no sábado, bem cedinho, e depois das apresentações, aproveitaram para tomar um café tipicamente caipira. Depois José foi apresentar o sítio para Elizabeth, era um pequeno pedaço de terra onde seu pai plantava mandioca, um pouco de soja, criava algumas vaquinhas para tirar leite, alguns porcos, tinha também galinhas que sempre estavam soltas pelos arredores da casa as quais o ventania, o cachorro do seu Itubaldo, seu pai, não as deixava em paz. Elizabeth gostou de algumas árvores que tinha no fundo do sítio, era um lugar muito bem conservado com vários tipos de árvores e arbustos, aparentemente muito bem cuidados e mais adiante um riacho, onde José disse que mantinha alguns peixes para eventuais pescarias. Ele e seu Itubaldo

sempre deciam escondidos de D. Marialva para uma pescaria. Sabiam que ela não gostava que ficassem muito no riacho, mas quando eles voltavam com peixes grandes, principalmente Pacu e Tilápias ela se desmanchava em sorrisos, pois sabia que os dois não se contentavam até limparem os frutos da pescaria e colocarem na fogueira no fundo da casa, debaixo dos pés de Ipês que tinham lá. Ela tinha apenas que se responsabilizar pelo arroz branco o resto ficava na responsabilidade dos dois e aí dela se meter a mexer nos peixes.

“Quando Elizabeth chegou mais perto e viu o riacho ficou encantada com a beleza do lugar, tanta era a limpeza e organização que ali havia. José disse então que iria ensinar ela a pescar um grande Pacu para fazerem a noite na fogueira. Ela ficou ainda mais feliz com a idéia e o abraçou quase que de impulso. Foi o bastante para trocarem alguns beijos acalorados. Neste momento o celular de José tocou, resistiu um pouco, mas decidiu atender, era seu primo Otacílio, que tinha um lava-rápido em Dourados.

- Oh José tá bom meu caro? – Falou rapidamente Otacílio, num sotaque interiorano.

- Claro Otacílio, o que foi? Me ligando uma hora dessas?

- Onde você tá, preciso que você venha aqui agora.

- Cara, eu estou em casa com a Elizabeth, o que foi?

- Vem pra cá, acho que encontrei sua moto.

Naquele momento um frio percorreu José, não sabia definir o que era, mas olhou fixamente para Elizabeth e desligou o celular imediatamente.

É parece que não é somente na Rússia, não é meus caros? Mas vamos continuar com nosso pequeno relato.

“Cerca de uma hora depois estavam no lava-rápido do Otacílio, gastaram mais tempo atravessando a cidade do que no trajeto de Caarapó a Dourados. Quando chegaram Otacílio os levou para o escritório e contou para eles o que acontecia. Otacílio disse que um certo sujeito tinha ido até seu lava-rápido logo de manhã pedindo para lavar uma moto e depois retornaria para buscá-la. Quando o sujeito de maneiras estranhas foi embora Otacílio ficou encucado com aquilo e decidiu observar melhor a motocicleta para não ver se era roubada. Claro, Otacílio não gostava de confusão e não permitia que seus funcionários se envolvessem em coisas erradas. Se sua suspeita estivesse certa ele não lavaria a moto e assim que o cara voltasse ia dizer para ele levar a moto embora. Mas ele verificou com cuidado a Titan que se encontrava ali e teve certeza que era a moto de seu primo que havia sido roubada pouco tempo antes. José pediu para ele mostrar logo a moto, não agüentava mais o suspense. – Vamos lá então, coloquei ela aqui nos fundos.

“Suas pernas tremeram quando viu a motocicleta, apesar de estar bem suja e com alguns estragos não teve dúvidas, era realmente sua moto, mas preferiu conferir com cautela antes de afirmar qualquer coisa. Conferiu tudo... chassi... tudo. Era ela. Agora tinha certeza. Decidiram esperar o tal cara voltar.

“Quando o cara retornou, com ar de superior, para buscar a motocicleta e viu que a mesma ainda não estava lavada ficou irritado e foi tirar satisfação com o Sr. Otacílio em seu escritório, mas encontrou lá dentro José e também Elizabeth que fecharam a porta e o questionaram sobre a propriedade da moto. Depois de muita conversa e desaforos o tal sujeito tirou uma carteira do bolso e mostrou todo sorridente para eles, dizendo: - Vocês estão falando com um policial, cuidado com o tom de voz mocinha. – Disse todo confiante.

- Você é um policial e o que está fazendo com minha moto? – Perguntou agressivamente José.

- *Quem disse que esta moto é sua?*
 - *Eu tenho os documentos. Aqui estão. Pode conferir.*
 - *“O tal sujeito deu uma olhada sobre os documentos que José o apresentava e fez cara de nojo.*
 - *Mas o que isso prova. Esta moto foi roubada a cerca de um mês e não tem mais dono.*
 - *Retrucou o tal sujeito.*
 - *Deixe-me ver sua carteira novamente. – Falou Otacílio.*
 - *“O sujeito mostrou novamente a carteira então para eles e Otacílio confirmou que era de verdade”. Também aproveitou para verificar o nome do sujeito. Aloísio. Que sacana.*
 - *“Tempo depois, e vendo que a conversa não chegaria num resultado satisfatório para eles, decidiram ligar para a Polícia Civil, aquela mesma ali na Rua Cuiabá, onde nos finais de semana se instala a feira livre. Depois de algum tempo e mais alguns bate-bocas foram para a delegacia. Lá chegando foram atendidos pelo delegado de plantão o Sr. Virginio, homem de enorme bigode, com cabelo desfeito e uma visível barriga, devia ter seus cinqüenta anos. Na sala também havia um outro cara, mal humorado e que usava aqueles coletes pretos escritos “Polícia Civil” nas costas – para intimidar.*
 - *Vão falando, o que houve e porque tanta gente? – Disse asperamente o delegado.*
 - *“Então José, meio sem voz, disse o que estava acontecendo ao delegado e pediu soluções. O delegado, firme em seu posto autoritário olhou fixamente para José, depois para os demais que ali estavam, refletiu um pouco e soltou: - Filho, não sei porque veio até aqui, qual a coragem que o motivou a vir nos trazer seus problemas, talvez esta moça linda que está ao seu lado ou talvez algum ato imbecil, mas já que está aqui é melhor baixar a bola e ficar quietinho. Veja bem! Sua motocicleta ficou na delegacia por semanas e ninguém veio retirar ou dar queixa da mesma, então os policiais estão usando. Isto não é crime. É normal.*
 - *Mas, eu registrei queixa por ocasião do roubo no posto policial da Nelson de Araújo.*
 - *Esqueça, filho. Esqueça. Escute só o que lhe digo e nada mais.*
 - *“José engoliu em seco, mas se conteve.*
 - *“Então continuou o exemplar delegado: - Pegue sua moto e desapareça, fique bem quietinho e nada vai lhe acontecer.*
 - *Quem vai pagar pelos prejuízos?*
 - *Filho! Não esquentar com isso, você recuperou sua moto não? Então vai e fique de bico fechado. Nós sabemos quem você é.*
 - *“José levantou-se da cadeira em que se encontrava e virou-se sem ao menos estender a mão ao delegado e saiu da sala, sua namorada e seu primo o acompanharam, quando ouviu o delegado ainda dizer para ele: - Bico calado, filho. Sabemos onde mora e tudo sobre sua família. Bico calado.*
- José não sabia o que fazer, se ria por ter recuperado sua moto, importante meio de locomoção para ele e que agora se encontrava com alguns problemas e teria de gastar para arrumar, ou se chorava de raiva daquele povo, os tais defensores da lei e da ordem. Que exemplo. Realmente não sabia o que fazer. Ficou alguns minutos em pé na porta da delegacia até que Elizabeth lhe disse que precisavam ir, continuar a vida, quando ele disse: - Burro, fui burro, devia ter gravado a conversa com esses caras e depois arrumar um advogado de caráter para não deixar isto em branco. Mas, aí é que fico preocupado, onde achar um advogado que vai fazer isto, se nem na própria polícia podemos confiar e vocês ouviram ele me ameaçar e a minha família, não?*
- *Ouvimos, deixe pra lá. “O deles” vai chegar. – Disse Otacílio.*
 - *Tenho plena certeza disso – confirmou Elizabeth – vamos.*

“Saíram abraçados dali”.

Pois é, o amigo de meu amigo me contou esta história e disse que é verdade. Então se realmente é verdade não é só na Rússia que temos policiais corruptos. Não é?

(Baseado em fatos reais. Os nomes e localidades foram alterados para preservar a identidade dos cidadãos reais).

Iuri Kosvalinsky
01.04.2009

UMA LINDA JOVEM DO BRASIL

Dei entrada no Hotel Semiskaya, na Criméia, durante o verão ucraniano, curto, mas que atrai milhares de pessoas de todos os cantos do mundo. Minha intenção e como foi de fato, era passar apenas três dias naquele maravilhoso hotel, luxuoso como se diz nos folhetos de turismo. Svetlana não pôde me acompanhar, pois havia partido há alguns dias para Tartu, na Letônia. Nossos filhos, Igor e Raissa, ficaram com seus avôs. Tirei algumas horas, logo após minha chegada, para conhecer melhor aquele hotel, seus corredores, piscinas, refeitórios, salões, academia, bosque e tudo o que podia, antes mesmo de pisar às margens do Mar Negro. Claro, quem for à Criméia e não conhecer o Mar Negro não pode dizer que esteve na região.

Na primeira noite aproveitei para andar pela costa da cidade e conhecer melhor este paraíso, o qual se fala por toda Moscou. Comecei a perceber que havia perdido muito tempo, deveria ter ido alguns anos antes, mas tudo bem. Várias outras pessoas também caminhavam por ali, parece que todos queriam sentir as estrelas às margens do Mar Negro. Encontrei pelo caminho, vários italianos, franceses, alemães, árabes, indianos, alguns japoneses, além de vários russos, muitos ucranianos, poucos norte-americanos, vários colombianos, argentinos e um ou outro brasileiro. A noite estava realmente muito boa para caminhada. Um pouco afastado um bando de ingleses e vários outros jovens de diversas etnias estavam sentados ao redor de uma fogueira cantando canções diversas e bebendo todo tipo de bebida. Moças corriam ao Mar e voltavam após um breve mergulho, o frenesi não parava e lembrei-me de quando era mais jovem, a vitalidade que possuímos vai ficando cada vez mais para trás.

Retornei ao hotel tarde da noite e tomei um banho e fiz uma breve ligação para Svetlana, para contar sobre minha primeira impressão da Criméia e também do maravilhoso Hotel Semiskaya. A ligação estava muito ruim, mas conseguimos nos falar razoavelmente e ficamos felizes em saber que cada um estava se divertindo à sua maneira. Svetlana já estava há cerca de cinco dias em Tartu, na Estônia, provavelmente mais dois ou três dias conseguiria terminar tudo e retornar para Moscou.

Deitei-me ao som de Дыши Земфира Вендетта de nossa cantora pop Zemfira e acredito que – com a janela do quarto aberta - “apaguei” rapidamente, pois não me lembro de nenhuma música que tenha ouvido naquela noite.

Espera aí, vou esclarecer um pouco sobre a Criméia, antes de continuar nossa história, afinal como posso falar de um lugar tão paradisíaco se nem ao menos digo onde se localiza.

A Criméia é uma península e uma república autônoma da Ucrânia situada na costa setentrional do Mar Negro. Possui uma área de 26.000 km², com população de 1,9 milhões de habitantes (2005), tendo como capital a cidade de Simferopol. A costa da Criméia é repleta de baías e portos. Os antigos poderosos do regime soviético possuíam dachas na costa da Criméia, onde se encontram vários vinhedos e pomares, também a pesca, produção de diversos óleos e a pesca são fontes de renda importantes. São notáveis nesta região vários edifícios da família imperial russa. Após ser governada como parte integrante da República Soviética da Rússia, em 1954, Krushev transferiu a

posse da Criméia para a Ucrânia como presente pela comemoração do 300º aniversário da unificação da Rússia e da Ucrânia, então com a queda do regime soviético em 1991 a Criméia passou a ser parte integrante da Ucrânia. Em 1992 esta república proclamou sua independência mas continuou como parte integrante da Ucrânia. Fala-se o ucraniano, o russo, o tártaro da Criméia, além de armênio, polonês e romeno, mas nas ruas de suas cidades litorâneas encontram-se todo tipo de idioma e dialetos.

No segundo dia, logo de manhãzinha tomei o café na sacada do hotel, que possuía uma bela vista para o Mar Negro. Vou dizer uma coisinha que talvez não lhes agrade, apesar de ter ido à Criméia e poder tocar o Mar Negro, não sou apaixonado por estes locais, prefiro a natureza das selvas, florestas ou coisa parecida, locais que possuam um pouco mais de sombra e ventos mais camaradas. A água, o sol e o vento que as praias possuem não me atraem. Bem, mas a visão que eu tinha a partir do hotel fazia qualquer cético parar e refletir sobre a grandiosidade da mãe natureza. A cada dia ela nos brinda com suas maravilhas.

Cerca de uma hora depois decidi visitar a cidade de Partenit cerca de dois quilômetros do Hotel Semiskaya, preferi ir andando para contemplar as maravilhas pelo caminho e claro não foram poucas. Partenit é uma cidade antiga que atrai muitos turistas e que possui inúmeras lojinhas onde se pode comprar de tudo para levar para casa, desde pequenas lembranças, passando por caros tapetes persas, samovares espetaculares, e grandes coleções do que se pensar desde a época dos czares russos, passando pelo regime soviético até os dias atuais. Partenit é um lugar ímpar, convivendo com russos e ucranianos para o crescimento do turismo na região e bem-estar de seus habitantes. Passei por algumas lojinhas, comprando alguma coisa aqui outra ali e curiosando bastante várias delas que nem percebi as horas passarem e já iam por volta do meio-dia quando resolvi parar num café e comer alguma coisa. Bem! Tudo estava feito, as encomendas da universidade, bem como de minha família já estavam a salvo na mochila e poderia agora curtir um pouco de descanso ao qual vim decidido para a Criméia.

Cidade que não parei no dia anterior quando cheguei de Simferopol a capital da Criméia. Partindo de Simferopol são 63 (sessenta e três) quilômetros rodovia afora, passando por Alushta, Malyi Malak, Pereval'ne, Dobre... e outras poucas cidades ao redor da rodovia, percurso de aproximadamente – com sorte – quarenta a cinquenta minutos.

Retornei novamente à pé ao hotel e o trecho agora parecia de uma beleza que não havia visto em minha caminhada anterior. Realmente a natureza nos surpreende a cada instante, sempre podemos tirar algo de novo dela. Então minha máquina digital registrava muitas paisagens para depois ser mostradas tanto para Svetlana, quanto para Igor e Raissa, além dos colegas da universidade, estes os que mais ficam querendo saber o que se passou, como foi e tudo mais.

Decidi naquela tarde ensolarada ficar na piscina do hotel e me refrescar por ali mesmo, ao invés de caminhar até a praia e tomar aquele sol abrasador. Rapidamente me encontrava debaixo de um guarda sol á beira da piscina, tomando uma dose de vodca. Do outro lado notei que se encontrava uma linda morena de longos cabelos negros que

aparentemente não tirava os olhos de mim. Tenho que admitir ela realmente era muito bonita e sedutora. Mas ela no mundo dela e eu no meu.

Meia-hora depois o garçom trouxe-me outra dose de vodca e alguns aperitivos e aproveitei a oportunidade para perguntar-lhe quem era a moça atraente. Disse-me ele que ela estava já há alguns dias no hotel e provavelmente partiria em breve e que era do Brasil e aparentemente era de uma família da mineração. Era só o que sabia.

Em breve eu comprovaria que ela realmente era do Brasil. Como? Ela levantou-se, deixou seu vestido de praia apoiado na cadeira de sua mesa e circulou a borda da piscina em direção onde eu estava. Comecei a pensar em outras coisas e a desviar o olhar, mas ela continuava vindo... vindo em minha direção. Afinal naquele horário estávamos a sós na piscina. Aparentemente, todos os demais hóspedes, ou se encontravam em passeios turísticos, ou estavam ali na praia ou haviam ido até a cidade como eu havia feito na manhã anterior, também poderiam estar no aconchego de seus apartamentos.

Ela caminhava com delicadeza e tinha todas as curvas femininas que somente as brasileiras apresentam. Fartos seios. Belas curvas. Trajava um biquíni preto que lhe caía muito bem.

Quando chegou no rumo de minha mesa mergulhou na piscina. Foi de um lado ao outro nadando. Quando na outra borda tomou alguma coisa que não consegui definir o que era, mas suponho que também era vodca continuou a nadar... a nadar e a nadar. Não saía da água. Minutos depois mergulhou novamente e....

Comecei a ficar preocupado com a bela jovem. Não voltava à superfície. Já fazia um bom tempo e nada. Já estava pensando em entrar na água quando de súbito ela voltou.

Fico refletindo o que leva uma moça tão bonita como aquela a fazer estas loucuras e porque estava sozinha naquele lugar? Mas cada qual tem suas preocupações e cada um sabe o que é melhor para sua vida.

Ela voltou, mas algo estava errado, percebi que não estava respirando, havia perdido a consciência. Então, sem perca de tempo, pulei na piscina e a trouxe para fora daquela água que – para mim – estava muito fria. Inclusive podia se ver em sua pele, toda arrepiada. Rapidamente fiz os procedimentos de primeiros socorros e percebi que estava reagindo. Com a ajuda do “meu amigo” Partov, o garçom, levamos a jovem princesa ao seu quarto. Deitei-a em sua cama e esperei alguns minutos até perceber melhoras na linda jovem. Quando percebi que tudo estaria bem a deixei sozinha e fechei a porta com cuidado para não incomodar e voltei para a piscina continuar com meu repouso.

Partov chegou até minha mesa e sentou-se e por conta de uns rublos me deu novas informações sobre a jovem salva. Quem diria hein! Antes ele não sabia nada agora me revelava até mesmo a idade da moça.

Por volta das seis horas da tarde resolvi então visitar as ondas calmas do Mar Negro, pisar um pouco nas pedras de suas margens e caminhar sem rumo sentindo a brisa do mar de encontro à costa. Novamente encontrei o mesmo grupo de jovens e amigos cantando e dançando, bebendo e correndo, como na noite anterior. Pra mim, loucos.

Retornei ao hotel por volta das nove horas, peguei minhas chaves e subi ao apartamento 909.

Quando estava me preparando para tomar um banho, a campainha tocou. Era novamente o velho e bom amigo Partov. Trazia-me um pequeno bilhete. Agradei e ele retornou à recepção.

As onze horas conforme dizia o bilhete eu estava em frente à porta do apartamento 1129, sem maiores pretensões. Apenas para descobrir qual o interesse da dona do bilhete em querer falar comigo naquelas horas em seu apartamento. Quando ia tocar a campainha percebi que a porta estava apenas entreaberta. Entrei e fechei a porta logo atrás de mim. Feito isto a jovem brasileira veio ao meu encontro caminhando como uma ninfa num vestido totalmente transparente onde – sem maiores esforços – conseguia notar suas marcas bronzeadas. Ela apenas me abraçou contra a parede e beijou meu pescoço. Uma mistura de preocupação e prazer ardeu em meu corpo. Ao fazer isto deixou cair lentamente seu inusitado vestido ao chão, escorregando calmamente e soltou minha cinta, apertando minhas partes íntimas inesperadamente e de um jeito único. Pude perceber num espelho logo na parede uma linda tatuagem em seu cóccix, que parecia uma adaga com duas asas. Êxtase! Em seguida desabotoou minha camisa e a retirou cuidadosamente como que observando cada músculo do meu corpo. Ao terminar esta maravilhosa manobra reiniciou a sessão de beijos do pescoço para baixo. Cuidadosamente foi descendo... descendo... Pare! Foi o que disse – meio a contragosto – Moça você não deve fazer isto. Mas ela me disse que se sentia muito grata pelo salvamento durante a última tarde e precisava agradecer-me. Como poderia isto estar acontecendo. Pra mim ela não pensava nas conseqüências daquela atitude, mas eu devia manter minha consciência. “Sei que precisa me agradecer, mas acredito que isto não seja a melhor maneira. Não estamos sendo corretos”, insisti, mas ela me disse que havia tomado muita vodka naquela tarde e que pensava em desistir de tudo e então quando eu lhe salvei ela percebeu que estava cometendo um erro enorme e que ainda tinha muitas coisas para realizar neste mundo. “Sim, mas não há nenhuma necessidade em me agradecer. O que fiz foi simplesmente o que precisava ser feito naquele momento. Já estou satisfeito. E eu não posso fazer amor contigo. Não é correto”. “Mas eu preciso agradecer. Preciso”, insistiu novamente. Sem mais palavras me rendi a seus encantos e ali mesmo em pé ela continuou a maravilhosa sessão de beijos que desciam a partir do pescoço, passando por todo meu tórax e descendo... descendo... descendo cada vez mais... descend... descen... até.

Retornei para Simferopol logo após o almoço do dia seguinte, onde pegaria o voo de retorno à Moscou ao final da tarde, aliviado e com minha consciência tranqüila, sabendo que apesar das loucuras daquela jovem brasileira, nada passara de apenas um fútil ato inconseqüente. Sabedor também de que não havia dormido com ela e tranqüilo quando voltasse para Svetlana.

Iuri Kosvalinsky
25.11.2009

O QUE ACONTECEU COM SVETLANA

Realmente penso que nunca vou conseguir entender Svetlana. Depois de um tempo tumultuado ela retirou parte deste ano para cuidar de si própria, organizar sua vida, sua agenda, ficar um pouco mais com as crianças e cuidar de si mesma. Isto é muito importante para sua saúde e fará ela ser uma pessoa mais tranqüila e feliz. E sabe que isto está fazendo bem até mesmo para mim. Como? Claro, Svetlana agora está me surpreendendo a cada dia, sei que não devia, mas vou registrar aqui algumas “loucuras” amorosas que passamos neste último mês.

Logo no início do mês de Março, não me recordo bem a data, mas deve ter sido entre o dia oito e o dia dez, cheguei em casa por volta das vinte e três horas, horário razoável tendo em vista o transito infernal que estamos tendo em Moscou, nos últimos tempos. Não encontrei Svetlana na sala como de costume, ao invés disto, ela se encontrava deitada de bruços em nossa cama, com um vestidinho colorido e com suas nádegas à mostra e sem calcinha. Quando notei minha bela esposa deitada majestosamente naquela cama, um impulso tomou conta de mim e silenciosamente me aproximei dela e ajoelhado ao lado da cama, acariciei-a delicadamente desde seus pezinhos até a nuca. Ela se mexeu vagarosamente e me disse que não parasse, pois estava gostoso e que havia me esperado, mas como demorei pegou no sono. Abraçamos-nos e nos amamos ali mesmo, linda e quente como estava. Nunca vou me esquecer daquela visão quando cheguei e abri a porta de nosso quarto. E mais linda ainda era sua marca de biquíni que nitidamente marcava seu corpo.

-0-0-0-0-

Dois ou três dias depois novamente fui surpreendido pela “gostosa” da Svetlana. Saí do banho e estava me penteando em frente ao espelho do quarto quando subitamente ela me abraçou por trás e rapidamente pegou meu pênis com força e iniciou uma seção de carinhos fofos. Eu nem mesmo me deixei irritar por aquilo afinal foi maravilhoso, Svetlana sabe me deixar sem atitude e em praticamente em suas mãos. Pouquinho depois eu quase não me agüentava mais e tive que me virar e agarra-la ali mesmo e nos amarmos. Terminou depressa mas foi maravilhoso. Ela me deixou aliviado e com muito mais tesão ainda. Vivo pensando nela e nestas espetaculares atitudes.

-0-0-0-0-

No mundo atual com internet, e-mail, orkut e tantas outras ferramentas disponíveis a vida ficou muito superficial e banal, a todo instante estamos recebendo mensagens sem pé e nem cabeça, spams e tantas outras porcarias que fica até difícil achar o que é bom e interessante. Mas dentre todos devo admitir que recebi dois vídeos por e-mail estes dias que me deixaram boquiaberto, de mulheres brasileiras, que nos tiram o sono. Mas logo em seguida após observá-los com muita atenção os deletei e isso foi tudo.

-0-0-0-0-

Por volta do dia quinze de março, cheguei realmente cansado da universidade e não vendo Svetlana no apartamento resolvi tomar um banho e deixar-me. Eu deveria estar realmente cansado pois peguei no sono quase que imediatamente ao banho, nem mesmo dando tempo de me trocar. Alguns minutos ou horas depois – não sei precisar – senti uns toques acalorados subindo por minhas pernas e rapidamente tocando meu pênis. Acordei imediatamente, mas permaneci deitado como estava, afinal Svetlana olhou para mim e sorriu como dizendo fique tranquilo que você vai adorar. Ela que tinha roçado minhas pernas com suas mãos e seus mamilos, agora praticava uns adoráveis e gostosos beijos e mordidas em meu pênis o que estava me levando a loucura. Ela intercalava um carinho com sua deliciosa boca e língua com outro com sua firme e sedosa mão. Outro com a boca e... outro com... Eu não me agüentava mais e finalmente... Foi realmente algo inesquecível. Svetlana me deixou sem respiração e sem palavras os carinhos disseram tudo.

-0-0-0-0-

Chegando para o almoço dia dezenove de março, encontrei minha adorável companheira no corredor e imediatamente senti uma vontade imensa em agarrá-la. Isto já estava se tornando fato comum entre nós. Ela também gostou e com um forte abraço começamos a nos beijar ali mesmo e fui então descendo seu corpo todo e sacando seu vestido branco como se nada estivesse vestindo. Toda parte de seu maravilhoso corpo pedia meus lábios. Virei-a contra a parede e nos tornamos apenas um. Então com os quadris começou com movimentos agitados e constantes o que me deixava cada vez mais “louco” e “tarado” e selvagememente nos amando e nos beijando chegamos ao êxtase ali mesmo naquele pequeno corredor.

-0-0-0-0-

Um dia destes ainda dentro do mês das surpresas de Svetlana, quando o frio deu uma trégua e o sol apareceu em Moscou ela apareceu no final do expediente em meu escritório na Universidade Lemonossov. Quando a secretária anunciou que ela estava ali para me ver não acreditei, pois ela nunca aparece. Não sei se isto é bom ou não. Imediatamente, entretanto, solicitei que ela entrasse. Continuei com minhas tarefas no computador, pois precisava terminar aquele trabalho que na manhã do dia seguinte haveria uma reunião com os reitores. Ela entrou em minha sala e caminhou às minhas costas, beijou-me e disse “olá”. Também a cumprimentei-a da mesma forma e então ela tirou meus óculos, dizendo “este trabalho pode esperar”. Passei a mão por sua cintura e notei que por debaixo daquele vestido colado que usava nada mais havia e minha mão percorreu delicadamente seu corpo todo. Deliciosamente. Ela abaixou minhas calças e sentou em meu colo. Foi maravilhoso, logo em seguida ela estava deitada sobre minha mesa e eu sobre ela até que não agüentei mais e...

-0-0-0-0-

Ainda, num destes dias eu me encontrava mexendo em alguma coisa na cozinha ao passo que ela chegou silenciosamente e ficou me observando até que percebi que havia alguém atrás de mim e me virei. Svetlana trajava um espartilho lindo, todo branco, mais parecia uma ninfeta em minha frente. Não me contive e a aguarrei como nunca. Ela estava muito deliciosa naquele dia e me deixou sem energias.

-0-0-0-0-

Mas de tudo o que aconteceu o que mais me deixou extasiado foi a surpresa que ela me fez quando cheguei do trabalho no final do dia vinte e cinco. Lá fora nevava e nada era diferente dos demais dias de março na capital russa, mas em casa o clima ficaria quente. Quente demais. Cheguei razoavelmente cedo neste dia, por volta das dezenove horas e encontrei na sala de casa duas visitas as quais não conhecia. Acreditando serem amigas de Svetlana apenas as cumprimentei e fui ao quarto deixar minha mochila. Percebi sorrisos marotos naquelas beldades. Mas não entendi nada. Cheguei ao quarto e encontrei Svetlana toda linda e gostosa como sempre, abracei-a jogando minha mochila sobre a cama e ela marotamente me sussurrou “hoje tenho uma grande surpresa para você, venha”. Ela me levou á sala e apresentou-me às suas “supostas amigas”, Liudmila e Iulia. Elas trajavam vestidos completamente leves e soltos e de cores vivas, um pouco estranho para aquela época do ano em Moscou, mas vai entender as mulheres. Após os cumprimentos elas se levantaram e começaram a me abraçar e beijar e também soltar minhas roupas. Svetlana fez menção em atender o celular e saiu da sala. Logo em seguida seus vestidos começaram a deslizar suavemente de seus corpos parando somente ao tocar o chão. Isto era impossível, não poderia estar acontecendo só podia ser mesmo um sonho, mas percebi que era real e muito real, quando uma delas me mordiscou o pescoço. Neste momento estavam apenas de biquínis. Elas então se despiram completamente e eram maravilhosas como esculturas em minha frente com tudo durinho, bumbuns arrebitados, seios médios, pernas bem torneadas, cheirosas, cabelos grandes e sedosos e bocas lindas. Tudo remetia ao pecado e elas me deixaram completamente nu e louco quando as acariciei, seios, nádegas, coxas, barriguinhas... e quando elas vivamente investiram sobre mim esqueci de tudo, deixando-me ser abatido por aquelas fêmeas carinhosas, enquanto uma beijava a outra me acariciava, depois não sei mais o que aconteceu, acredito que fiquei paralisado e me deixei levar, o que mais poderia fazer. Ainda sinto o toque de suas peles e saudades de tudo aquilo.

-0-0-0-0-

Svetlana aproveitou o mês de março (não sei por que) para pregar estas peças em mim. Ela é fantástica e a cada dia fica mais gostosa. Svetlana meu amor.

Iuri Kosvalinsky
12.01.2010

O JOVEM IRMALOV

De fato parecia que o céu iria desabar. Tanto a escuridão e os relâmpagos que assolavam a imensidão, e a chuva incansavelmente arrasava o solo abaixo. Mesmo nesta atmosfera aterradora o jovem Astanov continua em casa, impaciente e aguardando notícias sobre o nascimento de seu filho.

Anieva, sua esposa e companheira de alguns anos, se encontra – há cinco longos e intermináveis dias – internada no Hospital Público Tarlov nos arredores de Irkutsk. Anieva apresentou algumas complicações durante toda a gestação e constantemente Astanov era forçado a retornar para casa mais cedo, deixando o trabalho para trás para socorrer Anieva. Isto se estendeu por praticamente os nove meses da gestação, mas agora este sofrimento estava prestes a terminar e ele rezava aos antigos espíritos do Baikal para que tudo corresse bem, mas assim mesmo ele não conseguia ficar tranqüilo e aguardava ansioso por notícias do HPT, Hospital Público Tarlov.

Noite adentro mais e mais insegurança e medo se apresentavam à pequena cabana do casal Toskinev e a preocupação não terminava, pois nada de notícias chegava.

Astanov tinha vivido praticamente toda sua vida nos arredores de Irkutsk trabalhando num pequeno armazém que por muitas e muitas vezes quase não tinha o que fazer, pois faltavam muitos produtos e assim não tinha o que fazer, e assim se envolvia em muitos momentos com a leitura, costume que veio a se tornar hábito diário, e na Rússia, em qualquer lugar que se for, não falta opções de leitura, os mais variados temas são encontrados, passando dos novos semanários e dos documentários de Lênin, até aos famosos livros da era de ouro da literatura russa czarista, como Tolstoi, Tchekhov, Puchkin, Dostoievsky, Gogol e tantos outros que colocaram a Rússia entre os grandes da literatura mundial.

Este momento de ansiedade o fez lembrar que também nascera num clima hostil quando seus pais estavam de viagem na cidade de Kazan e também naquela época, no ano de 1985, uma tempestade torrencial assolou a cidade e assim como ele, seu pai também – na hora do parto – não se encontrava com Soslaya, sua mãe. Aparentemente o jovem Astanov desenvolveu algum tipo de aversão à Kazan, pois jamais retornou à cidade, mesmo em ocasiões em que seu pai continuava visitando a cidade. Mitkin, seu pai, era um grande caçador das estepes russas e durante uma caçada de ursos no inverno siberiano de 1992 desapareceu, nunca mais se ouvindo falar dele. O governo local organizou uma equipe de resgate, mas jamais encontraram seu corpo. Mesmo assim, dois anos mais tarde, em 1994, foi encontrado seu rifle cuidadosamente encostado numa árvore típica da taiga siberiana. Este rifle, justamente é o objeto que Astanov, sentado na sala de sua casa, mantém os olhos fixos, como que tentando lembrar-se dos poucos anos que passou ao lado de seu pai e assim permaneceu por longo tempo, como se os ponteiros do relógio houvessem parado.

A notícia finalmente chegou e o pequeno menino estava nascendo em Tarlov. Assim falou um mensageiro. Imediatamente um alívio pareceu tomar conta de Astanov, foi como se alguém houvesse lhe aplicado um sedativo. Imediatamente Astanov correria ao hospital para ver sua família, então... não ele não foi imediatamente. Ao invés disto, Astanov se armou com seu agasalho e pegou algumas ferramentas indo imediatamente aos fundos do quintal de sua casa. Começou, mesmo embaixo daquela tempestade, a cavar um grande buraco que levou aproximadamente dez minutos. Plantou nele então uma muda de conífera. Feito o ato, Astanov abraçou a pequena muda e fez algum tipo

de oração silenciosa. Levantou-se e saiu calmamente daquele local. Voltou mais uma vez e após tocar suavemente a pequena árvore finalmente seguiu ao hospital de Irkutsk.

Um beijo carinhoso em Anieva demonstrou a saudade que o mesmo sentia dela e a sensação de que tudo estaria bem. Ela, por sua vez, sentiu paz ao vê-lo e ficou ainda mais contente quando ele lhe deu um belo buquê à moda russa. Ele disse à ela que continuava linda como sempre, e ela sorriu amorosamente. Logo o pequeno Irmalov chegou ao leito, trazido por uma enfermeira de longos cabelos louros e olhos verdes, em seu crachá constava que seu nome era Inga, originária de Vladivostok. Anieva recebeu então o pequeno Irmalov e após carinhos tanto dela quanto de Astanov ela o amamentou. A enfermeira saiu do quarto e – não se sabe por que – Astanov sentiu uma sensação estranha, como se algo que não pudesse explicar houvesse acontecido naquele momento e por causa daquela mulher. Mas, estava ali com a finalidade de dar segurança para sua família e o pequeno Irmalov precisava da mãe e do pai. Ele, já era um grande sobrevivente, depois de tantas preocupações e dificuldades que haviam passado com o parto, agora tudo estava tranqüilo.

No dia seguinte a família Toskinev retornou para casa. Agora, o patriarca deveria dar entrada nos papéis que fariam com que Anieva recebesse a dispensa do trabalho de dezoito meses de dispensa maternidade e também teriam direito a indenização do governo russo de cerca de vinte mil reais⁶, feito isto ele poderia retornar ao trabalho tranquilamente. Entretanto, a primeira ação do casal Toskinev quanto ao primogênito foi levá-lo para sentir de perto a presença da pequena conífera. Tanto Astanov quanto Anieva puderam sentir que o menino tinha uma ligação com aquela árvore. Isto lhes alegrava, mas e o futuro...

Irmalov cresceu com o carinho da família e de vários amigos e alguns familiares que ainda residiam na bela Irkutsk. Mas desde cedo sentia que algo existia entre ele e as forças ocultas do universo. Ele também era referência para os vizinhos, sempre estudioso e obediente, era o filho que todos gostariam de ter. Gozava de uma saúde espetacular e nunca conseguiam encontrá-lo com alguma dor ou mesmo reclamando de qualquer coisa. Até mesmo, em alguns momentos seus pais achavam isto estranho, como uma criança sempre estava bem e nunca se queixava de nada?

O tempo passou. Passaram-se seis anos e Irmalov nesta época já estava cursando a escola como qualquer outra criança.

Passaram-se sete anos. Passaram-se oito anos, nove, dez... doze, treze e também os quatorze anos e tudo corria bem com o rapaz de olhos grandes e cabelos louros.

Daí surgiu um novo membro na família, Todor, o novo filho do casal, nascido após nove meses de uma gestação sem riscos e com tudo dentro do que uma futura mãe espera. Nunca, fora os exames de rotina, necessitou de maiores cuidados o que era um imenso contraste com a gestação de Irmalov, de quatorze anos antes. Ele também nasceu no hospital da região e tudo transcorreu muito bem, logo após seu nascimento já pode voltar para casa, mãe e filho em plena saúde. Até mesmo o casal achava estranho, como uma das gestações poderia ter dado tanto trabalho e preocupação e este agora nada acontecia, tudo transcorria normalmente, eles se perguntavam às vezes.

⁶ O valor de aproximadamente vinte mil reais (data 28.12.2009) de prêmio que o governo dá para o nascimento de um filho é em consequência de que a sociedade russa está ficando muito velha e com poucos jovens e isto preocupa o futuro da Rússia.

Quanto teve idade também começou a ir para a escola era – a principio – um bom aluno. Tinha sua vida normalmente como toda criança, daqui ou de qualquer lugar fora de Irkutsk.

Certo dia Irmalov passou em frente a Igreja de Kazan (Казанская церковь) com suas cúpulas azuis e decidiu prestar homenagens ao Salvador. Naquele momento sentiu novamente um mal estar estranho, indecifrável. Decidiu então que precisaria procurar alguns médicos com certa urgência. Saindo da igreja encontrou um estranho que ao olhar para ele apenas lhe disse “a medicina não vai lhe ajudar”, e imediatamente desapareceu. Irmalov ficou preocupado, mesmo com quatorze anos, uma criança ainda, mas isto é muito estranho. Contou esta experiência alguns dias depois a seus pais que não deram muita atenção.

Os inúmeros exames realizados por ele junto ao hospital de Irkutsk nada apresentaram e tudo estava em perfeitas condições. Mas mesmo assim, as palavras daquele estranho, encontrado alguns dias antes, em frente a Igreja de Kazan ainda ressoavam em sua mente e simplesmente não sabia o que fazer, em dado momento acordava em meio da noite como se tivesse tido um pesadelo sobre morte. Estranho. Com tudo isto preferiu, mesmo assim, tentar esquecer estas palavras.

O tempo passou e durante uma viagem para Vladivostok, quando já tinha vinte e um anos, sentiu novamente um mal estar e desta vez muito maior... Aquelas palavras do estranho encontrado em frente à igreja voltaram. Dois dias depois disto teve que ser internado às pressas no Hospital de Vladivostok e ficou.

Nos dias que se seguiram a internação, Irmalov percebeu que seu pai andava muito estranho, quieto e quase não se via ele reunido com a família. Aparentemente, mesmo na mente de Irmalov ele percebia que algo estranho estava acontecendo. Será que se referia aos problemas que vinha enfrentando? Como poder saber? Será que ele não estava se atormentando sem razão? Boas eram coisas que um jovem de vinte e um anos não precisaria estar preocupado, afinal seu pai deveria saber o que fazer, tinha sim, que se preocupar em reunir forças para se livrar dos problemas de saúde que lhe afligiam.

Numa certa noite – dois meses após ser liberado do hospital – estavam todos reunidos na ceia, Irmalov segurou muito forte a mãozinha de seu irmão. Nada mais aconteceu e os pais acharam esta atitude estranha.

No dia 23 de junho do ano seguinte o jovem Irmalov completou vinte e dois anos e o céu que durante muitos dias anteriores se encontrava belíssimo, amanheceu totalmente escuro formado por grossas nuvens de chuva. Um vento muito forte também atingiu a região e por volta das três horas da tarde a árvore que seu pai havia plantado quando de seu nascimento se encontrava caída no chão, totalmente desgalhada e sem vida. A conífera que também atingia seus vinte e dois anos já não fazia mais parte daquele terreno e nada adiantou ser feito para recuperá-la. O jeito foi cortá-la e deixar do lado de fora da casa para que o serviço de limpeza pudesse dar conta da mesma.

Quando sua mãe Anieva e Astanov, seus pais chegaram em casa encontraram o jovem Irmalov caído em seu quarto e nada conseguia fazê-lo acordar. Nem mesmo o chamado de seu pai, os gritos de sua mãe, nada o acordava. Foi levado com urgência ao hospital

de seu nascimento, o Hospital Público Tarlov, mas tudo que fizeram foi em vão. Nem um sopro de vida havia no corpo do jovem Tikhonov. Nada mesmo surtia resultado. Durante os últimos procedimentos sua mãe, Anieva Toskinev sentiu, embora não conseguisse visualizar, que havia mais alguém naquele quarto. Uma estranha sensação.

Ele foi sepultado no cemitério municipal de Irkutsk sob chuva e uma multidão apareceu no local para as últimas homenagens.

Iuri Kosvalinsky
13 de Janeiro de 2010.

INDICES DE FIGURAS

Figura 1, criado por Igor Sant´ana Veroneze em 16.04.2010;
Figura 2, criado por Igor Sant´ana Veroneze em 21.04.2010;
Figura 3, criado por Raissa Sant´ana Veroneze em 12.06.2008.